



Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317502067

VERDADEIRO M E T O D O

DE ESTUDAR,

P A R A

Ser util á Republica, e á Igreja:

PROPORCIONADO

Ao estylo, e necessidade de Portugal

E X P O S T O

*Em varias Cartas, escritas polo R. P. *** Bar-
badinho da Congregasam de Italia ao R.
P. *** Doutor na Universidade
de Coimbra.*

TOMO SEGUNDO



=N.º 15.955=

Sala	<i>ct</i>
Est.	<i>C</i>
Tab.	<i>4</i>
N.º	<i>27</i>



V A L E N S A

N A O F I C I N A D E A N T O N I O B A L L E,

A N O M D C C X L V I I .

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.

M E T O D O
VERDADEIRO

DE ESTUDAR

PARA

ser útil á Republica, e á Igreja:

PROPORCIONADO

Áo estudo, e necessidades de Portugal

PRIMEIRO

Por ordem do Conselho Real de Portugal, e do Real Collegio de S. Carlos, e S. Jeronymo de Lisboa, em 17 de Junho de 1774.

Por ordem do Conselho Real de Portugal, e do Real Collegio de S. Carlos, e S. Jeronymo de Lisboa, em 17 de Junho de 1774.

Por ordem do Conselho Real de Portugal, e do Real Collegio de S. Carlos, e S. Jeronymo de Lisboa, em 17 de Junho de 1774.

de Coimbra.

TOMO SEQUENDO



8
7
6
5
4
3
2
1

V A L E N S A

NA OFFICINA DE ANTONIO DA SILVA

ANO MDCCXLVII

COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS

I N D E X.

Do que Contem as cartas do segundo Tomo.

C A R T A IX.

Mostra-se o mau metodo, de tratar a Metafizica neste Reino: e danos que daqui resultam. Explica-se, que coiza é Metafizica: e se-mostra, que é inseparavel da Logica, e Fizica: e que superfluamente querem chamar-lhe, ciencia separada. Que nam á tal Metafizica, como eles imaginam. Dá-se juizo, das obras do P. Feijoo. Pagina. 1.

C A R T A X.

Mostra-se, que coiza é Fizica. Que em Portugal nam intendem o que é, nem sabem tratar a Fizica. Prejuizos dos Peripateticos, e danos que resultam, da Fizica da Escola. Exceso da Filozofia Moderna, e principalmente da Fizica, sobre a antiga. Diversidade entre os mesmos Modernos: e qual sistema se-deve preferir. Necesidade da Geometria, e Aritmetica, para entender a Fizica: a qual se-deve estudar, nas obras das Academias Reaes &c. Prejuizos dos Portuguezes, de nam quererem ensinar muitas coizas, em Vulgar. Dá-se o modo, de ordenar um curso de Fizica. Dá-se uma idea de estudar com metodo, e brevidade, toda a Fizica. pag. 20.

C A R T A XI.

Mostra-se, que a Etica pertence legitimamente ao Filozofio: que é necessaria ao Jurista, e Teologo Moral: que é util, para todos os empregos da vida: que é necessaria, aos que ám de ocupar, alguns empregos. Aparentam-se os defeitos, que se-acham nos Juristas, e Teologos, por-falta da Etica. Particular necessidade que tem dela os Nobres, para poderem formar conceito do Vicio, e Virtude, fazerem as suas obrigaçoens. Prejuizos de muitos Nobres, nesta materia: e modo de os-emendar. Dá-se verdadeira ideia, do que é Etica, e suas partes. Aponta-se um modo breve de a-estudar, com facilidade, e utilidade. pag. 51.

C A R T A XII.

Trata-se da Medicina, que é uma consequencia da Fizica. Nam é impropria aos Religiozos. Requezitos da-Medicina. Que o Medico, alem de Fizico, deve ser um grande Anatomico. Ignorancia da Anatomia em Portugal, e principalmente na Universidade. Prejuizos que os Portuguezes tem, nesta materia: por cuja cauza nam podem saber Medicina. Odio que os Galenicos tem, aos Anatomicos: e porque raxam. Abuzo dos-remedios, por-falta de boa Fizica, e Mecanica. Que os remedios, pola maior parte, sam imposturas: principalmente os segredos mais louvados. Que o Galenico, nam pode ter boa pratica. Que a Cirurgia em Portugal, é totalmente ignorada. Aponta-se o metodo de estudar, a verdadeira Medicina, e Cirurgia. Apontam-se os melhores autores, em Anatomia, Chimica, Medicina, Cirurgia. pag. 71.

C A R T A XIII.

O Rigem da Jurisprudencia Romana. Mao metodo de tratála em Portugal, e pessimas consequencias que dali resultam. Desmeida prezunsam que os Portuguezes tem de Juristas, e desprezos das-outras Naçoens, sem fundamento. Nam basta o corpo do Direito, ao Jurisconsulto: requer-se Politica, e muitas outras coizas, para satisfazer aos empregos. Mostra-se com razam, e exemplos, que estes estudos sam compativeis, com as Leis. Dá-se uma ideia do Direito Civil, até os tempos prezentes. Necessidade da Istoria, para o Direito. Tocam-se os defeitos intrinsecos, e extrinsecos da Jurisprudencia. Aponta-se o melhor modo, de ter uma pratica util, tanto para o Advogado, como para o Juiz. pag. 114.

C A R T A XIV.

T Rata-se da Teologia. Metodo de a-tratar em Portugal, e danos que naceem dele. Frivolas razoens com que os Portuguezes querem defender, o seu metodo. Dá-se uma ideia, do que é a verdadeira Teologia: como naceo, e se-continhou. Aponta-se a origem da Escolastica, e sua durasam: e conceito que formáram dela, os doutores dese tempo. A Teologia Positiva, que renaceo com o Concilio de Trento, é ignota em Portugal. Mostra-se a insufistencia das razoens em que se-fundam, para a-nam-admetirem. Aponta-se o modo com que a-tratam, os Teologos modernos. Necessidade da Istoria, e das Linguas, para saber fundamentalmente Teologia. Aponta-se o metodo, que deve observar o estudante, que quer saber boa Teologia. pag. 159.

C A R T A XV.

T Rata-se do Direito Canonico. Mao metodo de o-estudar neste Reino, e danos que dele resultam. Dá-se uma ideia do Direito Canonico, e da sua istoria. Necessidade da Istoria Eclesiastica, para intender os Canones. Que deqni deve comesar o estudo do Canonista, unido com a Civil, e Geografia Sagrada. Aponta-se o metodo, de estudar Canones. Necessidade das Instituiçoens Canonicas, antes que se-estudem, materias particulares. Apontam-se algumas melhores. Aponta-se, o que se-deve estudar despois. Tocam-se os defeitos do Direito Canonico intrinsecos e extrinsecos. Como se-devem regular na pratica, os que estudam Canones. pag. 186.

C A R T A XVI.

A Ponta-se o metodo de regular os estudos, em todas as escolas; comesando da Gramatica, até à Teologia. Fazem-se algumas reflexoens particulares, sobre o modo de exercitar utilmente os rapazes, na Gramatica: em que se-reprovam alguns estilos, introduzidos em Portugal. Modo util de exercitar os Medicos, e Cirurgioens. O mesmo sobre as Leis, Canones, Teologia: onde se-aponta, como se-podem exercitar, os Confesores. Dá-se uma ideia, do modo de instruir as Mulheres, e nam só nos estudos, mas na economia, com utilidade da Republica. pag. 205



CARTA NONA.

SUMARIO.

*M*ostra-se o mau metodo, de tratar a *Metafizica* neste Reino: e danos que daqui resultam. Explica-se, que coiza é *Metafizica*: e se-mostra, que é inseparavel da-*Logica*, e *Fizica*: e que superfluamente querem chamar-lhe, ciencia separada. Que nam á tal *Metafizica*, como eles imaginam. Dá-se juizo, das-obras do Padre Feijoo.

*M*EU amigo e senhor, Quando recebi a ultima de V. P. em data de 15. de Fevereiro, tinha ja comefado outra, para lhe-mandar, e era, sobre a *Fizica*. Esta sua carta me-obriga, a deixar uma, e meter em meio outra, para satisfazer a sua curiozidade, e responder tambem a um argumento, que me-forma. Mas primeiro devo agradecer-lhe, os comprimentos que me-faz, e elogios com que me-orna. Louva V. P. muito, a idea que lhe-dei de *Logica*: e se-persuade, que quem nam segue aquella estrada, aindaque fale muito de *Logica*, nam saberá, que coiza é *Logica*. Vistoque a *Logica* comua, serve alguma coiza, para arengar nas escolas: mas fóra dali, para nada serve. Desorteque se só os que tem estudado esta *Logica*, discorrem bem, fica quazi todo o genero umano condenado, a dizer parvoices: vistoque a milczima parte dele, nam entra nas escolas.

Eu recebo o comprimento que me-faz: e nam por-motivo de vaidade, mas porque conheso, que assim é: e vivo persuadido, que nam disse senam a verdade: nem direi mais a V. P. coiza, que seja contra o que intendo. Alem diso fei, que o que afirmei a V. P. ja agradou a omens doutos, nam só deste Reino, mas de outras *Nasoens*, com quem conferi sobre esta materia, o que me-confirma de novo, que nam é dezacerto. Mas, falando com V. P. com a nosa solita confianca, nam fei, se achará muitos da sua opiniam. Omens conheso eu, aos quais se V. P. diser, que a forma *Silogistica*, nam é a coiza mais necessaria no-mundo; se-escandalizarám mais, doque se ouvissem alguma erezia. Estes, que beberam o *silogismo* em idade tenra, nam querem ouvir falar de outra coi-

za : uns , por-malicia , porque nam sabem falar em outra materia : outros , por ignorancia , porque nunca examinaram a questam , e estes sam os-mais. Disse com galantaria um ingenho Espanhol , que metade do-mundo , vive da-opiniam da-outra metade : e eu cuido , que se-pode profeguir adiante , e dizer , que de dez mil omens , 9999. vivem da-opiniam do-decimomil. Ouvirá V. P. louvar um omem , por-muito douto , em uma Cidade , e talvez um Reino inteiro. Quantos acha V. P. que sejam capazes , de votar na materia ? e ainda destes , quantos acha , que tenham examinado , a doutrina do-outro ? talvez nam achará 4. e contudo todos os mais nam cesam de aclamar aquele omem , por-um grande doutor , somente polo ouvirem dizer. Admirava-se comigo certo Religiozo de vida contemplativa , sobre a quantidade de omens , que nam seguem a religiam Catolica : e tudo era exclamar , como era posivel , que a maior parte do-mundo , nam conhecesse os erros que abraçam ! Compadeci-me da-bondade do-dito Religiozo , e lhe-adverti , que a razam era , porque nam examinavam fundamentalmente as razoens , porque a-abraçavam : mas , cheios de prejuizos , seguiam o que lhe-enfinaram. Quantos pois , lhe-dizia eu , acha V. P. entre os mesmos Catholicos , que saibam os verdadeiros motivos , porque abraçam a sua religiam ? Nam digo eu entre os Catholicos , mas entre os mesmos Eclesiasticos , e Profesores , quantos sam , os que sabem com fundamento , por-que razam , somente a nosa religiam , se-deve seguir ? E se tantos seguem a boa religiam , e que se-funda em razoens tam claras , e fortes , sem a-examinarem , mas porque assim foram criados ; que maravilha , que os que nunca ouviram outra coiza , sigam o que lhe-enfinaram ? As mesmas demonstraçoens matematicas , que sam tam claras , se nam se-examinam , nam se-intendem. com maior razam das-outras coizas , que nam sam evidentes. Esta é a forsa da-preocupação , ela faz obrar os Omens , com a mesma forsa , que faria a razam. Onde nam é maravilha , que os omens , criados com o filogismo , desde a sua primeira idade , com tanta forsa o-defendam. necessariamente deve ser assim. O que porem devemos fazer é , tomar as coizas como merecem. E assim reconhecendo nos , que estes nam examinaram a materia ; nam fazer cazo da-sua autoridade , em coiza alguma. Onde aquele , *Dixem-nos todos* , nam deve fazer forsa a ninguem , para seguir , o que eles dizem. E' necessario primeiro ver , quem eles sam : e se examinaram o que dizem , sem afeto às partes.

Isto digo a V. P. para que nam creia facilmente , que todos am-de seguir a sua opiniam : e para que , persuadido disto , a-nam-promulgue , sem algumas cautelas. Quando V. P. quizer ler ao P. ** algumas das-minhas cartas , será necessario primeiro , preparalo com seis sangrias , e uma boa purga : e , se isto nam bastar , para o-livrar do-seu mau humor , com um vomitorio. O P. colegial *** concedo , que seja mais capaz , de receber doutrinas : mas é necessario , suministrar-lhas com advertencia. Em uma palavra , V. P. nam leia as minhas cartas , senam a quem as-intenda : porque perderá o tempo , e apaciencia , e talvez a fama. As coizas é necessario ilas comunicando , pouco a pouco : principalmente

palmente a estas cabeças duras, juizos de pedra e cal, que nam tem percesam, e às vezes nem menos uzo da razam. Tenho respondido, à primeira parte da carta. passo à segunda.

Nela me-diz V. P. que o P.** me-pede com instancia, que uua a Metafizica Intencional com a Logica: e dela lhe-diga o meu parecer, antes da Fizica. Ja vejo, que por-aqui andou, algum livrinho destes meios modernos, ou Tosca, ou Purcocio, ou coiza semelhante, que fazem esta divizam. O que mais me-admira é, que me-pesa isto, delpois de ter ouvido, que coiza é Logica. de que bem claro se-mostra, que cazo se-deve fazer, desta Metafizica Intencional. Contudo para satisfazer o empenho dese bom Religiozo, e, mais que tudo, o preceito de V. P. direi o que basta, para intender melhor o que dise, e para se-intender, que coiza é esta Metafizica.

Os Filozofos Peripateticos nam fazem esta divizam na Metafizica. Sam os Cartezianos, e Gazendistas, que, tendo obiervado, que nos-ultimos cinco capitulos do-duodecimo livro da-Metafizica de Aristoteles, se-fala na sustancia Espiritual, e nos-outros primeiros livros, se-fala de outras razoens; introduziram esta divizam na Metafizica. Chamam Metafizica Intencional, às divizoens do-Ente, das-Cauzas, dos-Predicamentos &c. que o entendimento considera, como coizas separadas da-Materia. Chamam Metafizica Real, àquelas coizas, que na realidade sam separadas da-Materia no Corpo, como Deus, Anjos, Alma &c. Estes segundus procedem mais metodicos, que os primeiros: mas dos primeiros é que tomáram, as ideas de Metafizica. Mas é certo, que uns e outros aplicam a este nome, ideias, que lhe-nam-convem. Este nome, *Metafizica*, é de nova invençam: e nam da-mam de Aristoteles. Tiraño Gramatico, e Andronico, que foram os que em Roma no-tempo de Julio Cezar, puzeram em melhor forma, os livros de Aristoteles, que Silla Ditador tinha trazido de Atenas, como em outra carta difemos; ou o mesmo Apellico Ateniez, como outros querem; tendo disposto em varias clases, as obras dele; uniram todos os mais livros, que julgáram, nam pertencer para a Logica, ou Fizica, ou outra faculdade; e lhe-deram este titulo: *Metafizica*, que vale o mesmo que, *livros postos depois da-Fizica*. Os que se-seguiram despois disto, adotáram este nome, no-mesmo sentido. Mas os Dialecticos desde o seculo XI. com cega veneraçam da-Antiguidade, fizeram eserupulo, de mudar, ou examinar as coizas. De-forteque tomando este nome, como se fosse proprio; o-aplicáram a umas certas coizas ou especulasoens, que eles inventáram a sua eleitam: como abaixo direi. E daqui é que naceo, que, sem examinare, nem intenderem a razam, chamáram Metafizica, às suas particulares ideias.

Sendo pois que nós oje, nam temos necessidade, de seguir a ordem de Tiraño, e Andronico; tambem nam temos necessidade, de tratar separadamente, esta Metafizica Intencional, debaixo de um titulo particular, e com todo o aparato da-Metafizica das-escolas. Unicamente devemos examinar, se o que se trata com este nome, pertence a alguma ciencia particular, ou nam.

Isto suposto, devendo dizer o meu parecer a V. P. repito mui claramente que é loucura, separar estas metafizicas, das-outras partes da-Filozofia. Metafizica Intencional, é pura Logica: Metafizica Real, é pura Fizica: e tudo o mais são puerilidades. Isto é tam claro, que até eses modernos, que partem em duas a Metafizica, põem a Intencional despois da-Logica: e a Real despois da-Fizica. Deviam porem, tirar-lhe o titulo de Metafizica, e unila com a Logica, e Fizica. Fizica é a ciencia, que trata da-natureza das-coizas: cuja pertença alcançar, por-meio das suas propriedades. E como seja certo, que pelas propriedades alcançam os Filozofos, tanto a ideia que tem, da-natureza do-Espirito, como do Corpo; nam fica lugar de duvidar, que o conhecimento dos Espiritos, seja verdadeira Fizica. Mas esta parte da-Fizica, que trata dos-Espiritos, a que chamam *Pneumatologia*, deve ser tratada, despois da-Fizica comum: visto que da noticia dos-Corpos, suas propriedades, e leis do-movimento &c. se-tiram bellissimas provas, para mostrar a diversidade, entre o Corpo, e Espirito. e assim na Fizica falarei nela.

Quanto a Metafizica Intencional, persuade a mesma razam, que, se nela se-acha alguma coiza boa, deve ser tratada, junto com a Logica. Mas, para dezenganar melhor esse Padre, a quem fizeram grande forsa, os titulos de Metafizica, quo leo separados; farei alguma reflexam, sobre isto a que chamam Metafizica.

Os Metafizicos, que procedem com mais metodo, começam a sua Metafizica, polos Universais: porque como ela trate do-Ente em comum, e outras razoens Genericas, explicam primeiro, que coiza é Universal, e como se-faz. Mas destes universais, cuido tenho dito o que basta, para saber o que valem. Toda a arenga eterna das-*Precizões*, para nada mais serve, que para entender, que o entendimento tem faculdade, para considerar muitas ideias como se fossem uma, separando as particulares diferenças dos objetos, e onsiderando em que coiza convem v.g. Todos os omens discorrem, e sentem. Onde, em virtude desta semelhança, o noso entendimento, que tem uma admiravel facilidade, para considerar o objeto em cem diferentes maneiras; forma a ideia de uma coiza, que sente, e discorre: e a isto chama, *natureza humana*.

Isto basta que se-intenda uma vez, observando a fecundidade que a alma tem em formar ideias: comparar umas com outras: e desta comparasam, tirar cem mil diferentes ideias compostas. Mas nam o-intendem assim os Peripateticos. antes tomando o dito tratado, como fim das-suas especulaçoens, levantam mil questões escuzadas, e perdem anos inteiros, com estas arengas; que são reprovadas polos omens mais doutos, entre os mesmos Peripateticos, como em outra carta adverti. Eles fazem mil exames, sobre o objeto daquele ato. uns dizem, que a separasam, se-faz no-objeto: outros, que a separasam, consiste em diversos atos. Isto provem, de que nam se-explicam bem: pois na realidade, todos dizem a mesma coiza: e convem no-que bastava, para nam perderem o seu tempo. Concordam, que o meu conhecimento, nam divide
real-

realmente, o *animal do-racional*. se pois o-nam-divide realmente, fica claro, que qualquer outra separação, á-de ser feita, polo ato do-intendimento. Toda a bulha consiste, na explicação desta palavra, *objeto*. Uns dizem, que o entendimento põem o *animal racional*, *no-estado intencional*; e que ali divide os graus como lhe-parece: e a isto chamam, *precizam objetiva*. Outros enfadaram-se terrivelmente para mostrar, que o entendimento conhece *a parte rei*, ambos os graus; porque as especies que vem do-objeto, representam igualmente ambos.

Parece-me, que, sem grande trabalho, se-conhece, que ambos fazem questão de nome: e que, para a-defenderem, se-servem de termos que nam significam nada. Aquilo, de pôr o objeto no-estado intencional, se acazo nam quer dizer, que o entendimento, pode fazer uma ideia, que nam exprima, as diferenças dos-objetos; certamente sam vozes sem significado. Os outros, cuidam que ainda discorrem pior, quando dizem, que as especies do-objeto, representam o animal, e racional: e manifestamente se-fundam todos, em um falso suposto. No-Omem, o *animal e racional*, é a mesma coisa: e nada mais é, que a nossa alma. porque o corpo nem discorre, nem sente: mas é a alma, que, segundo os movimentos do-corpo, sente. Mostra-se isto claramente, no-omem que tem os nervos atados, ou uma perna violentissima comprimida, ou enferma; o qual nada sente, aindaque lha-ofendam: porque está impedida a comunicação com o cerebro; aonde, quando a impressão chega, é que a alma sente. Isto é claro: e nenhum homem de juizo, duvida destas experiencias. Mas aindaque admitamos, que o corpo sente, sempre é certo, que o corpo nam entende, mas sómente a alma: a qual nam manda especies aos olhos. E aqui temos já, que toda aquela questão se-funda, sobre uma manifestissima falsidade: e que estes pobres homens, estão disputando, de *lana caprina*. Se examinarmos todas as outras, achará V. P. que se-fundam neste suposto, ou em outro semelhante. E aqui temos, que toda aquela palhada, se-reduz a nada: e basta saber, o que acima dissemos.

Quanto aos Universais *in specie*, fundam-se tambem, em outros supostos ou falsos, ou duvidozos. Nós vemos, que os brutos conhecem, e fazem operaçoens, que nam se-podem explicar, sem algum genero de discurso. no-que convem, alem de muitos SS. PP. Theologos, e Filozofos de grande nome: e oje é coisa recebida, entre os melhores modernos. Onde o afinar o *rational*, por-diferença do-Omem, se nam é manifestamente falso, ao menos, é muito duvidozo. Da-outra parte: nam sabemos, se os Anjos sentem; porque se as nossas almas separadas, sentem as penas; porque nam direi, que os Anjos (ponho de parte a bemaventurança) podem sentir? Ao menos sei, que a minha alma, que é espirito, ainda estando no-corpo sente: onde nam acho diversa razão, para os Anjos. Onde nem menos sabemos, se o *animal*, como eles e-intendem, é Genero. Deixo outras mil observaçoens que mostram, quanto podemos duvidar, sobre aquelas materias. Ora é certo, que a dividam em 5 especies

pecies, funda-se sobre estes principios: e consequentemente nam merece, que se-lhe-de tanto tempo, e cuidado; por-serem coizas totalmente falsas, ou desnecessarias. Digo pois que de Universais, basta notar, o que disse na Logica: aonde, em lugar destas, se-podem fazer outras reflexoens utilissimas.

Quanto as divizoens do Ente, e Sustancia &c. basta olhar, para uma arvore filozofica v.g. a de Purcocio, ou outra mais ampla e explicada, como vi algumas: e ali observar, como dividem o Ente: que nomes lhe-dam &c. E isto, mais por-nam parecer novo, na Teologia Escolastica, ou livros dos-Peripateticos; doque por-ser necessario, tudo o mais deve-se totalmente fugir. E ainda na dita arvore ja emendada, nam á pouco que duvidar: porque nela nam achamos colocado o *Vacuo*: que é um ente mui real, e nada dependente da-imaginasam. Mas, deixando isto, para o noso cazo, é o que basta: e tudo o mais é superfluo. Se V. P. aperta com perguntas eses, que tratam muito diso, achará que limpamente lhe-confesam, que para nada servem. Mas, semque eles o-digam, mui bem se-conhece, e assim nam se-deve fazer cazo, do-que o-nam-merece. Deste principio fica claro, que conceito se-deve fazer, de tudo o que se-diz, do-Ente em comum. Aquele *conceito formal do-Ente*, que tanto dá que intender a muita gente; sam puros Universais, e ja ficam criticados assim. Onde mui superfluamente quebram a sua cabeça com ele, os que já na Logica tem escrito, 20 cadernos de Universais.

Pasemos às divizoens do-Ente, e primeiro à divizam, em Real, e da-Razam. O que dizem das-trez propriedades, *Unitas, Veritas, Bonitas*, é tal, que me-envergonho repetilo. Explicam a *Unidade*, com estas palavras: *Id quod est indivisum in se, & divisum a quolibet alio ult ima divisione*: Mas apostarei eu, que quem ouve esta explicasam, entende menos o que é *ser um*, doque se lho-nam-difese. Qualquer pessoa ainda rustica sabe, que *o ser um, é nam ser dois*: porque esta ideia desí é clarissima. Pois isto mesmo é o que dizem os Logicos, por-palavras mais obscuras. Esprimida toda aquela definisam, nam diz mais que isto. sendo certo, que o estar unido a outro, com o qual fasa um todo, é nam estar dividido dele, e é, nam ser dois. E eis aqui que a dita definisam, nam nos ensina mais, que o que sabe, um Galego de mezes. e toda a disputa da-individuasam, vai polos ares; porque o que tem de bom, o-sabemos sem iso. Mas o-pior é, que eses mesmos, que querem profundar o pensamento, despois de dizerem muito, nam nos-chegam a explicar distintamente, por-qual razam, Eu nam sou Pedro. Eu, e Pedro temos as mesmas propriedades, e faculdades. tomara pois que estes, que quebram a sua cabeça, com as disputas da-individuasam, e se-persuadem, que chegaram ao ultimo conhecimento das-coizas; tomara, digo, me-explicasem, por-qual razam Paulo, nam é Pedro. Dirám, que é coiza evidente, que Eu nam sou Pedro. concedo: mas se iso é tam claro, que todos o-conhecem, paraque é necessario persuadilo? Alem diso, porque quebram a sua cabeça, com a disputa do-Individuo: a qual nam só nam dá noticia alguma nova, mas nem menos nos-explica a razam, diso mesmo que ja sabemos?

O que

O que dizem da-*Verdade*, é ainda mais bonito. Consiste a Verdade, segundo eles dizem, em que eu tenha, todos os predicados que devo ter. Nam sei, se se-pode ler isto sem rizo. porque, a falar a verdade, ter eu menos predicados físicos, do que devo ter, é uma coiza bem difficultoza de se-intender. Se Pedro nam tiver, todos os predicados que deve ter, nam seria Pedro. o mesmo digo das-outras criaturas. C que suposto, toda a doutrina que tiramos da Verdade, e suas consequencias, é esta: Saber, que Pedro é Pedro: Cavallo é Cavallo: e Pedro nam é Cavallo. Cuido porém, que, sem grande doutrina, intendem isto todos: onde as disputas que sobre isto se-formam, de nada servem neste mundo.

A *Bondade*, é quazi o mesmo que a Verdade. Dividem-na, em bondade de perfeição *esencial*, *integral*, e *accidental*: que vale o mesmo que dizer, que uma coiza, tenha todos os predicados que lhe-competem, em cadaum daqueles generos: e nada tenha de superfluo. Poem mais outra bondade, a que chamam de *amabilidade*: e consiste, em que cada ente possa terminar, um ato de amor. Daqui pasam a determinar, qual daquelas bondades, é propria do-Ente. e tratam isto com toda a extensam, que pede uma materia de confidenciam. Entra tambem alguma coiza da-*Malicia* do-Ente: e com isto se-entrem. Ora eu cuido, que isto é tam manifestamente ridiculo, que perdera o meu tempo, em mostralo. E cuido tambem, que se o seu P.** reflectir nisto, escuzará de me-pedir, que lhe-dê a explicacão: e conhecerá, com quanta razam deixo de falar, em semelhantes puerilidades.

Ao Ente Real, segue-se o *da-Razam*: sobre que nestes paizes, costumam escrever, infinitos cadernos. e Peripatetico (1) sei eu, que, avendo de comessar o tratado do-Ente da-razam, se-dá os parabens a si mesmo, com estas palavras: *Nullibi tenuius filum net mens humana, nusquam subtilius speculatur, quam dum hoc ens fabricat --- Cum ergo nullius in toto cursu philosophico maior vel fama sit, vel expectatio; suis illud hic coloribus adumbrabimus: ortum ejus, causas, lineamenta, indolem describemus.* e continua o tratado, com toda a applicacão, que promete no-prologo. Creio, que para comprehender bem, a necessidade da-materia, basta que eu lhe-ponha diante dos-olhos, o que contem. e, por-nam-fair do-tal autor;

Depois de longos prenotandos, pergunta: Se se-dá Ente da-razam. Mostra, que se-dam objetos impossiveis, distintos realmente de todos os possiveis: cuja resolucão dece, da-preocupacão em que está, que os possiveis tem um ser, distinto da-omnipotencia de Deus. Passa aos particulares entes: pergunta, Se a denominacão extrinseca é ente da-razam. se a chimera é negacão. se a cabeça de Elefante, corpo de Leão, pés de Cavallo unidos, sejam ente da-razam. se a uniam de identidade entre Cavallo e Leão, o-seja. se as relacões, negacões, privacões, imaginadas onde nam devem estar; ou o corpo imaginado espirito, o-seja. Passa à producão, e examina: Se o ente da-razam seja um todo,

(1) *Comptonus in Philosophiã.*

do, composto de conhecimento, e objeto fingido; ou somente o objeto. se o entendimento é cauza do-ente da-razam. se é cauza, eficiente verdadeira, ou metafórica: e responde a uma enfiada de argumentos. Para abreviar-mos, pergunta, Se o sentido, se o apetite, se a vontade, a imaginativa, se a apreensão, ou juízo, se nenhum ato verdadeiro se todo o ato falso, se Deus, se os Anjos, possa cada um destes, fazer ente da-razam. Examina também, onde esteja o ente da-razam: se se-possa mover: se é branco, ou negro: se são semelhantes uns a outros: se se-divida bem, em negação, privação, e relação: se as segundas intenções sejam entes da-razam: e outras coisas destas.

Parece-me que o amigo ** ouvindo somente esta ladainha, se-envergonhará, de me-ter-falado, em semelhante materia. Um mestre que se-cantia, em disputar tudo aquilo, e o-inculca, como coisa utilissima, merece estar fechado em uma caza, retirado da-sociedade humana, e fazendo toda a sua vida, entes da-razam. Nam me-parece, que seja necessario persuadir, que tudo aquilo, é uma ridicularia. um homem dezapaixonado, que ouve somente propor as questões, conhece mui bem, quantos prejuizos tem na cabeça, quem as defende. Quantas coisas falsas supoem, que nam são assim! Quantas se-chamam com diversos nomes, que são a mesma coisa! Nam tenho tempo, para impugnar estas ridicularias: nem também é necesario. Bastarmeá perguntar ao seu ** se julga, que tudo aquilo, ou alguma daquelas coisas, é util, para regular o entendimento: ou se é conducente, para entender alguma parte das-ciencias? Se nam é louco, responderá, que para nada serve. E, quando nam ouve-se outra razão, esta só bastava, para desterrar estas arengas, nam só da-Metaphisica, mas do-mundo.

A outra celebre divizão do-Ente, é em Positivo, e Negativo. Aqui se-examina miudamente, o ente Negativo, e Privativo, que é primordiam com o da-razam. Perguntam, se a negação seja uma entidade, que tenha por-objeto, desviar a forma: e outras coisas semelhantes. Perdêra o tempo, e a paciencia, se falasse em mais coisas destas. e assim digo brevemente, que tudo aquilo é indigno, de um homem de juízo: e que nam sei que consciencia tem, os que obrigam os dicipulos, a estudar isto. Toda a noticia util, que se-tira dali, se-reduz, a entender tres nomes. *Ente da-razam*, é tudo o que existe no-entendimento: e no-nosso caso, é um impossivel conhecido. *Negação*, é quando uma coisa, nam existe no-mundo. *Privação*, é quando a tal coisa, falta em um sujeito, que a-pode ter. v.g. a falta de vista em um homem. Isto basta que o mestre vocalmente o-explique, aos dicipulos: o mais é superfluo.

Segue-se a celebre divizão do-Ente, em Divino, e Criado. O examinar, se a razão de Ente é univoca, para Deus, e Criaturas: se transcende as diferenças: é coisa na verdade indigna, de homens que comem pão. Se o que perguntam é, Se tanto Deus, como as Criaturas, existam: cuido que a isto pode responder qualquer criança, que saiba falar, e entenda os termos: e no-mesmo tempo vale o mesmo que perguntar, se o que existe, existe. Se pois querem
compa-

comparar a existencia de Deus, com a das Criaturas, são loucos. Se dizem mais alguma coisa, nada nos importa, nem serve para as Ciências em coisa alguma. A outra questão, *Se o Ente transcende as diferenças*, também me parece Tartara. Confesso a V. P. que quanto mais a-leio, menos a-intendo. e quando ouso dizer, que *Ens transcendit differentias*; ouso certas palavras, a que não descubro significado: nem até aqui ouve quem me explique, em modo que o-intendêssemos.

Mas considere V. P. comigo, o que dizem da *possibilidade*, e *atualidade*. Perguntam, se a possibilidade se-distingue atualmente da-Omnipotencia divina: e se esta coisa que se-distingue, é positiva, ou negativa, ou potencial. No-primeiro, afirmam: e no-segundo, negam. e daqui fazem varias outras questões v.g. Se os possíveis dependem atualmente de Deus: se são mais necessários que a Omnipotencia &c. Esprema V. P. toda aquela disputa, e verã, que se-reduz, a um círculo vicioso, ou a nada: e que é discorrer de uma coisa, que não sabemos, nem nos importa saber. Primeiro, explicam a *possibilidade*, por-uma não repugnancia dos extremos. Perguntados eles, que coisa é não repugnancia, dizem, Que se acaso se-puzessem *a parte rei*, não se-dariam contraditórios. Se re-perguntamos, porque não se-dariam contraditórios: que á-m-de dizer? senão, porque Deus os pode produzir? Mas eles não se-acommodam com isto, e dizem: Que em tanto Deus os pode produzir, em quanto não tem repugnancia alguma. Mas se tornamos a perguntar, porque não tem repugnancia? ou á-m-de recorrer, a um círculo vicioso; ou dizer, que é, porque Deus os-pode produzir. Assim que toda a doutrina que dali se-tira, é esta: Que aquela coisa é possível, que Deus pode produzir. coisa que percebem, os que sabem, o puro significado das-palavras. Também é coisa galante, o que dizem, *de-ser potencial*, que tem os possíveis. Perguntados eles, que coisa seja este ser potencial; respondem, Consistir em que pondo-se *a parte rei*, não resulte implicancia alguma: e tornamos a cair, na primeira questão. Fazem aqui outra nova embrulhada com dizerem, que as Essências são *ab aeterno*: são ingeneraveis, e incorrutiveis. Isto espremido à-mão, não quer dizer mais do que, que não podemos entender, que um Ente seja o que é, e juntamente seja outro Ente. Onde se Deus *ab aeterno* tivesse, as ideias dos-Entes, que agora existem; necessariamente seriam as mesmas que agora são. pois de outra sorte, não seriam ideias dos-mesmos Entes, se pudessem mudar-se, sem que se-mudassem as espécies dos-Entes. É isto assim explicado, é coisa que entendem muito bem todos.

Perguntam também, *Per quid res transeat formaliter ab statu possibilitatis, ad statum actualis existentia*. Mas se eles confessam, que não á tal res *qua transeat*: visto que antes de se-produzir, não tinha ser, e somente era verdade dizer, que a tal entidade, que agora se-produz, era possível: fic a claro, que não á tranzito algum, mais que no-modo de se-explicar. Daqui segue-se, que tudo o que eles dizem, da-Essencia, e Existencia possível, e atual; são palavras sem

significado. Nace todo este defeito, deque os tais chamados Filozofos, fervem-se de palavras em um sentido metaforico, no-qual se-podem receber: e depois, tomando-as em sentido proprio, deduzem delas questoes contrarias, às que tinham estabelecido: como nos-exemplos apontados se-conhece. E assim com estes exemplos nada mais concluem, que obscurecer aquilo, que desi era claro: e perder niſto o tempo. Nesta materia basta saber, que aquilo é possível, que Deus pode produzir. Daqui paradiante, tudo o que se-afirma, iam parvoices: porque nem sabemos, nem temos ideia alguma do-*Possivel*. Poderemos arengar muito, e dizer mil metafizicas: mas nam diremos coiza alguma boa. e tudo o que eles dizem, se-reduz, a separar a ideia de Existencia, da-ideia de Essencia: e considerar cada objeto delas, como se-fossem coizas separadas.

A quarta divizam do-Ente, é em Espírito, e Corpo. Aqui, depois da-costumada questam, de ser univoca &c. (coizas escuzadas: pois com a simplez noticia da-arvore, como dile, aprende-se mais, que com todas aquelas explicaçoens.) entram a examinar, qual é a natureza do-Corpo. e qual a do-Espirito. Creio nam me-negará V. P. que isto é mera Fizica: e que ambas se-tratam, quando se-examina, que coiza é *corpo*, e *espirito*. Mas o que acho mais galante, é o modo com que a-tratam. Do-Corpo, dizem aqui alguma coiza: e mais para baixo dizem o restante, no-Predicamento da-Quantidade. Do-Espirito porem, comumente nam explicam o que-devem: porque nam achará V. P. que provem, que á um Ente totalmente diferente do-Corpo, a que chamamos *Espirito*. porem supoem isto mesmo, que devem provar: e todo o tempo passam em proguntar: Se pode aver sustancia espiritual que intenda, mas nam possa querer: Sustancia que possa querer, e nam possa intender. as quais rezolvem *affirmative*, alem de outras muitas questoes curiozas.

Certamente acho muita graſa, neste modo de disputar: e persuado-me, que quando V. P. c-considerar, nam poderá menos, que rir-se. Sendo a questam do-Espirito tam controveria, entre as melhores penas da-republica Literaria; e sendo um dos-principais fundamentos, para provar a existencia de Deus: é coiza digna de admirafam, que estes tais Metafizicos a-supouham certa; e vam satilizando sobre coizas, que nam nos-importam! Que diria um destes a Tito Lucrecio Caro, que pertende, qua a Materia é a que entende; ou a qualquer outro Epicureo? que diria a Espinoza, que pertende, que a *inteligencia*, e *extensam*, sam modificaçoens da-Materia? Nam ignora V. P. que dano tem feito, os principios destes dois omens no-mundo: e que trabalho é necessario, para reduzir os seus sequazes, e confutalos. Mas isto nam intendem os Metafizicos Peripateticos: antes, supondo o que devem provar, brevemente dizem, qual é a natureza do-Espirito. Porem eu ainda acho mais graſa, nas Possibilidades. Nós neste mundo nam sabemos, que coiza, é Espirito: e eles ja determinam *pro tribunali*, quantas sortes á de Espirito! Ja achei um destes que provava, que se-podia dar, *spiritus volens*, & *non intelligens*, com certas palavras de S. Francisco de Sales, e dois ou trez outros misti-

cos: os quais falavam em tam diferente sentido, como o dia da noite: ou, aindaque falassem neste sentido, nam eram provas bastantes, para este paradoxo. Verdadeiramente nam sei, se os que afirmam a possibilidade desta sustancia, intendem bem o que dizem. eu supponho que nam. polo menos eu nam os-intendo: e acho muitos de-minha opiniam. Mas, concluindo ao noso cazo, digo, que as possibilidades, devem-se separar: e as outras coizas, devem-se tratar nos-seus proprios lugares na Fizica.

A ultima divizam, é em Sustancia, e Acidente: a qual serve de degrao, para tratar dos-Predicamentos. Mas, como nos-Predicamentos, tratam diuzamente da-Sustancia; aqui tratam dos-arredores. E assim divertem-se em disputar, Se a *perseidade* atual, é da-essencia da-Sustancia. se o Acidente tenha duas *inalidades*. se pode o Acidente produzir a sua *inerencia* distinta. se pode estar como a Sustancia; e se assim estará violento. se a asão criativa do-Acidente seja sobrenatural: e mil coizas destas, que nam tenho paciencia para repetir. Quando eu diga a V. P. que todas estas questoes, se-fundam no-prejuizo, de que os Acidentes são aquelas coizas, que eles imaginam; tenho respondido o que basta para mostrar, que é loucura, quebrar a cabeça com isto, antes de examinar, se verdadeiramente os Acidentes são, como eles os-pintam. Este exame nam se-pode fazer, senam quando na Fizica se-examina miudamente, que coiza é isto, a que se-chama Acidente. Onde polo menos é certo, que aqui, nam se-deve disputar tal coiza: porque se-funda em imaginacoes, que desaparecem, quando se-examinam a luz da-boua Fizica.

Mas se neste meio tempo, queremos examinar de passagem, que coiza é Acidente; veremos, que as tais questoes, com muita razam se-devem deterrar. ponho exemplo. A cor de uma pedra rustica, é um Acidente: sobre o qual o Peripatetico faz mil questoes fantasticas. Mas diga ele quanto quizer, dos-Acidentes, e das-ações Criativas, e Eduativas; é certo que nunca advinhara, que aquela cor se-muda, sem nova producam, somente com alizar a pedra; se eu nam lho-mostrasse, com a experiencia. Ora é certo, que esta experiencia constante, deita abaixo, tudo quanto ele diz do-Acidente. porque esta unica experiencia mostra, que o acidente da-*Cor*, consiste na diversa disposiçam, da-superficie de um corpo, que reflete a luz: que é o mesmo que dizer, que nam é uma entidade distinta da-Sustancia. E daqui tambem se-segue, que, se pudeseamos fazer, que a luz refletisse para os meus olhos, da mesma sorte a que atualmente reflete da-pedra; dar-se-ia cor *in actu secundo*, (perdoe-me esta palavra) aindaque nam ouvesse pedra. porque os meus olhos, receberiam, a mesma impresam; e, por-consequencia, a alma formaria a ideia clarissima do-mesmo objeto: no-que consiste a vizam. Outro exemplo seja a *Diafaneidade*. V. P. ve um vidro claro e diafano. Se ouvimos os Peripateticos, achará, que batizam a tal diafaneidade ou transparencia, por uma entidade, distinta da-Sustancia: e cuidam, que assim é. Mas eu com outra experiencia destruo tudo. Rose V. P. com um pouco de esmeril, ou areia mui fina, uma das-superficies

ficies do-tal vidro; e achará, que se-acabou a transparencia: pois, quando muito, fomite dá tranzito à luz. Profiga paradiante, e una dez ou doze destes vidros, ou lentes grossas; e achará, que ficam tam opacos como uma pedra. O mesmo digo da-ponta de Boi, que reduzida em laminas fútilis, é alguma coiza transparenre, e dá lugar à luz. o mesmo do-Pinho, do-Papel &c. do mesmo oiro, e prata reduzidos a folhas delgadissimas, e observados com o microscopio. De que fica claro, que se a transparencia se-muda, sem nova producam, e se-pode aquistar outra vez, com alizar o vidro &c. nam é aquele accidente, que eles imaginam: mas uma reta dispozisam de partes, que dam passagem à luz. De tudo isto se-segue, que estas questoes, fundam-se em prejuizos mui ridiculos: e assim de nenhum modo, nem aqui, nem lá se-devem admitir.

Vamos aos Predicamentos. Antes deles, fazem os Peripateticos uma grande bulha, sobre os *Univocos*, *Analogos*, e *Equivocos*. Questoes desnecessarias: pois a simplez explicasam destes nomes basta: e esta, deve-se procurar na Logica. O mesmo digo dos-Postpredicamentos: que tudo sam caram-bolas.

Dos-Predicamentos é necessario advertir, que muitos Peripateticos, na Logica, explicam esta divizam: para darem uma ideia do-modo, com que os entes que á no-mundo, podem ser Universais, e Particulares; para servirem de predicados, e sujeitos nas proposicoens. e aqui tratam da-natureza, de cada uma da-quelas especies de Entes. Mas o que se-explica na Logica, nam dá doutrina alguma util, ou necessaria: como entam disemos. o que se-explica na Metafisica, é ainda pior. Se eles dispuzesem as ideias gerais do-Ente em boa ordem, reduzindo a cada classe, os que lhe pertencem, para evitar a confuzam no-intender o Ente; e explicasem os nomes gerais, que se-podem attribuir, a todas as naturezas comuas; poderseiam sofrer. mas isto é o que eles nam fazem. Eles pecam por-dois principios: 1. porque explicam a natureza fisica dos-Entes; devendo somente tratar das-ideias universais. 2. porque nessas mesmas ideias gerais, que confundem com as fizicas, tratam coizas indignas. v.g. longas disputas sobre a definisam do-Predicamento: ou se Christo, chamado por-algum destes nomes, *Jezus*, *Manoel*, *Christo*, pode entrar em Predicamento. Finalmente disputam eternamente, sobre as regras predicamentais, que sam menos intelligiveis, que a Eternidade. O melhor do-cazo está, em que avendo Peripateticos mais advertidos, que chegaram a conhecer esta inutilidade; e que reconhecem, que os Predicamentos podem-se dispor, de outra melhor maneira; contudo, os colegas nam fasam cazo diso; e profigam com as suas escaramufas. Sendo pois, que os mesmos Peripateticos lhe-chamam inutilis, nam tenho necessidade de o-provar.

Segue-se o primeiro Predicamento, que é a Sustancia: sobre que ja disemos alguma coiza. Aqui proguntam coizas indignas de se repitirem: e todas fundadas no-prejuizo, que a Sustancia seja, o que eles imaginam. Mas como
clara-

claramente se-mostra, que a dita imaginaria nam tem fundamento; fica tambem claro, que a dita disputa vai polos ares. Rirá V. P. se eu lhe-dizer, que estes, que falam tanto da-Sustancia, o menos que sabem é, que coiza seja Sustancia: e contudo, nam á coiza mais verdadeira que esta. Os Omens nada sabem da-Sustancia, como ja em outra disse. Vendo que os accidentes, se-alteram no-mesmo fugeito; e nam podendo intender, que coizas tam mudaveis, nam asentem sobre algum fundamento; imagiavam uma certa baze dos-Accidentes, a que dam o nome de Sustancia. Tudo o mais, que disserem paradiante, sam mentiras: porque, examinados eles bem, nam tem outra razam que dar. Quanto ás ideias, que nós temos das-Sustancias particulares, sam compostas das-ideias dos-Accidentes de cada uma: paradiante, tudo é obscuro. De que se-seguem duas coizas: a 1. que loucamente se-perde o tempo, em disputar uma coiza, que nam sabemos o que é. 2. que, devendo-se disputar, deve fazer-se na Fizica: despois de examinar estes Accidentes, polos quais nós distinguimos as Sustancias.

A este tratado unem o da-Susistencia: que é muito mais obscuro. Isto impropriamente se-introduz na Filozofia: porque, como logo se-entra na *revelam*, o seu proprio lugar é, no-tratado de *Incarnatione*, ou *Trinitate*. Mas, por-nam deixar escrupulo ao noio P. sobre isto, digo-lhe, que esta disputa em uma e outra parte, se-reduz a poucas palavras. O que nós sabemos da-Susistencia é, que nos-revelou Deus, que a natureza umana de Cristo unida à pessoa do verbo nam he pessoa umana, mas Divina: e que as afoens se-atribuem ao Verbo. Alem disto revelou-nos, que cadauma das-pessoas Divinas nam era parte, nem accidente de-outra: aindaque todas tivessem a mesma natureza, mas que as afoens de cadauma, se-atribuiam somente a ela. Isto é, o que nós cremos, e o que sabemos. mas como isto se-faza, totalmente o-ignoramos, e é misterio. O que daqui inferimos é, que quando a natureza criada, se-une a uma Pessoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se-ficam attribuindo à divina. Daqui paradiante, nam sabemos nada: e tudo o que disserem, os que falam tanto da-Susistencia, sam loucuras. Onde nem menos sabemos, se uma natureza criada completa, unida a outra criada completa mais perfeita, perca a propria susistencia. O que sabemos é, que um todo unido a outro todo, sem perder a susistencia. v.g. Uma gota de agua separada da-outra, é um *suposto*: unida a outra, perde a propria susistencia, e rezulta um *suposto só*. A alma, e corpo se-parados, sam dois *supostos*: unidos, perdem as susistencias particulares, sem perderem a propria natureza, e rezulta um terceiro *suposto*. podem porem aquistar a propria susistencia, separando um do-outro. De que se-colhe, que esta Susistencia, é uma denominam externa, que significa aquele particular respeito, ou relasam, com que consideramos o Ente: mas nam significa alguma coiza, que se-separe, ou una ao Ente. Isto porem dizia-se em duas palavras: bastando advertir, que todas as naturezas completas, susistem e tem *ius* nas suas afoens.

Alguns Peripateticos com effeito alentam nisto. e a opiniam mais recebi-
da reconhece, que fustir, é nam estar unido, a outro suposto mais nobre,
que me-uzurpe as minhas afoens. Outros porem, fundados nos-prejuizos das-
formas Peripateticas, defendem, que a Sustencia, é uma forma Peripateti-
ca distinta: sobre isto fazem cemmil questoes eternas. Onde é muito de admi-
rar, que dois omens doutos, como fozam Suares, e Valensã, censurem mui-
to a opiniam contraria: quando eles nam dam mais fundamentos, que os pre-
juizos das-formas Escolasticas; com outras iguais coizas, violentifimamente ar-
rastadas. tanto é certo, que a preocupasam cega o juizo! Sendo pois esta dis-
puta inutil, e nam sendo aqui o seu lugar; deve-se desterrar.

Sobre os outros Predicamentos, á menos que dizer no caso presente: e
claramenta se-conhece, que sam pura Fizica. Na *Quantidade*, examinam, se
o corpo se-compoem de partes indiviziveis: o que nam se-pode examinar, se-
nam na Fizica. Ainda aquela questam peripaterica, Se a *Quantidade* se-distin-
gue da-Sustancia; nam se-pode intender bem, sem primeiro ter visto na Fizica,
que coiza é *Corpo* &c. A *Relasam*, é bem claro, que pertence à Logica: e
tudo o que dela se-diz, se-deve reduzir, a mui poucas palavras. Sabemos, que
no-mundo á *Relasões*, quero dizer, *uns certos respeitos de uma coiza para ou-
tra*. Perdoe-me V. P. a explicasam, porque nam acho em Portugal, palavra
propria para explicar, o que intendem os Filozofos, por-esta palavra, *Rela-
sam*. Mas, o certo é, que temos fundamento, para comparar algumas coizas
com outras, postas estas, ou aquelas condicoens. v.g. Pedro, cazando-se dá-
nos fundamento, para o-comparar-mos com a molher, e dar-lhe este nome,
Marido. Onde relasam em si mesma nada mais é, que uma condisam, para
comparar uma coiza com outra. Mas isto, pode-se dizer na Logica, em poucas
palavras: e para lá é que pertence, quando se-trata dos-nomes relativos. tudo
o mais, que aqui acrescentam os Peripateticos, funda-se no-perjuizo, das-For-
mas distintas: e nam merece, que se-lhe-responda.

O mesmo digo dos-ultimos seis Predicamentos, que os Metafizicos tra-
tam, mui de pasagem. A doutrina que dali se-tira, é tam fomite intender, o
significado dos-nomes: o que se-pode tambem fazer, com o uzo. As outras
questoes que se-formam, sam todas ridiculas, e fundadas no-suposto, das-For-
mas distintas. Ao menos nam me-pode negar V. P. que nam se-poderá inten-
der, semque primeiro saibamos, se á tais Formas. o que nam é Metafizica.
mas Fizica.

Paso com os tais Metafizicos modernos, á outra parte da-sua Metafizica,
que sam as Cauzas do-Ente, e suas divizoens. Os Peripateticos enchem a sua
Fizica, com esta disputa: e nada mais fazem, que tratar de cauzas, com to-
da a extensam. Alguns modernos rezervam-nas para este lugar: e primeiro,
tratam das-Cauzas em comum: despois, das-particulares divizoens de Cau-
zas. Seja como for, sobre as Cauzas em comum, dizem-se coizas indignas de
se-ouvirem. Fazem infinitas questoes, sobre os constitutivos de *Cauza in actu*
primo

primo proximo, remoto, remotissimo. demoram-se muito com as condiçoens pozitivas: em que entra aquella nunca afás aborrecida arenga, das *prioridades reais, e da razão.* e aqui ajuntam, uma longa enfiada de *possibilidades*, para saber, se uma coiza se-pode produzir a si, ou a outra. Para mostrar a V. P. o merecimento destas questões, basta pedir-lhe queira refletir, e examinar, que utilidade delas se-tira, para ser bom Fízico. Cuido, que sem muito trabalho se-conhece, que um omem, que souberse infinitas daquelas arengas, e nada mais souberse; seria um verdadeiro ignorante de Fízica. Polo contrario para saber, se as condiçoens constituem a Cauza, no-ato *primeiro proximo*: a simplez explicação dos-termos, poupava estas disputas: pois é certo, que *causa in actu proximo*, e *causa preparada com todas as condiçoens*, vale o mesmo. De que concludo, que a explicação dos-termos bastava. e acrecento, que seria melhor, nem menos explicalos: porque *atos primeiros proximos, e remotos: condiçoens pozitivas, e negativas: primeiro ser, e segundo ser*: são arengas que confundem o juizo, e para coiza nenhuma servem.

Mas de passagem nam deixarei de tocar a V. P. aquella celebre questam: Se a existencia, é necessaria para produzir. Peripateticos á, que seguem a negativa, e defendem, que uma coiza, que nam existe, pode produzir algum efeito. É que conceito forma V. P. de Filozofos, que se divertem com isto? Tanto vale progar, se uma cauza, para produzir, requer existencia, como se um omem, para estar em caza, requer caza. Esta questam parece-me, que se-intende melhor, quando nam se-explica. Se dissem a um omem, o mais ignorante do-mundo, que *Adam atualmente falava*: que responderia? ou riria, ou diria, que era impossivel, que um morto falasse. e, se o-obrigassem a dar a razão; necessariamente diria, que, estando o corpo desfeito em terra, nam avia boca para falar. Estamos no-cazo. Os Omens intendem melhor certas coizas, quando nam lhas-explicam: e talvez os rusticos tem melhor juizo, que os Filozofos.

O mesmo digo das-divi zoens das-Cauzas: cuja arenga inteiramente se-devia desterrar, das-escolas. O que dizem da-Cauza *Material, e Formal*, é fundado em uma imaginação: pois nam á tais cauzas no mundo. *Cauza* significa, o que produz alguma coiza: e neste sentido o-recebem, até os mesmos idiotas. a *Materia, e Forma* nada produzem. Funda-se toda esta disputa em sonharem, que a *Materia e Forma* produzem por-uma *asão edutiva*. Querendo explicar, o que é esta *asão edutiva*, nam sabem, o que dizem. falam muito, e nam concluem nada. Com esta sorte de Filozofos, nam devemos perder tempo: é preciso obrigarlos, a que provem primeiro, o suposto. Se os-aperta desta maneira, achará, que ficam calados: pois *asão edutiva*, são duas palavras sem significado, e a que nam corresponde objeto algum. Confeso-lhe ingenuamente, que obrigando alguns destes Metafízicos, a que me-provassem, que avia tais *asões edutivas*, sem outra violencia ficaram mudos.

O mesmo julgo da-cauza *Final, e Exemplar*. Os Peripateticos progar

mil coizas galantes, sobre uma e outra. e tudo se-funda, emque á no-mundo uma talasám, cuja natureza é, ser dependencia do-Fim, e do-Exemplar. Negue-lhe V. P. esta baze, e caio toda a machina. O certo é, que eles nam provam, isto mesmo que supoem: mas esta supozisám, nace de outra supozisám. Toda a utilidade, que dali se-tira, se reduz a isto: Que o agente racional, que obra alguma coiza, tem seu *fin*, polo qual a-faz: e muitas vezes o-faz, para imitar alguma coiza, a que chamam *Exemplar*. E isto intende-se facilmente sem explicaçoens: mas de nenhum modo conduz, para intender o que é Fizica.

Aquella cauza, que produz alguma coiza, que elles chamam *Eficiente*, esa é a verdadeira cauza: e dela se-deve tomar algum conhecimento. mas nam neste lugar; pois V. P. nam ignora, que é verdadeira Fizica. Deve porem abreviar-se este tratado: e separar dele, aquellas inutis questoes, que nele introduziram os Metafizicos vulgares. Todas reconhecem, o mesmo principio, que asima disemos, vem a ser, que existam as tais acoens *eductivas*, e *criativas*: das quaes nacen estas celebradissimas questoes. Falando da-Fizica direi, o que se-deve tratar: porque aqui cauzará embaraço. Alguns outros termos, que na Metafizica se-disputam, como do-*Perfeito*, e *Imperfeito*: do-*Necessario* e *contingente* &c.: nam tem dificuldade alguma, que mereça atensám: basta explicar os termos, que logo se-intendem. Mas isto pode-se fazer na Logica, quando se-explica, o significado dos-termos; ou no-decurso da-Filozofia.

Em uma palavra, toda a Metafizica util se-reduce, a definir com clareza alguns nomes, de que se-servem os Filozofos: e a intender, e perceber bem alguns axiomas, ou propozisões claras, que pertencem aos ditos. E isto, em qualquer parte que se-faça, deve-se compendiar muito, e explicalo em poucas palavras, se querem, que seja util: apontando o que é certo, e o que é duvidoso entre os Filozofos.

Persuado-me, que tenho mostrado a V. P. quam pouco fundamento tem, este, comum prejuizo, de quererem fazer desta chamada Metafizica, uma ciencia separada. pois é bem claro, que os que assim falam, nam intendem, o que dizem: nem tomáram, o trabalho de examinar, se verdadeiramente o tal tratado merece este nome: ou se o que se-escreve, debaixo do-dito titulo, é util, ou nam. Se o seu P. Colegial *** nam fosse tam pertinaz defensor, dos-antigos prejuizos, que bebo da escola; e quizesse por-um pouco despirse deles, e examinar, se estas Metafizicas vulgares valem alguma coiza; pouparmeia todo este discurso: visto nam aver coiza mais clara, que o que digo. Mas este é o pecado original do-Peripateticos, que nada examinam com fundamento: porem de um nome que recebem, formam uma questam: e, com cega venerasám, e esculpuloza reverencia, vam uns detraz dos-outros: e até parece que tem medo, que os-alumeiem sobre estas materias. Acháram este nome *Metafizica*, nos-antigos manuscritos; e sem mais averiguasám asentáram, que devia ser ciencia separada. Se os que lhe-chamáram Metafizica, lhe tivessem posto

o titulo, *Caldeira*, e *Tizoir*; veria V. P., que os sinceros Peripateticos acci-
tavam o dito nome. e teriamos oje uma *caldeira*, ou *tizoir filosofica*, como ci-
encia separada, sobre o qual nome se-diriam mil coizas bonitas. Nas escolas da
antigua Filozofia, quero dizer da-Peripatetica, o intendimento está, como di-
se um belo ingenho, a razam de juro: porque ninguem se-serve dele livremen-
te: mas cobram aquilo, que os mestres lhe-querem permitir. Nenhum exa-
mina as coizas, com o proprio juizo. E daqui nadem todas as arengas, com
que se-perde inutilmente aquele tempo, que se-devia empregar em outras
coizas. O pior é, que alguns meios destes modernos, digo os Cartezianos, e Gazen-
distas, aindaque intendam o contrario, como ja achei alguns, sam obrigados
a fazer, a melina separasam, por-nam escandalizar os velhos. veja V. P. quam
grandes raizes tem lansado a dita opiniam! Pertence agora a V. P. explicar isto
muito bem ao seu amigo, e se nam ficar satisfeito, diga-lhe, que me-propo-
na por-carta as suas dificuldades, que eu lhe responderei.

Mas antes de acabar esta carta, responderei a um periodo, que
vejo no-ultimo paragrafo da-sua, sobre o P. Feijoo. Nam respondo para
V. P., que, ja sabe a resposta, que devo dar: respondo para ele seu ami-
go, que propoem a duvida, e mostra, ser pouco informado do que deve. Di-
go pois brevemente, que eu nam condeno, quem le o Feijoo: antes, se é
pesoa ignorante, ou dos-que nam tem seguido os estudos, lhe-aconselho, que
o-leia; pois achará ali muita coiza boa, que certamente nam achará, em li-
vros Portuguezes. Digo porem, que para um bom Filozofa, ou omem, que
á-de seguir a boa Filozofia, pode ser prejudicial: mas polo menos é superfluo
o dito livro: e nam pode dele tirar coiza boa. Quem tem uma boa Logica na
cabesa, e alguma erudisam; rise dos-que admiram o Feijoo; e publicam (co-
mo o seu P. Colegial), que ninguem pode ser douto, sem ter lido o Feijoo.
Examine V. P. todas as materias do-Feijoo, a luz de huma boa Logica, e vera,
que qualquer omeni de juizo dirá o mesmo, sem ter mais lido o Feijoo. Eu
nam tenho o Feijoo diante dos-olhos, porque averá mais de doze anos, que o-
li; mas do-que tenho na memoria intendo, que poso formar este juizo. po-
uho um exemplo. Diz o Feijoo, no-primeiro tomo, se me-nam-engano, que
aquele proverbio: *Vox Populi, vox Dei*, é falso: e mostra isto com alguns
exemplos. Qualquer bom Filozofa, e que tenha um juizo claro, reconhece,
que nam á conexam nenhuma, entre a voz do-Povo, e a voz de Deus. mui-
to mais se quer olhar, para o que succede no-mundo. pois em qualquer paiz do-
mundo se-vem mil impostores, que enganaram por-muito tempo os Povos.
Aqui mesmo em Lisboa, tenho visto varias vezes muitas beatas, cononizadas
polo Povo, serem ao despois castigadas publicamente polo S. Officio. Com es-
tes exemplos pode qualquer omem, poupar o discurso do-Feijoo. O Filozofa
porem dá um passo adiante, reconhecendo, que nam á coiza que mais arras-
te o Povo, que a preocupasam, em que cadaum está, da-sua religiam; e que
a maior parte dos-omens, que commente pensa mal, nam distingue o branco
do

do-negro : infere claramente, que, se um impostor afetar uma exterioridade religiozissima, necessariamente á-de ser tido por-um santo. e este juizo nunca erra. Este é o caso dos-Farizeos, que afetavam uma exterioridade sacrosanta. Mostrava a experiencia, que eram uns ladroens, os quais faziam que a apparencia de virtude, servise á sua utilidade, vingania, e outros vicios, que a Escriptura lhe-attribute. Nam posso persuadir-me, que entre os Judeos, nam ouvelem omens de perspicacia, que os-conhecelem, e descobriem: ao menos o exemplo d'El-Rei Alexandre Janneo (morrendo, disse a sua mulher Alexandra, que, se queria conservar o Reino, fizese tudo o que quizelem os Farizeos; os quais persuadiam ao Povo tudo o que queriam, justo, ou injusto como na verdade succedeo.) mostra, que entre os Judeos, nam faltava quem os-conhecia bem. nias como os ignorantes eram os mais, os Farizeos triunfavam. Desorteque o Filozofa, conhece fundamentalmente, que a voz do-Povo rarissimas vezes é voz de Deus: e o iguorante, tem mil exemplos diante dos-olhos, que provam o mesmo.

Diz mais o Feijoo, que estes espiritos foletos, sam arengas, que a idade dos-omens, nam tem padecido coiza alguma: &c. Tudo isto persuade a boa razam, e a experiencia: pois é certo, que a quem é medroso, gatos parecem espiritos: e quem olha para os velhos da-nossa era, e os-compára com os que floreciam, no-tempo de Augusto, e no-tempo de David, á quazi trez mil anos; ve em ambos os tempos, omens da-mesma idade. Um dos-nossos Italianos, chamado *Lancelotto*, compós, maitos anos antes do-Feijoo, um livro, que intitula *l'Oggiddi*: em que mostra, que o mundo em diversas materias, é o mesmo que primeiro: e nos-vicios, que nos-parece terem chegado ao seu auge, mostra, digo, que os pasados, eram muito mais viciozos, que os modernos. Nam trago mais exemplos, pois com estes á vista, reconhecerá V.P. que é verdade o que digo, que uma boa Logica, aplicada a qualquer materia, poupa todos aqueles discursos.

Quanto a alguma erudisam que dá, sobre as guerras Filozoficas, e modos de argumentar &c. nada disto serve para discorrer bem. Quem tem na cabeça boa Logica, nam necessita de ler aquilo: antes embrulhará o juizo, se o ler; porque nam ensina bem. Sobre alguma coiza que diz de Fizica, nos-Paradoxos, e outras partes; é necesario estar muito acutelado, porque diz alguns erros grandes. O Feijoo nam é Filozofa, nem nunca o-foi. Confessa ele, que é Peripatetico, e que se-acha muito bem, com as formas Aristotelicas. Isto basta-para o canonizar, e saber, que nem na Logica, nem na Fizica pode discorrer bem. Isto se-confirma novamente, pois faz paradoxos de coizas, que sabem os rapazes, no-primeiro mez da-escola; e em muitos dos-Paradoxos engana-se, e diz erros. Alem disto, de Matematica nada sabe, como se-vé dos-paradoxos que propoem. Seguindo a sua opiniam, podia unir, trezentos mil paradoxos: e escrever toda a Fizica, e Matematica por-paradoxo. Nam sabendo pois Matematica, como é possível, que discorra bem na Fizica? Este paradoxo

doxo nam só é menos verosímil, mas e totalmente ininteligível, como direi tratando da-Fizica. Alguma coiza que diz menos má é, o que leo nas Coleções das-Academias Regias, buscando materias para o seu Teatro. mas isto ou é mui pouco; ou o-explica mal; ou, aindaque o-explicase bem, quem le Filosofia, eicuzo o dito Feijoo. Com esteito o Feijoo só agrada aos ignorantes: os omens verdadeiramente doutos, ou ao menos de juizo claro, deixam a sua lisa aos idiotas, mas nam se-servem de tal livro. nem eu o-aconselho, por nam embrulhar as ideias da-mente, e originar confuzoens. Nem cuide V. P. que digo isto, polo ter lido no-seu Antagonista Mañer: nam senhor: mas polo que me-lembra do-dito autor, e a razam me-persuade, ser assim. Tambem do-Antagonista formo, o mesmo conceito. reprendeo algumas coizas bem: mas tambem, porque nam intendia as materias, dise muita parvoice. Isto é o que me-ocorre dizer por-agora: com mais vagar explicarei o restante. Deus guarde &c.





CARTA DECIMA.

SUMARIO.

Mostra-se que coiza é Fizica. Que em Portugal nam intendem o que é, nem sabem tratar a Fizica. Perjuizos dos-Peripateticos, e danos que resultam da-Fizica da-Escola. Excesso da-Filozofia moderna, e principalmente da-Fizica, sobre a antiga. Diversidade entre os mesmos Modernos: e qual sistema se-deve preferir. Necesidade do-Geometria, e Aritmetica, para entender a Fizica: a qual se-deve estudar, nas obras das-Academias. Prejuizo dos-Portuguezes, de nam quererem ensinar muitas coizas em Vulgar. Dá-se o modo, de ordenar um Curso de Fizica. Da-se uma ideia, de estudar com metodo, e brevidade toda a Fizica.

MEU amigo, e seuhor, Despois de algum tempo de descanso, é justo que continue o exercicio ja comefado, e dezempenhe a minha palavra. Direi pois a V. P. alguma coiza, da-principal parte da-Filozofia, que é a Fizica: visto que a Logica, parece ser fomento, uma dispozisam do-intendimento, para conhecer as coizas como sam. Já diê a V. P. em outra carta, que Fizica, era o conhecimento da-natureza de todas as coizas: o que se-alcança, por-meio das suas propriedades, e da-reduçam aos proprios principios. E daqui cuida podia poupar o trabalho de lhe-dizer, o conceito que deve formar, da-Fizica deste Reino. Mas como V. P. quer que lhe-diga distintamente, o que intendo; e esta carta é consagrada a isto; faloei brevemente. O que suposto digo, que neste Reino nam se-sabe, que coiza é Fizica: ainda aqueles que falam muito nela. Querendo V. P. lançar os olhos sobre aquilo, a que aqui chamam Fizica, entenderá melhor o que lhe-digo. Toda esta Fizica se-reduz, a tratar da-Materia, Forma, e Privasam in abstracto: dos-apetites da-Materia: das-divizoens das-Negasoens: e outras destas coizas em comum. Despois diso, das-Cauzas tambem em comum, porque ainda que prometam, tratar delas em particular, nada menos fazem; que iio que prometem: e todo o tempo se-pasa em disputar, palavras gerais. Com isto se-ocupa a Fizica dos-

dos-Peripateticos. Ora é bem claro, que tudo isto são arengas que nada significam: e é disputar de nomes. sendo certo, que eles não provam que a tal Materia, ou Forma, ou Privação como eles imaginam. E quanto aos nomes, todos os admitem: a dificuldade está em determinar, o que significam os tais nomes. Um Atomista, também se serve da palavra Materia, Forma, e Privação. um Epicureo, um Pitagórico &c. um artifice que faz uma estatua, também se pode explicar pelos mesmos termos. Nisto convimos todos. Onde se o Peripatetico não quer mais, que isto, não é mais verdade, que o que ele diz. Mas eles não querem só isto: querem que existam umas tais coisas, como eles imaginam. e disso é, que nós quizeramos as provas. as quais ainda até aqui não tem aparecido.

Consiste a sua grande prova, em que as formas peripateticas, são admitidas por-Aristoteles. Creia V. P. que quem diz isto, nunca leu Aristoteles, ou pelo menos não o entendeu. Vindo-me uma vez a curiosidade, de ler o texto Grego de Aristoteles, não achei tal coisa. consultei os que fizeram a parafrase, e vi, que, quando alcançaram bem a mente do-Filozofó, não dizem palavra, de que se possa inferir, que as *formas* sejam entes distintos da-Materia: antes tudo o contrario. O modo com que S. Tomaz de Aquino o explica (1), mostra bem, que com a palavra *Forma*, não quiz introduzir uma nova substancia, ou natureza distinta da-Materia: mas uma diversa afecção, ou modificação da-Materia. Ele diz expressamente, que Aristoteles nunca disse, que a Forma ou substancial ou accidental tenha ser proprio, e se-produza: mas que o Composto é que se-produz, e a esta produzam do-Composto, que explica pela materia modificada, chama, produzam accidental da-Forma. Além disso, compara frequentemente os compostos naturais, como os artificiais: nos-quais não se dá, produzam alguma de natureza: ainda que se-de, uma nova modificação da-Materia. E isto, entendido sem paixão, quer dizer, que não é tal *forma*, que seja coisa realmente distinta.

Mas eu quero admitir de graça, que S. Tomaz o-entendesse como eles dizem: digo, que o não-entendeu bem: e que pesadamente o-intendem todos, os que seguem estas pizadas. Tenho para isto uma prova tal, que não tem resposta. Esta é tirada de Cicero, o qual entendia Aristoteles muito melhor, que S. Tomaz. Cicero falava o Grego, como o seu Latim, tinha estudado na Grecia, tinha ouvido muito tempo os discipulos de Aristoteles, erdeiros da-sua doutrina, digo, os Peripateticos: com os escritos dos-quais podia suprir as faltas que se-achassem, nos-Livros do-Filozofó. Além disso tinha os tais manuscritos mais sinceros, do que nós hoje não temos. era perfeitamente instruido nos-dogmas da-Academia Velha, e Nova: quero dizer, da-escola de Platão, e seus successores: cujo Platão ele sempre lia, e a cada passo louva. possuía perfeitamente a historia dos-dogmas dos-antigos Filozofos: desfortaque os seus livros

(1) L. 7. *Metaph. lect. 1. & lect. part. quest. 65. art. 4. in Corp. 1. 2. 7. & lect. 8. l. 12. Metaph. lect. 1.1. quest. 110. art. 2. ad 3.*

fam o melhor, e mais antigo monumento, que neste genero nos-deixou a Antiguidade. circumstancias todas que nam se-acham em S. Tomaz. Contudo isto Cicero nos-seus livros filozoficos repete a cada passo (1), que Platonicos, e Aristotelicos, só diferiam nas palavras, mas concordavam na sustancia: e isto dilo com tal confiança; que nada mais. É certo porem, que Platam nam admitio tal Materia, Forma, e Uniam, como os mesmos Peripateticos modernos confelam. De que eu tiro por-consequencia, que nem menos Aristoteles: e que teve muita razam S. Tomaz, em dizer o contrario. Acrecento a isto, que o mesmo Cicero no primeiro livro das-Questoes Academicas, explicando a divizam da-Filozofia dos-Aristotelicos, e Platonicos, de tal sorte expocim, o que era a sua Fizica, que nam deixa que duvidar na materia. Diz explicitamente, que eles nam consideravam senam, cauza Eficiente, e Materia, a qual materia quando era formada polo eficiente, se-fazia qualidade, isto é, composto determinado. a dita formafam era uniam, e mudansa de partes da-materia. Alem diso nam distingue a *materia*, do-*corpo*: porque diz, que esta se-compoem de partes diviziveis *in infinitum*; nam aveudo coiza neste mundo, que nam se-poa dividir. Isto, e muito mais, diz Cicero. E isto é em carne o sistema de Democrito: e é totalmente contrario, ao que os Peripateticos modernos afirmam, ter dito Aristoteles.

O mesmo Aristoteles, que com a sua confuzam, talvez afetada, deu principio a este modo de falar, no-decurso das-suas obras mostra bem, o que ele intendia por-estas palavras. Em dois livros somente falou ele da-Materia, e Forma: e nos-mais livros de *Physico auditu* tratou largamente do-Movimento, e propriedades do-Ente movel sensivel. Razam por-que os doutos suspeitam, que nos-ditos dois livros somente quizera Aristoteles explicar, o que intendia por-Materia, e Forma: mas nunca lhe-pasára pola imaginafam afirmar, o que dizem os Peripateticos. Alem diso, escrevendo ele varios livros, de *Celo*, *Generatione*, *Meteoris*, *Historia*, *Partibus animalium*, *Animas*, *Parvis Naturalibus* &c. nam explica fenomeno algum, com palavras gerais: e comumente nam se-afasta, da-opiniam de Democrito, que pasava polo melhor Fizico

(1) *Platonis autem auctoritate, qui varius, & multiplex, & copiosus fuit, una, & consentiens duobus vocabalis, Philosophiae forma instituta est, Academicorum, & Peripateticorum: qui rebus congruentes, nominibus differabant. Cicero Academic. Quaest. l. 1. n. 4. Et haud paulo post. Ita facta est differendi ars quaedam Philosophiae, & rerum ordo, & descriptio disciplina, quae quidem erat primo duobus, uti dixi, nominibus una: nihil enim inter Peripateticos,*

& illam veterem Academiam differabat. Abundantia quadam ingenii praestabat, ut mihi videtur quidem, Aristoteles: sed idem fons erat utrisque, & eadem rerum expetendarum, fugiendarumque partitio. Et iterum l. 4. n. 5. Quorum numero tollendus est Plato, & Socrates: alter, quia reliquit perfectissimam disciplinam, Peripateticos, & Academicos, nominibus differentes, re congruentes. Et saepe alibi.

zico da-Antiguidade : funda-se nas obſervações ſobre as partes , que compoem os animais , para poder diſcorrer deles. Sei que é confuſo , e que tem outros defeitos : mas iſto provem primeiro , de querer impugnar os outros Filozofos : da-corrufam dos-livros : e tambem da-falta de metodo: o qual metodo era incognito aos Antigos : e tambem pode provir, de ſe-acharem entre os ſeus livros muitos , que ele nam eſcreveo. Mas baſta olhar para os que ſam ſem controverſia ſeus , dos-quais os melhores ſam os 9. de *Hiſtoria animalium* : os 4. de *Partibus animalium* : e os 5. de *Generatione animalium* : para intender , o que digo. Neſtes livros nam ſe-lerve de Materia , Forma , e Privafam ; mas obler-va miudamente as operações , as partes , o modo de gerar , a diverſidade dos-ſexos , a virtude do-ſemen , e as diverſas eſpecies de oviparos , e viviparos. No-que moſtra o uzo , que ſe-deve fazer da-experiencia , e o modo , com que ſe-deve tratar a-Fizica. Mas iſto que fez Ariſtoteles , nam fazem , os que ſe-chamam Ariſtotelicos. antes mui pertinazes nos-ſeus coſtumes , tendo-ſelhe metido em cabeça , que Ariſtoteles diſe , o que eles ſupoem ; o que colhem de algumas palavras olcuras ; arraſtam violentamente as outras palavras ; para o meſmo ſentido que querem : e nam fazem cazo da-prova clariffima que ſe-tira , das-ſuas meſmas obras.

A outra celebre prova dos-Peripateticos conſiſte , em ſe-cobrirem com a capa da-religiam : pertendendo introduzir as *formas accidentais peripateticas* porque aſim o-definio a Igreja no-Concilio Conſtancienſe , contra Wickleff. Quem ouve eſta objeſam de repente , e nam é informado do-negocio , entende , que é zelo : mas examinando bem o cazo , acha-ſe ſer pertinacia, e inveja , nacida de uma grandiffima ignorancia. A iſto tem-ſe ja reſpondido com larguiſſimas reſpoſtas , e Livros inteiros : deſorte que só os ignorantes , e bem ignorantes tem duvida neſta materia. Primeiramente , ainda ate agora nam deſhuio a Igreja , que ouveſem Accidentes na Eucariffia. iſto vemos nós todos : e nam coſtuma a Igreja deſinir , o que ſe-ve. Nem Wickleff negou nunca , que ouveſem Accidentes. o que diſe foi , que com eles eſtava o pam : e a Igreja deſinio , que nam eſtava o pam com eles. As primeiras duas propozições de Wickleff ; como lemos no-Concilio Conſtancienſe (1), ſam eſtas : I. *Subſtantia panis materialis , & ſimiliter ſubſtantia vini materialis remanent in Sacramento altaris.* II. *Accidentia panis non manet ſine ſubjecto , in eodem Sacramento.* Um Peripatetico fará aqui uma bulha eterna : mas o certo é , que o ereje em ambas quiz dizer o meſmo : e uma é explicação da-outra. Porque , o que quiz dizer é , que nam ſe-deſtruia o pam : nem em ſeu lugar entrava Criſto realmente , mas só em figura. o que explica na III. *Chriſtus non eſt in eodem Sacramento identice , & realiter in propria preſentia corporalis.* Aſſim o-intendem todos , os que trataram da-dita ereziã , e a-condenaram. Eſpecialmente um Sinodo convocado por-Tomaz Arundellio Arcebiſpo de Cantuaria grande antagoniſta de Wickleff , poucos anos deſpois da-ſua morte , digo , no ano 1396. condenando 18. arti-

(1) *Seſſ. VIII.*

artigos do-tal ereje, tirados do-seu *Triálogo*; das-ditas duas propozisoens faz uma só (1) I. *Manet panis substantia post ejus consecrationem in altari, & non desinit esse panis.* e logo immediatamente expoem a terceira do-Concilio Constanciense, que é esta: II. *Sicut Joannes fuit figurative Elias, & non personaliter sic panis est figurative Corpus Christi &c.* e a III. deste Sinodo é esta: *In capite, EGO BERENGARIUS, Curia Romana determinavit, quod Sacramentum Eucharistiæ est naturaliter verus panis: loquendo conformiter, ut prius, de pane materiali albo, & rotundo* (2) Da qual propozisam claramente se-conhece, que o intento de Wickleff nunca foi outro mais, que negar, que na Eucaristia, em lugar da-sustancia de pam, estivele o corpo de Cristo. Quando um Filozofa admite esta declarasam, satisfaz a tudo quanto pede dele a Igreja. Se pois os Acidentes sejam Aristotelicos, ou nam, ainda até aqui nam se-moveo esta controversia na Igreja. Nem cuido se-moverá: porque isto nam pertence a fé, com que nos-devemos salvar: nem à jurisdicam, que Deus deo à Igreja: a qual sumente se-dirige àquele ponto, e nam à Filozofia. e nunca a Igreja costumou definir questioens de Filozofia, que nam tocam com o Dogma.

Sendo pois isto tam claro, com razam dizia a V. P. que ou a grande ignorancia faz nacer estas duvidas, ou a inveja, e obstinaçam cega os olhos para nam conhecer, que isto nam merece, o nome de duvida. Muito mais de pois que omens doutilimos, como o P. Maignan, Saguens, e Malebranche mostráram, nam só o que se-devia intender; mas tambem prováram, que todo o sistema da-Gracia (que é a outra parte da-objesam) podia-se explicar maravilhozamente, sem recurso às fórmulas Peripateticas. da-mesma sorte, que por-doze seculos o-explicáram os maiores Doutores da-Igreja; que sabiam mais, e eram mais zelantes pola sua gloria, do que nam sam estes modernos argumentadores. Antes confeso a V. P. que lendo, o que nesta materia escreveo o P. Genario Dominicano, só entam fiquei bem persuadido, da-razam que tinha o Saguens, e outros que o seguiam: nam obstante que eu nam siga nem Maignan, nem Saguens no-modo de filozofar. E para prova do-que assim digo, observei uma coiza, que é mui digna de notar; vem a ser, que avendo tantos Filozofos, e Teologos seculares, que podiam impugnar, este novo metodo de filozofar; os Religiozos foram, os que fizeram maior bulha, porque tinham jurado aquelas doutrinas; e fose como fose, aviam defender aquilo mesmo, que tinham abraçado. E isto justamente é o que eu muitas vezes lamentei com V. P. que o jurar determinada doutrina, é o primeiro impedimento, para toda a sorte de estudos.

Destes dois principios, ignorancia, e preocupasam, nacéram aquelas infinitas arengas, a que se-chama Filozofia neste paiz. Embebidos daqueles principios, nam se-querem abaixar às experiencias a companhadas do-raciocinio. Todo o ponto está em fazerem disputas, sobre as formas Cadavericas, e a or-
dem

(1) Vide Guillelmum Windefordusium in tractatu contra Wickleff errores.

(2) Vide Natalem Alexandrum ad Seculum XIV.

dem Transcendental entre Deus, e as Criaturas: com outras semelhantes, ridicularias, que decem daquele primeiro, e errado principio: e com muito trabalho ficam ignorantes de Fizica. Tantos anos de disputar, tantas futilidades, nam deitam uma oitava de verdadeiro espirito filozofico: quero, dizer de um juizo prudente, e critico, capaz de fazer observaçoens utis, e discorrer com fundamento sobre as cauzas, de qualquer effeito natural. A trez ou quatro palavras se-reduz, toda a sua Filozofia natural. Pasma um omem, de ver a facilidade com que explicam, qualquer fenomeno que se-oferece. Fala V. P. do-Raio, e respondem-lhe, que se-compoem de *materia, forma, e privasam*. a materia sam os vapores igneos, nos-quais se-introduzio a forma de fogo, que o-fez romper para a terra. Isto é quanto pode dizer, segundo os seus principios, um Peripatetico. Diz a verdade: mas nam chega a explicar, que coiza é Raio. nem nos-faz a merce de dizer, por-que razam a forma de fogo, que em todos os individuos é a mesma; na *chama* suba para cima, e no-*raio* caia para baixo. E que se-chamem Filozofos estes tais! e que condenem, os que observam miudamente a natureza! Se a Fizica é, o conhecimento da-natur z, quem mais obliervou a natureza, com discursos aereos? Tanto sabe um puro Peripatetico, dos effeitos naturais, quanto sabe um cego, de cores: ambos falam do-que nam viram: um porque nam tem olhos, e outro porque os-nam-quer ter.

Dirmeám, que tambem os Peripateticos observam, a natureza das-coizas. que nas Universidades, emprega-se o quarto ano, em estudar a Fizica particular. que tambem disputam dos-Ceos, Méteoros, Parvos Naturais, Geraçam dos-viventes, e outros destes effeitos naturais. Mas isto, P. muito Reverendo, nam me-faz mudar de opiniam: antes me-confirma no-propozito. Estes tratados, sam disputas de nomes, applicadas aos Ceos, Meteoros, Geraçam &c. Estas materias estudam eles, polo *Suares Lusitano*, ou polo *Comptono*, ou *Rhodes*, ou coiza que o-valha: a Geraçam e Corruçam, por-uma postila impresa, do-P. *Francisco Ribeiro*: os outros, por-outros semelhantes manuscritos. e como estes livros, sam publicos, neles pode V. P. informar-se, da verdade do-que digo. Estes bons Religiozos pasáram a sua vida no-seu cubiculo, escrevendo. ferviram-se do-que acháram escrito. e assim nam podiam compor obras melhores, daquelas por-que se-guiáram. Diga-me V. P. quem ensinou Filozofia natural ao *Suares*, ou *Comptono*, ou *Arriaga* &c. ou aos outros, que os-seguiram? onde fizeram as experiencias? que autores citam? Alguma coiza que dizem menos má e, o que tiráram, do-P. *Scheiner*, *Kirker*, e algum outro. mas como estes, aindaque trouxesem algumas observaçoens boas, e experiencias constantes, eram ipoteticos na-explicaçam das-cauzas; que é o mesmo que dizer, eram maos Filozofos; enganáram-se igualmente que eles. Para discorrer bem sobre a natureza, é necessário ter juizo claro, com todos os requizitos, para observar bem: observar muito, e bem; ou saber-se servir, dos que o-fizeram: e fundar os seus raciocinios, em principios evidentes, quais sam

fam os mathematicos. E quantos acha V. P., que tenham estes postulados? Se V. P. ouvise um homem, que, sem ter ido à India, ou ter lido muito, e conversado muito com os que la foram, e examinaram o cazo bem; disese, mil coizas da-India; e isto com tal confiança, que, sendo contrariado constantemente polos que la foram, e consideraram bem aquella Peninsula; ainda assim perzistia na sua opiniam; cuido, que nam deixaria de se-rire. Pois tambem eu me-rio muito dos-que, sem irem ao paiz da Fizica, falam, e decidem sobre as suas partes: e faço tanto cazo deles, como V. P. faria daquele Historico. E como vejo, que todos os Peripateticos seguem, aquella estrada; pois, se bem admitem alguma experiencia velha, explicam-na de-maneira tal, que perde toda a sua forsa; por-isto intendo, que toda a sua Fizica, se-deve desprezar: e o-mesmo julgam comigo, todos os omens doutos.

Nem vale o dizerem, que alguns mais modernos, recebem as experiencias. isto fam arengas: porque neste particular, nam á meio. Quem recebe as experiencias, e, em virtude delas, quer discorrer; deve renunciar o Peripato: quem abraça o Peripato, deve renunciar as experiencias. fam coizas totalmente opostas; que uma destrue a outra. Todos vem subir a agua na siringa. contudo o Peripatetico, chama-lhe, medo do Vacuo: o Moderno, pezo do Ar. O que lhe-chama, medo do-Vacuo, diz umas palavras, que nada significam: porque se V. P. o-aperta, e lhe-mostra, que aquele medo cesa, em uma determinada altura (v.g. 32. pés de agua: e 28. polegadas de azouge, que vem a pezar quazi o mesmo: porque uma polegada de azougue está em equilibrio com quatorze quazi de agua) pois dali para cima, ainda que se-retire o embolo, nam sobe o liquido: mostra-lhe evidentemente, que nam sabe o que diz. Desta experiencia, seguem-se duas coizas. 1. que a natureza tem medo, de pouco vacuo, mas nam do-muito. 2. que o Universo receia, as arranhaduras, mas nam as feridas grandes. o que desfaz totalmente, o que ele dizia. O mesmo se-pode observar, correndo por-todas as experiencias: as quais, quando se-profundam, fam contrarias as explicaçoens, que eles dam. Certo Jesuita, de muito bom nome na sua Religiam, contando-me em certa ocaziã, que tinha visto um omem de forsa, introduzir violentamente uma siringa da agua, em uma bola de bronze, ja cheia de agua; me-dise, que, avendo de responder a esta experiencia, nam sabia achar resposta, tenam dizendo um despropozito: e era, que o bronze se-tinha dilatado: ou parte da-agua, saido polo bronze. Respondi-lhe eu; que nam era tam grande despropozito, que nam fosse apadrinhado, por-experiencias constantes. e referi-lhe algumas: entre elas, a da-Academia del Cimento, em que uma bola de oiro cheia de agua, e oprimida violentamente com uma machina, comesou a suar agua em sutilissimas gotas. Contei-lhe mais, que a agua, e todos os fluidos estavam cheios de ar: o qual podia ter-se comprimido, ou saido polo ingresso da-siringa, ou outra parte; dando lugar à nova agua. Finalmente provei-lhe com experiencias constantes, que o bronze, digo, o cobre, de que ele falava, podia ter cedido em alguma parte;

te ; principalmente se era soldado &c. , e dilatar-se a soldadura. Quando eu aqui chegava , respondeo-me o Religiozo : Amigo , se isto é verdade , vai polos ares , toda a minha Filozofia : pois com ella , nam saberia o que devia responder. E cuido que tinha razam. pois se a experiencia é bem constante , poderá ás vezes ser difficultoza , na Filozofia moderna : mas nesta , que se-chama Peripatetica , certo nam tem resposta. Sendo pois que uma experiencia constante , prefere a todas as sutilezas da-Escola ; fica claro , que nam se-deve fazer cazo destas Filozofias , aindaque se-queiram cobrir , com alguma experiencia.

Que coiza mais certa , e mais bem mostrada , que a circulafam do-sangue ? contudo se V. P. obíerva , como a-prova o *P. Ribeiro* (1) , confirmará o que lhe digo. Em vez de recorrer , às demonstraçoens de Harveo , que entram polos olhos , e se-confirmam com a boa razam ; funda-se nisto : Que admitida a circulafam , entende-se melhor , como o sangue leva o calor , e espiritos , a todas as partes do-corpo : paraque ellas possam fazer , as suas funçoens. 2. Que assim como no-Univerfo , gira o Sol por-tudo , para aqueantar ; assim no-corpo , deve girar o sangue , paraque comunique o calor , e espiritos animais , a todas as partes do-corpo. 3. Que a natureza , fórma todo o feto junto , em modo de circulo ; paraque nam disputem as partes , a primazia : e paraque todas as partes , levem o calor &c. , e alimento : e nada mais diz. E que lhe-parecem estas razoens ? acha V. P. , que um Filozofa , que nam tivesse outras provas , devia admitir , a circulafam do-sangue ? Este bom Religiozo deixou a melhor razam , só por-seguir , as suas metafizicas , que se-estribam , em mil supostos falsos. A prova da-circulafam do-sangue é , que vemos inchar a arteria , da-parte do-corafam , e a veia , da-parte contraria : digo , quando se atam , ou apertam. Alem diso , vendo-se com o microscopio , que toda a nosa carne , é um composto de sutilissimas fibras , que se compoem , de vazos miudissimos : e vendo tambem , que os vazos sanguiferos , nam sam os menores , mas os da-limfa , que naceem daqueles : segue-se , que a limfa se-deve distribuir , por-todas as partes do-corpo , para as-alimentar. muito mais , porque a transpirafam prova bem , que a limfa chega , a todas as extremidades dos-vazos. Sendo pois que nam transpira toda , e nam pára alí ; é claro , que deve tornar o sangue , para as partes interiores , para alimentar umas partes , e depozitar a limfa , que alimenta outras : e desta forte continuar o seu giro. Prova-se novamente , com o movimento do-corafam , que por-forfa á-de empurrar o sangue pola arteria. prova-se , da-elasticidade dela , e nam da-veia &c. , e com algumas mais razoens , que , quem é pratico da-Matematica , entende logo. Mas o *P. Ribeiro* recorre famente , à comunicafam do-calor às partes remotas : a qual , quando fosse necessaria (que se-duvida) podia muito bem na sua sentença comunicar-se , semque o sangue gira-se : vistoque , se-comunica por-produfam , e nam por-moto local. Recorre , aos espiritos vitais : que é uma coiza , que ninguem até aqui provou : polo menos , é muito duvidoza : avendo muitos bons Filozofos ,

(1) *De Gener. & Corr. Disp. 1. Sect. 3. fol. 50.*

zofos, que dizem o contrario. Recorre, ao giro do-Sol. Porem ou Sol gire, ou nam, na ipoteze de Copernico, nada tem isto que fazer, com o giro do-langue. Recorre, a que a natureza fórma, todas as partes do-feto juntas, o que negam os bons Filozofos: mostrando, com razoes evidentes, que o feto está formado, desde a primeira criaçam do-Omem. Recorre a isto: *quod natura format partes, per modum circuli, ne de primatu certent.* que sam palavras, a que nam conresponde ideia alguma certa; nem se-podem intender. Finalmente a tudo isto ou fallò, ou duvidozo recorre, para provar uma coiza certissima. Este é o modo, com que os Peripateticos se-servem das-experiencias. quando polo contrario deviam buscar samente a experiencia, e o que nela é certo: pondo de parte, toda a especulacãm impertinente, e mal fundada.

Quem nam segue esta estrada, perde o seu tempo. Nós nam temos conhecimento immediato das-naturezas: unicamente temos dois meios, para o-conseguir, observar as propriedades: e ver se, mediante alguma rezolucãm, podemos chegar a conhecer os principios, de que se-compoem esta ou aquela entidade fizica. Este deve ser o primeiro emprego do-Fizico, observar, e dis-correr. Nam devemos querer, que a natureza se-componha, segundo as nosas ideias: mas devemos acomodar as nosas ideias aos creitos, que observamos na-natureza. Este é o grande defeito do-Peripato. preocupados com a sua Materia, Fórma, e Privaçam, julgam, que sam capazes de disputarem, em toda a materia. crem poder explicar tudo, com aquelas expressões; e tudo embrulham com elas. Se eu disese a um omem, ainda de muito boa precesãm, que um relógio era composto, de Materia, Fórma, e Privaçam: a materia, era um ente indifferente para todas as formas: a fórma, outro ente incompleto, que contraie a materia, para uma determinada especie: a privaçam, a falta da-antiga fórma, que se-partio, quando se-introduzio esta presente: que intenderia este ouvinte com toda esta explicacãm? Depois de eu ter arengado um dia inteiro, achar-se-ia como no-principio, e justamente me-pediria lhe-explicã-se, que coiza era relógio. Suponha V. P., que nam estamos longe desta supozicãm. Cada composto natural, tem mais artificio, que um dos-nosos relógios, que tocam menuetes. Dos-viventes, é tam manifesto, que será superfluo provalo. das-pedras, deve-se formar o mesmo conceito, principalmente depois que o doutissimo Boile mostrou, que a estrutura das-pedras preciosas, é composta de folhas futilissimas, de figura geometrica. Onde quem nam considera os compostos naturais, como artificios de Deus, ou zomba, ou é cego: e quem, reconhecendo isto, ainda assim diz, que o artificio se-explica, com materia, fórma, e privaçam; é totalmente louco.

Se os omens quizessem depor os prejuizos, e servir-se dos-seus olhos, reconheceriam a verdade, do-que aqui aponto. mas a preocupacãm nos-Peripateticos é tal, que nam lhe-deixa abrir os olhos, para ver o que devem. Que importa que Aristoteles, ou todos os Filozofos da-Grecia disessem, que o Ar era leve; se estou vendo experiencias, que provam, que é pezado? Que importa

porta que digam, que a Luz é uma qualidade, distinta de todo o corpo; se me mostram efeitos, que me obrigam a dizer, que é um corpo? Que importa que os Escolásticos afirmem, que a organizam de um vivente, são accidentes, que resultam da-fôrma sustancial; se eu vejo, que é um perfeito artificio, que não tem nada que fazer, com a fôrma, porque existe partida a dita? se eu vejo, que a circulavam do-sangue, e outros umores, mostra distintamente, que o corpo do-animal, é uma machina *idraulica* maravilhoza: a qual pode viver muito bem, sem alma inteligente: e cuja vida em nada depende, do-conhecimento? Certamente que de não considerarmos assim o corpo, nascem todos os inganos: e depois que, postas de partes as preocupações, começamos a considerar o corpo humano, como é em si, e examinamo-lo mediante as leis do-movimento; tem-se descoberto coizas, que se-ignoravam.

Quero ainda supor, que estes Filozofos, fossem os maiores do-mundo: nada disso basta, para que eu não ceda à evidencia, e despreze a sua autoridade. Mas que souberam estes Filozofos, em compararem do-que nós hoje sabemos? Os Socrates, Diogenes, Soloens &c. os Estoicos, e muitos outros, applicaram-se ao Moral. mas que moral é o seu, para se-comparar com o nosso? Qualquer pobre mulher Catolica, é infinitamente mais alumiada, do que não era Platão: e sabe mais verdades importantes, do que ele não sabia metafizicas. O saber entam, que a alma do-Omém era um puro espirito: que nós obra-vamos, por-um fim sobrenatural: que o conhecimento deste só podia ser, a nossa maior felicidade: era conhecimento, que estava rezervado para um grande Filozofos; e ainda destes, rarissimo o-intendia, como devia ser. mas isto hoje, sabe qualquer menino. Não falo do-modo de o-dizer: pois é certo, que aprendemos mais, em uma pagina dos-nossos livros bem escritos, do que em livros inteiros de Platão. Mas ainda que se-pudesse comparar com o nosso Moral, nada disso ajuda para a Fizica.

A Dialectica dos-Antigos, era muito diferente da-nossa. Os que melhor discorreram, como Socrates, não se-afastaram muito, da-simplicidade do-nosso dizer. os que quizeram futilizar muito, como os Estoicos, e alguns Peripatericos, deram n'outro extremo, que era, a confuzam. Que semelhança tem a Logica de Aristoteles, com algumas modernas, que eu vejo? tanta como o dia, com a noite. O menos mau, que eu acho nos-Antigos, é o metodo. sendo que falta a quazi todos. o pior, são as regras, que pela maior parte são inutilissimas. Mas ainda o metodo é tal, que quem quizer, não saber Logica, basta que leia, pelos livros dos-Antigos. Abra V. P. Aristoteles: e fico seguro, que depois de ler um dia inteiro, não colherá coiza alguma boa. Estou certo porém, que, se ler alguma Logica moderna bem feita, entenderá o que diz, e poderá tirar ditames, não só para a Filozofia, mas para toda a materia: e mui principalmente para formar, verdadeiro conceito da-Fizica.

Nesta pois, que adiantamento fizeram os Antigos? Disputavam sobre os primeiros principios gerais. um dizia, que de agua: outro, que de terra: e
outro,

outro, que de fogo se-compunham todas as coizas: e nisto paravam. Democri-
to passava entre eles, pelo primeiro Fifico. Depois dele, Aristoteles: que nos
tratados particulares, nam se-afasta das-suas opinioens: e Epicuro, que o-se-
guiu em tudo. Mas que sabiam estes omens? Aristoteles applicou-se às observa-
çoens. conheceo, que era necessário, intender as leis do-movimento, para po-
der conhecer a natureza: e melhor o-deo a intender, tratando nos-livros *de*
Physico auditu, do-movimento, e suas especies. Mas alcançou por-ventura as
leis do-movimento, para explicar os efeitos particulares? nada menos, por-
que tal nam consta dos-seus escritos. Epicuro também disse, que tudo se-com-
punha de atomos, que se-moviam assim, ou assim. disse muita coiza boa, para
aquele tempo; mas quando quiz entrar, nas coizas miudas, nam explicou
efeito algum natural, dando a verdadeira razam dele.

Todos estes omens merecem louvor, por-aquilo que nos-deixáram escrito:
e porque chegaram a conhecer alguma coiza, que nós oje temos demonstrada:
e talvez nos-indicáram a estrada em outra &c. Eu acho nos-antigos Filozofos,
espalhados alguns pensamentos, que nós oje recebemos como certos: mas sem
metodo, sem razam, sem demonstram; e, pola maior parte, por-via de
conjetura. Contudo ilo nam se-devem comparar, e muito menos preferir,
aos nosos Filozofos modernos. Eles nam tinham os Telescopios, para observar
os astros: os Engilcopios, para os inviziveis: e os mais instrumentos sem nu-
mero, de que o metodo moderno enriqueceo a Fifica. Todas estas machinas
ou se-inventáram no-seculo passado, ou neste presente: e todos os dias se-vam
inventando. E que utilidade nam rezultou, destas experiencias? que dezenga-
nos nam temos alcançado, mediante estas observaçoens? As leis do-movimen-
to, que, segundo Aristoteles, sam achave para penetrar os-segredos da-natu-
reza; oje estam demonstradas: e mediante as ditas, explicam-se muitos efei-
tos, deque se-ignorava a cauza. Antigamente os Filozofos nam viam nos-ani-
mais senam aquilo, que podem observar os carniceiros: nas arvores, aquilo
que sabem os carpinteiros: nam tinham mais conhecimento das-plantas, do-
que pode ter um jardineiro: nem dos-metals sabiam outra coiza, senam o que
sabe um fundidor. Mas oje os Filozofos, fazem anatomia em todas estas coizas:
e explica-se a dispozitam organica, de muitas destas partes, como se-explica, a
dispozitam de um relógio. Este modo de examinar a natureza, tem aberto os
olhos aos Filozofos: e tem-lhe mostrado, que da-dispozitam machinal de varias
partes, dependem alguns movimentos, que se-atribuíam a causas occultas. Oje
conhecemos mui bem, a fabrica do-coração, e, mediante este conhecimento,
podemos explicar, todos os seus movimentos: o que ignoravam os Antigos:
aindaque confuzamente loubesem, que avia um principio de movimento. Fi-
nalmente, estam oje cheios de noticias utis: quando até aqui, só tinham con-
ceitos impertinentes, e expresoens mui confuzas, de que nam se tirava dou-
trina alguma. Nam quero com isto dizer, que os que observam a natureza,
tenham clara ideia, das-essencias das-coizas: estou mui longe disso. Conheço,
que

que muitas coizas, se-tem descoberto: mas que muitas mais, ficam por-de-cobrir, rezervadas para os nosos vindouros. O que digo é, que este mejo é o unico, para descobrir a verdade: com esta circumftancia de mais, que ou nos-descobre a verdade; ou nam nos-lizongeia, com uma ciencia mentiroza: pois nele claramente se-distingue, o que é verdadeiro, daquilo que é verosimel, e que é falso.

E, na verdade, nunca pude soffrer estes, que se-servem de palavras pouco uzuais, e intelligiveis: nem distinguem o verdadeiro do-falso; o claro do-duvidozo: mas recolhem-se ao fagrado de certas palavras, como os Ebreos a sua Cabala, e os Egicios às suas Cronicas: e até parece, que tem medo de se-explicar. Este é o comum vicio dos-Aristotelicos. toda a sua Fizica é misterio. Iam altissimas contemplaçoens, cubertas com o veo, de palavras pouco comuas, e fóra do-significado uzual. Se V. P. traduz em bom Portuguez, uma opiniam Peripatetica, perde amétade da-sua forsa: se a-chega a explicar, e lhe-pede a razam de cada parte, perde-a todo. Que sorte de Filozofia é esta, que nam se-pode explicar! Quando eu nam tive-se outra razam mais, que ver quanto é necesário, para intender os livros Peripateticos; isto bastava, e sobrava, para desprezar tal metodo, e tal doutrina. A Fizica nada mais é, que as conseqüencias, que tira a razam, dos-efeitos naturais. e estas, devem-se explicar de forte, que, os que tem juizo as-intendam. Eu logo suspeito mal de um omem quando vejo, que busca rodeio de palavras, para me-perluadir alguma coiza. Se a razam é boa, nam necessita adornos: se o-nam-é, nam se-deve uzar na Fizica, nem em nenhuma ciencia. Se eu falo a um omem, em *materia, fórma, e privasum; atos primeiros, e segundos; asçoens edutivas &c.* isto é uma selada tal, que estou certo, nam intenderá palavra. Polo contrario, se lhe-aponto, ou mostro as experiencias, que se-fizeram nesta, ou naquella materia, e lhe-explico as conseqüencias, que daqui se-tiram; cuido, que me-á-de intender: e, se for omem, que se-aplica, facilmente se-capacitará, do-que lhe-digo. Por-este principio, digo da-Fizica, o que ja disse a V. P. da-Logica, que Fizica, que nam se-intende, deve-se desprezar: e coizas, que nam se-provam, nam se-devem admitir. O Fizico deve falar claro: propor as suas razoes, em qualquer lingua, de forte que todos o-intendam: e sobre tudo, deve estar tam advertido, nas provas que recebe, que sejam como a moeda corrente, que corre em todo o paiz.

Mas ainda neste particular, devo advertir a V. P. que á grande diversidade, entre uns, e outros Modernos. Os primeiros que sacudiram o jugo de Aristoteles, como Cartezio, e Gazendo, ainda que tosem Anti-Aristotelicos nos-fundamentos, muito se-inclinavam ao Peripato, no-metodo. Viam-se obrigados, a dar razam de tudo; porque os Peripateticos, com quem brigavam, os-obrigavam a isto. e como nós nam tenhamos, tal conhecimento das coizas naturais, que posamos dar razam de tudo; por-isto, para fazer o seu sistema verosimel, se-valeram do-metodo aristotelico, que, pela maior parte,

funda-se em supozisoens, e nam em provas. Por-isto os Cartezianos, e Gazendistas, aindaque se-chamem modernos, porque se-fundam nas experiencias; contudo sam Filozofos ipoteticos; que é o mesmo que dizer, maos Filozofos: porque supoem muitas coizas, que nam provam. Despois, refinando os omens, os seus pensamentos, e achando, que nam se-deve admitir nada sem prova; desprezaram todas as ipotezes, e uniram-se à experiencia, e ao que dela se-tira: Antes quizeram confesar, que ignoravam muitas coizas, que dar razoens, que nada valessem. Foi grande protetor deste metodo, o famoso Newton nos-fins do-seculo pasado. Despois diso, admitio-se nas Academias de Londres, Pariz, Leopoldina, de Berlino, de Bolonha, de S. Petroburgo &c. desorte que este é o metodo, que oje corre entre os doutos. Nam se-aditem ja ipotezes: nam se-faz cazo, do-que nam se-prova concludentemente: poem-se os olhos na experiencia; e procura-se dar razam provavel, daquilo que se-ve. Os que nam se-tem internado, nesta sorte de estudos, e nam tem lido o que devem, julgam os modernos todos, pola mesma medida: uma vez que salem em Cartezio, ou Gazendo, a todos chamam modernos: como mil vezes observei neste Reino. Até aqui os Religiozos, que seguiam a *moderna*, quazi todos eram Gazendistas, e muitos Cartezianos. Oje o metodo de Cartezio, quazi nam tem se-quazes: o de Gazendo, ainda existe em parte. mas muitifimos Regulares seguem a estrada modernissima: cujo numero cada vez se-aumenta mais. Os Seculares que intendem, comumente sam Newtonianos.

Este é o sistema moderuo, nam ter sistema: e só assim é que se-tem descuberto alguma verdade. Livre de paixam, cada Filozofó propoem as suas razoens, sobre as coizas que observa. as que sam claras e certas, abraçam-se: as duvidozas, ou se-rejeitam, ou se recebem no-grao de conjeturas, em quanto nam aparecem outras melhores: assim é, que se-forma o corpo da-doutrina. Estes Peripateticos quando ouvem dizer, que um omem nam tem sistema, nem autor determinado, a quem siga; fazem grande galhofa. Mas niso mesmo mostram, nam saberem que coiza é Fizica: porque se o-soubessem, deveriam estimar, quem se-vale do-seu juizo, e nam quem o-cativa. O fim do-Fizico é, descobrir a verdadeira cauza, dos-efeitos naturais. e para conseguir este fim, nam deve fazer cazo, do-que dizem os outros: fim, do-que mostra a experiencia. E como nas obras das-Academias publicas, e dos-seus membros, se-expoem simplesmente, o que se-tem observado; e, quando muito, ajuntam-se algumas conjeturas as mais verosimeis; destes livros deve servir-se o Fizico, que nam tem comodidade, para fazer as experiencias. V. P. nam ignora, que para fazer aquelas experiencias, requer-se muito dinheiro, muito juizo, muito tempo, muita paciencia, e muita gente. Ali se-acham observaçoens, feitas em diferentes materias, e diferentes partes do-mundo, e com despezas incriveis: de que nam é capaz um só omem. Alem diso, ali nam á perigo, que aleguem uma coiza falsa, por-verdadeira: porque, primeiro que se-publicuem, sam vistas e revistas, e aprovadas, polo corpo da-Academia. coitadinhos deles, se alega-
sem

fem falão: fãiriam logo mil criticas, que os-dezazariam. E a fim me-perfuado, que as ditas obras, devem-se considerar, como o melhor tezoiro da-Fizica. No-que virã V. P. a reconhecer, que grande serviço fazem ao publico os Principes, que fundam, dotam, e protegem semelhantes Academias; e remunera os que se-afinalam nestes estudos! fazem tam grande utilidade ao publico, que nam á louvor, nem agradecimento que os-iguale. Mas, tornando ao meu argumento, digo, que a Fizica se-deve procurar, nos-livros destes insignes omens, que com tanto cuidado, investigãram a natureza. Mas aqui advirto logo, que seria superfluo, empregar-se neste estudo, sem ter primeiro, os requizitos necesãrios: quero dizer, sem ter primeiro estudado, Geometria, e Aritmetica. Para persuadir a V. P. esta propozisãm, baltarã trazer-lhe à memoria, que coiza é Fizica.

A Fizica, é a ciencia que examina, a natureza do-Corpo, e Espirito, mediante os efeitos que conhecemos. Do-Espirito nam é agora questãm, fim do-Corpo. Os corpos tem propriedades gerais, e particulares: e esta dependem daquelas. Desorte que para conhecer bem, os fenomenos corporeos, e suas cauzas, é necesãrio primeiro saber, que coizas sãm comuas a todos os corpos, para as-separar, das-que sãm particulares de diferentes corpos. Para isto é necesãrio, formar verdadeira ideia do-Corpo: e, poado de parte todos os prejuizos, examinar, qual é a natureza daquilo, a que todos constantemente chamam, *Corpo*. Certo é que nós nam conhecemos claramente nos-corpos, senam extensãm, impenetrabilidade, figura, e mobilidade. Eles podem ser outra coiza muito diferente, e seria temeridade negalo, se uma autoridade infalivel o-afirmase. mas devendo-se isto determinar com a luz da-razãm, nam podemos com verdade afirmar, que conheçamos outra coiza mais, que a dita. Onde para julgarmos, que conheçemos alguma coiza bem, é necesãrio, que a-polamos explicar, segundo as coizas, que claramente intendemos: como fazemos a um relógio, que se-abre; e no-qual se-ve o movimento, e figura de cada parte. A ideia de corpo assim formada, nos-conduz a examinar diferentes coizas, que sãm necesãrias, para bem intender, o que é corpo. Porque da-*Extensãm*, passamos à *Divizibilidade*. da-*Impenetrabilidade*, passamos à *Dureza*, *Densidade absoluta*, *Porozidade*, *Raridade*, e diversidade de corpos, nacida da-meisma, ou diversa figura das-particulas.

Das-outras particulas da-ideia de corpo, *Figura*, e *Movimento*, nace outro exame principal, que se-deve fazer, sobré o corpo. Todo o corpo é limitado, que é o mesmo que dizer, é *figurado*: representando arredor diversas superficies; as quais, como compremendem todo o corpo, consideram-se como limites dele: que é o mesmo que dizer, que constituem a medida, de toda a massa, ou mole do-corpo. Ora é certo, que da-dita grandeza da massa; depende e se alcança, a quantidade das-forças dos-corpos. De que fica claro, que, para conhecer as forças corporeas, é necesãrio o conhecimento das-superficies; que é o mesmo que dizer, é necesãria a Geometria. Quem pois quer indagar,

as forſas dos-corpos, deve conhecer, a velocidade do-movimento do-corpo movel, e a ſua grandeza. E como a grandeza do-corpo, dependa da-ſua ſuperficie; daqui vem, que quem quer ſaber, as forſas dos-corpos, deve medir as ſuperficies, e a velocidade do ſeu movimento. Ora é certo, que o Fifico deve conhecer, as forſas dos-corpos: das-quais rezultam todos os eſeitos, que ſe obſervam na natureza, como moſtrarei: e como as tais forſas, ſe-deduzam da figura, e movimento; deve o Filoſofo ſaber-conhecer uma, e outra: ſaber as ſuas propriedades, moſtralas &c. o que requer totalmente a Geometria. Deſta é inſeparavel a Aritmetica: em que, na era prezente, neceſariamente ſe-compreende a Algebra: que é uma Aritmetica literal, mediante a qual ſe-facilitam as demonſtraçoens, e ſe-deſcobrem muitas coizas que antigamente ſe-ignoravam; e algumas nam ſe-ſabiam provar. Com eſtas preparaçoens, é que o Fifico poderá moſtrar, as leis, e propriedades do-movimento: ſem o conhecimento das-quais, nam ſe-pode dar um paſo na Fifica.

Com que a Geometria, e o Calculo; é achave meſtra de toda a Fifica, e Matematica. Com elas moſtra o Fifico, as leis do-movimento dos-corpos: a aſam mutua dos corpos duros, e elásticos: e compreende tambem o movimento de gravidade tanto abſoluta, como equilibrada, a que chamamos *Mecanica*, ou *ſtatica* &c. Com elas explica as leis dos-corpos fluidos, a que ſe-chama *Idroſtatica*, *Idraulica*: ſegundo as coizas que confidera: como tambem a concorrência dos-ſolidos com os fluidos: Noticia indiſpenſavelmente neceſaria, para intender o movimento dos-fluidos nos-tubos, e tambem nos-vazos do-corpo humano: o que tudo ſe compreende, debaixo deſta palavra, *Mecanica*. Creio, que V. P. nam me-negará, que o conhecimento deſtes phenomenos, ſeja proprio do-Fifico, por-ſer coiza bem manifeſta. o que admetido uma vez, deve conceder, que, ſem a Geometria, e Aritmetica, a que chamamos, *Matematica Simplez*, nam ſe-podem conſeguir. Alem diſo, V. P. nam ignora, que aquilo a que chamam, *Matematicas Mixtas*, como a *Mecanica*, *ſtatica*, *Idroſtatica* &c. *Aſtronomia*, *Optica*, *Perſpetiva*, *Geografia*, *Gnomonica* &c. ſem a *Matematica Simplez*, nam ſe-podem intender: motivo por-que comumente ſam tratadas, polos *Matematicos*. Mas por-pouco que V. P. refléta ſobre iſo, achará, que nada mais ſam, que conhecimentos fizicos, examinados com os principios da-*Metematica Simplez*; e que devem pertencer à Fifica. A coiza é tam evidente, que os meſmos *Peripateticos*, em parte, a-confesam: viſto que eles tambem tratam, dos-ſistemas dos-Ceos, das-orbitas dos-Planetas &c. Outros, dam alguma ideia da-*Geografia*: e eſtes meios modernos, tambem tratam dos-fluidos ſolidos &c. E nam ſe-podendo iſto ſaber, nem ſeparar, em modo algum, da-*Geometria*, &c. fica claro, que a Fifica requiere abſolutamente, a *Matematica*.

A prova melhor diſto é, abrir os livros, nos-quais ſe-reconhece a verdade. v.g. Intendem os *Peripateticos*, que a *Aſtronomia*, é verdadeira *Matematica*. A *Aſtronomia* porem, nada mais faz, que explicar os phenomenos dos-Ceos, que

que nós vemos digo, os movimentos dos Planetas, e como nam pode explicar isto, sem saber as propriedades dos-triángulos, e linhas curvas; porque estes é que ensinam, a nam errar nos-raciocínios; daqui vem, que lhe-chamam Matematica. Mas esta mesma razam milita, na Fízica. Explique-me V. P. a acceleraçam do-movimento de um grave, que caie perpendicularmente, ou por-um plano inclinado: ou que penetra um fluido: ou qualquer outro fenomeno natural: nam poderá dar perfeita razam disto, sem os principios da Matematica. motivo tambem porque digo, que a Fízica discursíva, é Matematica Mixta. Nela a experiencia, reputa-se por-*Dato*: e o raciocínio, é deduzido da-Matematica, que ensina a nam errar nos-discursos. Onde, quem se pára uma coiza da-outra, contrareia a boa razam, e tambem os antigos Filozofos: entre os quais Matematico, e Fízico, significava o mesmo; como V. P. pode observar, na istoria da-antiga Filozofia. Esta separaçam de Fízico, e Matematico, entrou nas escolas somente, nos-seculos da-ignorancia; e especialmente despois que os Peripateticos reduzirem a Fízica, a uma mera especulaçam impertinente: na qual certamente nam tem lugar a Matematica. Porem os antigos Filozofos, eram igualmente Matematicos. Chamam-se uns Filozofos, outros Matematicos, olhando para as coizas que ecrevèram: porque alguns especialmente escrevèram, sobre a Geometria, Seioens Conicas &c. e daqui naceo o simplez titulo de Matematico. Mas, tornando ao caso.

Quando a Matematica, nam fosse totalmente necessaria, para a Fízica; seria necessaria, na prezente providencia: pois, sem ela, nam é possível, intender os livros, dos-melhores Filozofos modernos, e os seus raciocínios, que se-fundam na Geometria: mediante a qual, provam o que propoem; ou mediante a Algebra, que é um metodo ainda mais curto. Onde; como estas duas ciencias sam as que deram, e vam dando, luz à Filozofia, sem elas, é superfluo entrar na Fízica. Tem alem disto a Geometria a propriedade de acostumar o intendmento, a nam admitir senam aquilo, que é evidente: e em certo modo, serve de nova Logica, para a Fízica. Em muitas Universidades, costuma-se explicar Geometria, e Aritmetica, antes da-Fízica, pola mesma razam. O certo é, que ninguem contrasta esta prerrogativa, a estas duas ciencias. Nelas discorre-se com tanta evidencia, que fica o intendmento plenamente satisfeito: e enche-se a memoria de verdades evidentes, que ninguem pode negar: com as quais se-exercita a discorrer bem, em todas as materias. Platam intendo muito bem esta verdade, quando pregou na porta da Academia, este edito: *Nullus Geometriae expertis intrato*. Os Pitagoricos, de quem Platam o-aprendeo, praticavam o mesmo: e muitos outros tanto da seta Jonica, como Italica. O mesmo Aristoteles declarou, nam ser apto para a Filozofia, quem nam sabia Matematica. Mas, sem buscar exemplos remotos.

A Fízica nam recebeo augmeuto senam, despois que a-comesaram a tratar os Matematicos. Galilei, Cartezio, Gazendo, Hobbes, os dois Pascoais, o P. Merseno, Borelli, Torricelli, e outros grandes Filozofos, que nos-prin-

cípios do-seculo paſado, reſtaſe a Fizica; foram os maiores Mathematicos do-leu tempo: e a alguns deles devemos, o aumento da Geometria, e Algebra. Deſpois, Huygens, Montmort, e outros que promoveram conſideravelmente a Fizica; foram tambem os que moſtraram, como ſe-pode aplicar a Algebra, a queſtoens provaveis. Deſpois, Newton, os dois Bernoulli, Cheyne, o Marquez do-Oſpital, e outros famosos omens, que, nos-fins do-seculo paſado, introduziram, o verdadeiro metodo de filozofar, foram tambem os que levantaram a Matematica, a quele degrao de perfeiſam, em que oje ſe-acha: inventando, ou iluſtrando o calculo *integral*, e *diferencial*, com o qual excedemos muito aos Antigos inventores da-Matematica, na facilidade, e nos-deſcobrimentos. Alem diſto, os que fundaram as Academias Experimentais, eram famoziſimos Mathematicos: e os que as-cultivam, ſam o meſmo. Deſorteque, entre os omens doutos, querer ſer Fizico, ſem Matematica, e erezia.

Moſtra tambem a experiencia, quanta utilidade ſe-recebe dela: porque os rapazes, que tem alguma tintura deſtas doutrinas, fazem mui diferente progreſo na Fizica, que todos os outros. o que e tam manifeſto, que quem oje quizeſe duvidar diſto, reputarſe-ia louco. Nam digo, que deva ſaber eſtas coizas, como Newton, ou Leibnitz, ou Bernoulli &c. o eſtudante que quer ſomente, intender os livros, e nam quer, deſcobrir novos problemas &c. nam necessita tanto. Baſta ſaber bem Geometria: o que pode fazer polo P. Tacquet, com as notas de Whiſton: quando nam intendeſe o Francez, e Italiano: porque neſte cazo, acharia algumas breves, e bonitas, vulgares. Deve alem diſto ver, os Theoremas de Archimedes: e o tratado das-Seſcoens Conicas do-P. Grandi, com as notas de Cameti, que ſam claras: aindaque as do-P. Orlandi, parece-me que ſam mais claras, e facis. Para a Arithmetica, baſta o meſmo Tacquet, no-tratado que fez dela, em que da as demonſtraçoens; com o ſuplemento de Nicolao de Martino, que e a melhor ediſam. Antes ſerá necelario, que o eſtudante ao principio deixe, muitas coizas menos necelarias, que ſe-acham nele; e ſaiba ſomente as principais. Em falta deſta, o P. Paolino de S. Joze, compoz uma Latina, breve, e clara: e o meſmo compoz uns elementos Latinos de Algebra, bons para principiantes, porque ſam claros. A Algebra, nam e tam difficultoza, como muitos imaginam; principalmente a quem ſomente quer, intender os autores: mas e ſumamente necelaria: porque todos ſe-ſervem oje dela, para provar com brevidade, e facilidade: e ainda na Geometria demonſtram com Algebra. E ſerá ſuperfluo, procurar bons livros, quem nam tem eſtes principios: porque para eſte omem, cada regra ſerá um enigma. Onde perſuado-me, que quem o-nam-tem feito antes da-Logica, deve-o fazer imediatamente antes da-Fizica, ou junto. Quem pois, tiveſe ja alguma ideia da-Matematica, ou tiveſe algum meſtre, que lha-explicale; podia ſervir-ſe dos-5 tomos de Matematica do-Wolſio; que faz um curso inteiro, e e o melhor, e mais moderno. Eſte autor porem nam e para todos: porque diz muito em poucas palavras; e requer voz viva do-meſtre: por iſo o advirto.

Para

Para as Sefoens Conicas, é mais claro, aindaque mais difuzo, o Marquez do-Ospital: mas escreve em Francez.

Creio, que quando V. P. aqui chegar, terá alguma difficuldade, nesta minha propoziam: talvez porque nam está acostumado, a ouvir este novo metodo: mas tenha por-certo, que nam á mais verdade que isto. Abra os livros dos-melhores Filozofos modernos, de Huygens, Newton, com os comentarios de Jacquier, e le Sueur, de Sgravelande, Musschenbroek, Manfredi, &c. e outros semelhantes a estes, que sam estimados de todo o mundo ciente; ou alguma das-Colefoens das-Academias; e achará, que, para te-dar razam certa das-coizas, recorrem logo à Matematica. O mesmo Purcocio, que é Carteziano de pés, e cabeça, estava tam persuadido disto, que la poz na sua Fizica, uma ideia da-Geometria: aindaque seja coiza ridicula. Mas nam receio, que V. P. tenha difficuldade em se-capacitar: de quem duvido muito é, do P. * * ou algum destes Catoens Peripateticos, que tem quazi por-biasfemia dizer-se, que a Matematica, é necessaria para a Filozofia. O pior é, que alguns omens doutos em outras materias, caíram nesta simplicidade. Certamente o P. Belleli, que foi Geral dos-Agostinianos, omem mui douto na Teologia, como consta dos-seus livros; tinha esta erezia na cabeça. Falando com ele algumas vezes, nunca lhe pude persuadir esta verdade. Fora Peripatetico nas escolas, e desorte bebèra a tal doutrina, que estava impossibilitado, para entender o cazo. Mas cá em Portugal, em que estes conhecimentos sam raros, achará V. P. muitos Bellelis. Contudo isto eu creio, que nam tem razam: porque doque alguns praticam, podiam outros tomar regra. Os doutos Jezuitas obrigam os seus Filozofos, a irem trez dias na semana ouvir, alguma explicafam de Euclides. E aindaque despois, nam falam uzo dele, porque o seu metodo de filozofar, nam o-permite; contudo, mostram a boa intenfam, e podiam ter sequazes.

Sei, que a maior parte dos-Profesores deste Reino, consideram a Matematica, como alheia da-Fizica: e quando ouvem falar em Matematico, logo lhe-proguntam, se-áde chover, ou fazer bom tempo: confundindo loucamente, as conjeturas de alguns maos Fizicos, e piores Astrologos, com a verdadeira Matematica. E ja afisti a umas concluzoens de Matematica, em que, vendo-lhe o defendente obrigado, a mostrar o que dizia, com uma figura; gritou o arguente: *Que bixaroco é esse? tire para la isto.* O auditorio aplaudiu muito este dito: mas eu tive compaixam de uus, e outros. tal é a ignorancia destes paizes! Os mesmo Jezuitas, que conhecem a ignorancia deste Reino, quando fazem conclusoens de Matematica, sempre lhe-introduzem, questoens de *Materia prima*, e outras da-sua Fizica: porque, sem isto, nam tem arguentes. E finalmente, nunca vi concluzoens de Matematica, em que nam ouvesem rizadas. desorteque vam as ditas concluzoens, como quem vai à comedia: porque intendem, que sam ridicularias, que só servem para divertir.

Naverdade nam sei, se á coiza mais vergonhoza, doque um omem, que fobe

fobe à cadeira, e tem nome de Meire em Artes, nam saber, que coiza é um Angulo, ou Retangulo: nem poder explicar dificuldade alguma, que da-Matematica se-tire. Muito diferentemente o-intendia um douto Jezuita, que era o P. * * Este omem me-dise algumas vezes, que, tendo tomado alguma ideia da-Geometria na mocidade, em todos os seus estudos reconhecera, a necessidade que tinha dela: e que sempre chorava o tempo, que nam empregára nella. Acrescentava, que, se dependese dele, daria outro metodo às escolas: e faria sem duvida, que a-estudassem antes da-Fizica.

Tendo pois o estudante visto a Geometria, e Aritmetica, tenho que fazer outra advertencia. antes que entre na Fizica. Digo pois, que devemos distinguir, duas sortes de estudantes. Se ele nam estudou Filozofia alguma, em tal cazo devem-lhe dar, uns Elementos de Fizica, de que neste século acham-se alguns Latinos bons. Se o estudante foi primeiro Peripatetico, neste cazo, o primeiro passo deve ser, mandar-lhe ler algumas istorias, das-melhores experiencias, que se-tem feito em toda a Fizica; segundo a ordem das-materias. Sei, que as melhores sam em vulgar: mas muito se-pode tirar, dos-livros Latinos (*). Esta leitura é o melhor conselho que se-pode dar, a um Peripatetico:

(*) Neste particular só temos dos Antigos Aristoteles, e Plinio: os quais, aindaque bons para os seus tempos, nada valem no-nosso, e estam cheios de infinitas fabulas.

Dos-modernos, as melhores obras de observações, sam as seguintes. Memorias da Academia das-Ciencias de Pariz. desde o ano 1666, em que se estabeleceo, até 1739. publicou tomos 54. em 8. em lingua Franceza. Tem alem diso a Istoria da-dita Academia, escrita por-Du-Hamel em Latim, e comesa no-ano 1665. até o ano 1698. em 4. = Tranzasoes Filozoficas de-Regia Sociedade de Londres. confirmada em 1662. a qual desde o ano 1665. até 1732. publicou 34. volumes em 4. em Inglez. Lowthorp compendiou toda a obra, em 3. tomos Inglexes. Os primeiros trez tomos desta obra, ja se-acham em Latim: e ultimamente em Napoles comesaram a traduzir esta obra em Italiano. comesa em 1720. até 1730. = Experiencias

da-Academia del Cimento em Florença. sam Italianas. fol. 1667. = Academia de Petersbourg. que comesou em 1725. até 1744. tem publicado 13. tomos em 4. sam Latinos. = Miscelanea Curiosa Medico-phyfica Curiosorum Naturæ. Comesou em 1670. que a-confirmou Leopoldo, até 1742. tem 32. volumes em 4. = Acta Eruditorum Lipsiæ. comesaram em 1682. e sempre se-continuum, dando todos os anos um tomo em 4. Aqui se-acham, entre outras coizas, algumas de Fizica boas. Tem-se feito o compendio desta obra, recolhendo somente, o que pertence à Fizica; e tirando tudo o que era suspeito na Pê. esta colesam faz-se em Veneza. Acham-se mais outras Academias, mas de menor considerasam.

Alem diso nos-Diarios, que se-tem publicado, e publicam, encontram-se frequentemente belissimas coizas, pertencentes à Fizica: folhas volantes, disertacoes a vulsas de infinitas

tetico : dizengana muito : persuade muito : e impede muitas repetiçoens. Nem pode dezagradar uma istoria destas , na qual nam á paixam , ou interese , o que succede nas outras , encobre muitas coizas , e altera outras. naquelas acham-se muitas falsidades : nestas somente verdades observadas , e a provadas por-todos. A mesma diversidade das-materias agrada : e experimenta-se um particular gosto , em reconhecer a origem de muitas coizas , que todos os dias estamos observando ; e que talvez nam advertimos ; ou , se advertimos ignoramos. Tem mais

to preso. Apontarei alguns : outros acham-se facilmente.

Diario dos-Sabios. *começa em 1665. até 1743. tomos 131. em 12. Francez.*
 Diario dos-Eruditos de Italia. *começa em 1710. até 1740. tomos 44. em Italiano.* = Bayle, Republica das-Letras. *em 1684. até 1709. tomos 46.* = Istoria Critica da Republica das Letras. *Uterch 1712. ambos Francezes.* = Memorias de Trevoux. *em 1701. até 1744. tomos 132. Franc.* = Memorias Literarias da-GranBretanha *1714. até 1744. tomos 40.* = Jornal Literario. *na Haja, Francez. 1713. até 1732. tom. 19. em 12.* = Bibliotheca Germanica : ou , Istoria literaria de Alemanha &c. *1720. até 1740. tomos 50.* = Bibliotheca Universal, e Istoria. *1686. até 1692. tom. 22.* Joam le Clerc = Bibliotheca Selecta. *1703. até 1713. sem tom. 26. esta é o suplemento da-antecedente : ambas Francezas.* = Bibliotheca Antiga, e Moderna do-mesmo Clerc, *para o ano 1714.* = Bibliotheca volante. *1697. tom. 5. em 8.* = Racolta, ou Coleçam de Opusculos Cientificos, e Filologicos. *Veneza 1728. até 1744. tomos 36. em 12. Italiano.* = Diario dos-Eruditos Ultramontanos: *traduzido do-Francez. 1722. até 1744. tomos 260.* = Reflexoens sobre as Obras de Literatura, *em 1738. até 1740. tom. 12. Franc.*

Bibliotheca Italica, ou Istoria Literaria de Italia. *1728. até 1733. tom. 18. Franc.* = Bibliotheca Dilcursiva das Obras dos-Doutos de Europa. *1728. até 1743. tomos 31.*

Alem destes, acham-se outros Diarios, que agora nam me-ocorrem : e outros que todos os dias se-publicam novamente, em varias partes de Italia, e França. e Olanda &c. : que é bom sabelos, e buscalos, para nas ocaziõens ter prontas aquelas disertaçõens, que neles se-acham. A verdade porem é que estes, que temos apontado, sã os melhores, e mais buscados. mas todos os dias podem aparecer coizas novas : e é bom, ter noticia delas.

Dos-autores particulares no-seculo pasado, acham-se tres omens grandes, antes da-abertura das-Academias. O primeiro foi, Bacon de Verulamio : depois o P. Merfeno : o terceiro, Roberto Boyle : que escreveram bem, e em Latim. Tambem no-fim do-dito seculo, escreveu bem Leeuwenhoek : que publicou as suas observaçoens em 4. volumes de 4. Latinas : alem de alguns outros. Neste prezente seculo decimooitavo, é que tem aparecido, istorias de observaçoens Fyzicas maravilhozas : mas quazi tudo em linguas vulgares. Desfor-te que posso dizer, que das Latinas, acham-se algumas, que tem boas observaçoens : mas nam temos ainda em Latim, um corpo inteiro, digno de se-ler.

mais outra circumstancia, que nam pede estudo cansado: porque nam sendo especulaçoens, facilmente entram, e se-conservam; nem é necessario decorallas, pois basta te-las lido, e labelas procurar na ocaziã propria.

Ora um tal estudo, persuade muito, nam com oraçoens estudadas, mas com a evidencia: e de-zengana muito. Porque vendo eu, que a agua na siringa, sobe polo pezo do-Ar: vendo, que o Ar tem uma forsa elastica prodigioza, e consequentemente, peza mui bem; quando ouso dizer ao Peripatetico, que o Ar é sumamente leve: que a Agua sobe por-medo do-vacuo: nam tenho necessidade de lhe-responder, mas com uma rizada, lhe-dezato o argumento. Da mesma sorte, mostrãdo-me, que a cor da-tintura do-Chá, da-Ourina &c. provem das-particulas que nadam no-fluido; separadas as quais, o fluido fica transparente como primeiro; fico de-zenganado, que, quando o Peripatetico me-diz, a sua costumada arenga das-qualidades, diz uma puerilidade. Alem disto, mostrando-me a experiencia, que muitas doenas provem, de uma quantidade de bichos insensiveis &c. v. g. a *sarna* &c. quando me-falam em qualidades ocultas, devo rir-me: pois conheço muito bem, que só me-curará aquele remedio, que matar os ditos animais. É isto, intendido uma vez, impede cem mil repetiçoens, que seriam necessarias, no-metodo contrario. Esta, como digo, é uma leitura necessaria ao Filozofõ, que foi Peripatetico; para o-de-zenganar, e poupar todos os momentos uma bulha, que se-devia originar, sobre cada fenomeno natural. Os que porem nam sam prejudicados nesta materia, utilmente a-podem, e devem ler, junto com a Fizica. porque como nos-Compendios de Fizica, em que se-discorre; as experiencias supoem-se, ou só brevemente se-apontam; esta noticia nam dá, quanta eruditã é necessaria. É assim pode o Fizico, nas oras menos ocupadas, ler aquelas experiencias, que correspondem à materia, que atualmente estuda. digo, o que nam foi Peripatetico: porque o que o-foi, deve primeiro lera. Com este conselho, curei algumas pessoas, daquela geral doença que padecem os Peripateticos, de contradizerem tudo, e quererem raciocinar onde nam devem; e persuadei-lhe, (o que eles nunca puderam intender) que nem tudo se-pode saber na Fizica. É quanto a mim, seguro a V. P., que este metodo, me-utilizou muito. Aquellas noticias excitãram-me a curiosidade, de fazer algumas experiencias, ou para me-de-zingar, ou para me-fatizfazer: e confesõ ingenuamente, que semelhante estudo abriu-me os olhos, melhor que os longos raciocinios. De ler o que os outros fizeram, quiz eu tambem experimentar: e descobri algumas coizas, que certamente nam tinha lido. de-fôrte que passando no-campo, ou em algum jardim, e ainda dentro da-Cidade, fiz algumas observaçoens, que nam foram infrutuozas, e deram-me maravilhozos ditames. Desta sorte (diz um omem douto, que rãmbem falava por-experiencia) quando um Fizico observa a natureza, acha-se Filozofõ por-divertimento.

É aqui, ocorre-me advertir outra coiza a V. P. que o omem, que em Portugal quer saber Filozofia bem, estava para dizer, que o-nam-pode fazer, sem

sem entender Francez, ou Italiano: porque nestas duas linguas ou se-compoz, o que á melhor, ou nelas se-acha traduzido, o que outras Naloes compuzeram. Poucos omens escrevem oje em Latim: porque os Modernos, persuadiram ao mundo uma coiza, que os Peripaticos nunca entenderam; vem a ser, que, para ser bom Filozofa, nam é necessario saber Latim. Cuido, que ja em outra carta adverti a V. P. ser este o defeito comum deste Reino. todos afetam explicar-le em Latim: e com tanto falar Latim, é coiza digna de admiracão, que tam poucos saibam Latim. Eu sou um dos-mais apaixonados, por-esta lingua: e'intendo, que um omem verdadeiramente douto, deve sabela com perfeicão, para ler os belos modelos da-Antiguidade, na lingua original. Muito mais, porque nam á coiza mais bela, que saber falar e escrever bem Latim: nam só para escrever cartas; mas para orar em publico entre os doutos, e entender os autores, que trataram varias faculdades. Mas no-mesmo tempo conheço, que para ser douto, nam é precisamente necessaria. Tudo o melhor da-antiguidade, se-acha oje traduzido em Francez, Italiano, e alguma outra lingua. Os mesmos poemas Epicos de Virgilio, e Omero; como os de Lucrecio, Oracio, Terencio &c. tudo isto está oje traduzido em verso Italiano elegantissimo, e alguns em Francez &c. As Oraçoes e obras Retoricas de Cicero, de Plinio &c. e as suas epistolas tambem estam traduzidas. Os Istoricos Latinos, e Gregos. Desorteque, posso ser bom Poeta, Istorico, Retorico, Orador, sem ser Latino. O mesmo digo da-Logica, Geometria, Algebra &c. tudo isto temos em Vulgar. Na Fizica, tem praticado o mesmo: quazi todos oje compoem em Vulgar. A Teologia Dogmatica, acha-se em Vulgar: porque a Escolastica traduzida, perde a sua forca. Os prolegomenos, e aparatos Biblicos, os comentarios da-Escritura, tambem os-temos em Vulgar: como V. P. pode ver no P. Calmet, que é o melhor comentador literal, que até aqui tem apparecido. As Leis temos oje em Francez, ou Italiano. A mesma pratica delas, acha-se em Italiano, como V. P. pode ver, no *Doutor Vulgar* do-Cardial de Luca. Desorteque na presente era, podemos saber muito, sem saber Latim.

Sei, que em Portugal pratica-se o contrario, com tanto empenho, que quem defendese umas concluzoes de Filozofia em Portuguez, perderia o conceito. Quando nam ouvem *ergo*, e *atqui*, com todos os termos Arabios, nam ficam consolados. Chega isto a tal extremo, que quem estuda polo *Larraga*, ou *Felice Poteestas* em Portuguez, perde o conceito na opiniam de alguns Moralistas. E disse-me pessoa de autoridade, que certo autor compuzera um destes livros, com este titulo: *Cazos de moral em Portuguez, para os Clerigos basbaques deste Arcebispado*: e que se o S. Officio, nam lhe-riscava o epiteto, *basbaque*; se-imprimia assim. Reconheço, que aos Clerigos é preciso, saber Latim: mas nam lhe-chamaria basbaques, se nam o-sabendo, soubessem outras coizas. Condeno sim, a leitura do-Larraga, e outros tais Moralistas: nam por-serem em Portuguez, mas por-serem maos livros, e perigosos. O certo é, que os Filozofos Gregos, nam escreveram em Arabio, nem em Caldeo, mas em Gre-

go: o mesmo fizeram os Romanos: o mesmo os Arabios. Onde, digam o que quizerem os Portuguezes, é sem duvida, que podemos ser omens mui doutos, sem saber Latim.

Mas, tornando à Fízica, todas as Naçoens cultas tem-na escrito, na sua lingua. Olandezes, Tudescos, Inglezes todos escrevem em Vulgar. Mas quazi tudo isto, acha-se oje traduzido em Francez: e, se ajuntamos as muitas obras Francezas, que nesta materia aparecem todos os dias; vem daqui, que a lingua Franceza seja oje necessaria, e quazi vulgar das-Ciencias: de forte que quem a-nam-fala, polo menos entende-a. Os nosos Italianos, que até aqui aprendiam o Francez, para lerem as tais obras; picados disto, comesáram também a escrever em Vulgar, para que os Francezes aprendessem a nosa lingua: como protesta o Valisnieri nas suas obras. Alem disto, traduziram em Italiano, tudo, ou quazi tudo o que saie em Francez, para utilidade de-Italia: como também muitas coizas Inglezas. E como nam me-consta, que os Francezes &c. traduzam na sua lingua, os nosos livros; por-este principio me-persuado, que a nosa lingua, é oje a mais rica destes monumentos; porque tem os seus, e os alheios. Sei, que algumas coizas se-tem traduzido em Latim, mas pouco. onde quem oje quer ver, o que se-tem composto, é necessario que entenda, alguma daquelas linguas. O estudo, como ja disse, nam é tam dificultozo, e é de suma utilidade. Mas quando nam ouvése outro remedio, podia-se procurar algum livro Latino, que suprisse a isto. Verei; se me-lembro de algum melhor, e o-apontarei, querendo V. P. mas, para lhe-dizer o que intendo, nam fardos-que mais me-satisfazem.

Tendo feito estas preparaçoens, deve o estudante passar para a Fízica: buscando nam autorès difuzos, mas breves, e que exponham com boa ordem, os elementos da-Fízica. Para falar nisto como devo, seria necessario, fazer um Curso de Fízica: e assim, apontarei somente a ordem: o mais, deve-se procurar, nos-autores que a-tratam. Se V. P. tivesse o Curso de Fízica, daquelle*** em que ja lhe-falei, escuzava estas explicaçoens: porque ali, acha-se disposto tudo, como deve ser. Mas, como nam tem noticia deste manuscrito, direi o que me-ocorre, ainda que vareie alguma coiza do-metodo da-dita Fízica. Parece-me, que é mui natural o seguinte.

Deve o estudante comesar, polos principios universais. E primeiro, examinar a natureza da-Materia: nam segundo as ideas metafizicas: mas segundo as ideias que temos daquilo, a que todos chamam, *Materias* ou *Corpo*. Depois, explica-se o que se-intende por-*Fórma*. posto o que, devem-se explicar, as propriedades da-Materia, especialmente a divizibilidade. Tem logo lugar examinar, quais eram os principios dos-outros Filozofos, como Democrito, Epicuro &c, onde se-examina também o Vacuo, Materia sutil &c.

Passa daqui a examinar as coizas, que convem a todos os corpos, a que chamam propriedades. Primeiro, a natureza do-movimento local, suas *propriedades* &c, movimentos compostos, e curvas que naceem deles. movimento de
gravi-

gravidade : onde se-examinam os principios de Monsieur *Newton*, de Monsieur de *Mairan*, e os principios da-*Statica*, os diversos movimentos dos-graves que caiem : a comunicam do-movimento, e os principios da-*Dinamica*. Segue-se examinar, os movimentos dos-fluidos, e descobrir, os principios da-*Idrostatica*. considerar bem, os movimentos dos-fluidos, tanto nos-tubos, como fóra : sua rezistencia : e os fenomenos que dependem, da-gravidade do-Ar.

Despois disto, examinam-se, as diferentes constituioens dos-corpos, das quais nascem aquelas coizas, que nós chamamos *sensasens*, a saber, corpos Calidos, Frios, Duros, Elasticos, Fluidos, Moles &c. Sabores, Cheiros, Sons, e suas especies, com as consonancias muzicais &c. Particularmente se-deve considerar a Luz, e suas propriedades : sua refraçam nos-vidros : reflexam nos espelhos : vizam directa, reflexa, refracta : e a natureza das-Cores : em que á muito que dizer.

Isto posto, antes de examinar as coizas em particular, examinará o Mundo geralmente. Primeiro a Esfera : despois os Tempos : logo os diferentes sistemas, de *Tolomeo*, de *Copernico*, as órbitas dos-Planetas, e o de *Tico Brahe*. Vistos eles todos, deve determinar, qual deles se-deve abraçar : examinando fundamentalmente, as razoens de *Newton*, de *Cartezio*, de *Leibnitz*. Despois trata-se das-estrelas Fixas, das-Errantes, e dos-Cometas.

Segue-se o globo terrestre. É primeiro, os Meteoros umidos, spirantes, igneos, emfáticos. Despois o fluxo e refluxo do-mar, segundo as opinioens de *Galilei*, *Walvis*, *Cartezio*, e *Newton* : determinando, qual parece mais provavel.

Despois disto, examinam-se as trez especies de corpos, que á na terra. primeiro, os Minerais : despois, os Vegetais : e em terceiro lugar, os Animais brutos. Despois o Omem : considerado primeiro, segundo os orgaos, e machina do-corpo, que é a Anatomia : despois, segundo a origem das-paixoes, e forsa da-imaginaçam. Mas nestas duas partes de Vegetais, e Animais, é necesario, ter grande advertencia, de se-conformar em tudo e por-tudo, com as experiencias modernas : porque os Antigos, ignoravam algumas destas coizas.

Parece-me, que esta ordem de compreender a Fizica, é natural. Nam condenarei poreo, quem a-nam-seguir em tudo : mas quizer seguir, a ordem do-*Toisca*, ou do-*Purcocio* &c. com tantoque nam lhe-figa as opinioens : pois, como disse, aqueles livros, e outros semelhantes sam, os que nam devem estudar os rapazes : pois tem mil supozisoens falsas, e ensinam muito mau gosto de Filozofia.

Tendo examinado a natureza dos-Corpos, deve examinar, a dos-Espiritos. Deve pois o estudante, seguindo o mesmo metodo, provar a existencia, e espiritualidade da-nosa alma. tendo advertencia de fugir, quanto pode, as supozisoens : porque é uma materia mui melindroza, na qual ; quem nam admite provas sem replica, perde o seu tempo. A razam disto é, porque avendo

tantosomens que negam, a espiritualidade da-alma, é necessario estar muito advertido nas provas: porque, sem isto, nam se-podem convencer. antes pode servir de impedimento, para provar a existencia de Deus. Isto para os Peripateticos, é pior que lingua da-China. Comumente recebem este ponto, e nam o-provam: pois todas as suas provas se-reduzem, a supozicoens, e metafizicas pouco soffiveis, que se-desfazem com grande facilidade: como V. P. pode observar, nos-livros destes vulgares Peripateticos. Onde destes; ninguem se-deve servir. Nem menos dos-Cartezianos, ou Ganzedistas em tudo: porque tambem supoem muito. O verdadeiro metodo, é o seguinte.

Provar, que á uma coiza em nós; que conhece, e quer: e que esta nam é corpo. A primeira parte, é evidente: a segunda prova-se, comparando as propriedades do-corpo, com as do-intendimento: e descobrindo a diversidade em ambas. Este argumento, se o-sabem dilatar bem, é de tal evidencia, que persuade. Feito isto, nam se-deve demorar com examinar, se os entendimentos todos sam da-mesma especie: isto é advinhasam. Nem menos deve disputar, se as potencias se-distingam da-alma: se á *verbum mentis*, especies intelligiveis, e outras destas arengas. Isto é uma rapaziada, originada polos prejuizos dos-Peripateticos; que nam tem lugar, quando osomens argumentam com razoens: pois fora da-opiniam Peripatetica, é evidente, que nam se-pode fazer tal pergunta. Unicamente tem lugar, expor o modo, com que a alma conhece, e passa de um conhecimento para outro semelhante: a que chamamos *discurso*. Mas tudo isto por-conjeturas, vistoque neste particular nada temos de certo. E aqui tem lugar, outras duas questoes: examinar, se o que dizem os Peripateticos, dos-conhecimentos distintos do-intendimento, ou dos-abitos distintos, a que chamam, *naturezas mere facilitantes*; seja verdade. Nam, porque isto em si tenha dificuldade, ou utilidade alguma; mas paraque, examinando bem os argumentos dos-Peripateticos, fique novamente persuadido, que, a quem nam adnrite os seus prejuizos, nam fazem forsa semelhantes fundamentos. Quanto aos abitos de Fé, e Esperansa, e Caridade, Graça Santificante, Lume da-Gloria, e outras virtudes espirituais; pertence à Teologia mostrar, que se-explicam maravilhozamente, e mais conforme aos SS. PP. sem tais fórmãs distintas: como em outra parte insinuei.

Depois, deve provar o outro ponto essencial, que vem a ser, que este principio inteligente, que em nós experimentamos, é de tal natureza, que pode querer, uma coiza, ou a sua contraria: ao que chamamos *liberdade*, no-sentido comum. Este ponto é mais facil de provar, doque a espiritualidade: mas nam tam facil, que nam tenha contra si, alguns Filozofos modernos, de muito bom nome. E aqui, tendo entendido, que coiza é *voluntario*, e *livre*; nam deve em modo algum demorar-se com examinar, se a liberdade, é intrinseca ao ato, com outras ridicularias destas; que sam palavras sem significado: nem menos deve perguntar, por-que se-determina a vontade: porque isto entende-se melhor, quando se-nam-explica. Estes sam os dois pontos principais nesta materia, Espiritualidade, e Liberdade.

Alem

Alem disto, pode-se considerar a alma, no-estado de uniam com o corpo. E como supponho, que o estudante terá examinado, no principio da-Fizica, em que consiste a uniam da-alma espirital, com o corpo; nam tenho que lhe-repetir. Tambem nam se-deve cansar em examinar, se a alma é fórma do-corpo: e se em cada omem, se-acha uma só alma. Porque alem de que isto, está defenido pola Igreja; é evidente, que o que nos-faz ser omens, e distinguir dos-que nam sam omens, é este principio inteligente: no-qual sentido se-deve chamar, forma do-Omem. E como nam á razam alguma para dizer, que no-Omem aja duas almas; tambem isto, sem falar nas provas, reputa-se, por-principio evidente. Tambem é ridiculo examinar, se a alma está em todo o corpo, ou só na cabesa: nam avendo certeza alguma neste particular. Se nisto tem lugar as conjeturas, deve dizer-se, que está somente na cabesa: assimcomo nam á duvida alguma, que somente na cabesa intende. Se a alma separada está violenta: se fala: se se-move: sam questoes que disputam os Peripateticos com grande calor: mas sam coizas, que totalmente nam se-devem disputar: pois ou sam mui claras; ou tam obscuras, e inutis, que perdemos o noso tempo falando nelas. O que suposto, somente se-deve examinar, ou explicar com alguma probabilidade, que a alma se-chama fórma do-corpo, porque o-governa, e dirige, e ele lhe-obedece, quando ela manda. polo contrario o corpo, chama-se *comparte* da-alma, porque a alma nam recebe os primeiros conhecimentos, senam dependente do-corpo: e sente, e conhece tudo, o que o corpo lhe-presenta. O fato é certo: e basta pouca reflexam, sobre as nosas operaes, para o-conhecer e intender. Porem como isto se-faza, e succeda, isto é o que nós nam sabemos explicar, senam por-conjetura: e nenhuma parece mais verosimel, que aquela que o-explica, mediante a lei estabelecida entre o corpo, e alma.

Isto é, quanto pode saber um Filozofa, dos-Espiritos criados. Quanto ao tratado dos-Anjos, nam pertence ao Filozofa: sendo certo, que nenhuma razam natural, quanto mais demonstraam, persuade, que ajam Anjos. Assim que somente, por-meio da-revelaam, sabemos, que os-á: e somente por-eia podemos saber, o que lhe-competete. Tudo o mais que podemos conjeturar é, que se entre o omem, e o mais estúpido animal v.g. a ostra; á tanta diversidade de viventes, uns dos-quais conhecem mais, doque outros; entre o mesmo omem e Deus, é verosimel, que ajam outros entes, mais perfeitos *in infinitum* &c. Mas isto nam tem mais forsa, que de conjetura. Onde nam cesa de admirar-me, que muitos, debaixo do-especiozo nome de Filozofos modernos, introduzam na sua Metafizica Real, uma longa disputa sobre os Anjos; fundada em textos da-Ecritura, e razoens de conveniencia, e verosimilidade: que tem tanto que fazer, com a Filozofia, como o Gran-Turco, com o Papa. O certo é, que estes omens preverteem, a ordem das-coizas: nam sendo proprio da-Fizica, se nam o que se-alcansa, com a luz da-razam. Mas de passagem direi a V. P. que o dito tratado dos-Anjos, está cheio de infinitas ridicularias:

e nada mais é, que uma advinhagam, indigna de omens prudentes. Quando provaſem, que á Anjos: que tem diverſas gerarchias: que tem apparecido aos omens: que Deus ſe-fervio deles, para muitas coizas: e permittio, que fizeſem outras: é tudo o que, com verdade, podemos ſaber dos-Anjos. Examinar como ſalam: como ſe-movem: e outras coizas deſtas, é puerilidade: e querer falar em uma coiza, de que nam ſabemos nada. Mas na Teologia reconhecerá V. P., a nenhuma utilidade do-dito tratado.

Finalmente deve o Filozofa examinar, a existencia do-eſpirito increiado, cauza e principio de todas as coizas. Eſte deve ſer, o principal empenho do-Filozofa, pois eſte é o fundamento, de toda a Filozofia, e religiam: e tudo ſe examina, com a luz da-boua razam. Nenhum dos-Peripateticos prova eſte ponto; mas ſupoem-no: viſto que as provas que dam ſam tais, que moſtram ſupolo, e nam provalo. Eſte ponto, como V. P. ſabe, foi ſempre, ainda por-noſos pecados é, debatido entre alguns Filozofos: pois em todos os ſeculos, ſe-acharam omens, que procuraram oſcurecer eſta verdade: e ainda no-paſado, ouveram alguns ingenhos ſublimes, que eſcreveram largamente, contra eſta materia: e arraſtaram muitos, para a ſua parte. Eſtas diſputas foram cauza que viſemos, que o modo, com que até aqui nas eſcolas ſe-provava, a existencia da-Divindade, nam era o verdadeiro: e era expoſto, a mil reſpoſtas, pois era fundado, em mil ſupozicoens. Devo dizer a V. P. que ainda que eſta verdade, ſeja tam clara, contudo ainda até aqui, nam ſe-acharam provas, que a-puzeſem longe de toda a objeſam, e tapaeſem a boca aos Ateiſtas. Mais facil é moſtrar; que os argumentos deles nada valem; do que perſuadir-lhe, que os noſos ſe-devem admetir. Mas, para abreviar, digo, que o metodo que me parece mais proprio, e eficaz, é eſte. Provar primeiro, que eſte Mundo foi criado *in tempore*: pois ſe o-admitimos eterno, perde-ſe a melhor razam para provar, que á um Deus. Deſpois, moſtrar que eſte tal Mundo, nam foi feito caſualmente; mas com ſuma advertencia, e por-alguma cauza inteligente. Em terceiro lugar, que eſta cauza inteligente, nam pode ſer materia, mas é algum ente ſeparado da-materia. Em quarto lugar, que nam só o Mundo foi feito *in tempore*, por-uma cauza inteligente, que nam é materia; mas que foi feito de uma materia temporal, nam eterna: quero dizer, de uma materia criada com o meſmo mundo. Eſta ſerie de propozicoens, vi em uma obra bem moderna: e achei, que era neceſaria: porque alguns concedem umas, e negam outras razoens. Mas deſta forte, ſam todos obrigados a reconhecer, que existe uma cauza inteligente, que nam é materia; a qual produzio nam só o Mundo, mas a meſma Materia. Provado iſto, fica claro, que á Deos: porque iſto queremos ſignificar, por-eſta palavra, *Deus*.

Deſpois, tem lugar provar, que eſta tal cauza nam só criou, mas ainda oje governa o Mundo: ao que chamamos, ter providencia do-Mundo: Alem diſo, que nam ſam duas, mas uma só: Eſtes dois pontos, provam-ſe com os meſmos fundamentos: e ambos, em quanto pertencem ao Teologo, ſeguem-ſe

se da-existencia de Deus: principalmente provada, do-modo que apontamos. Onde, deve o estudante procurar, alguma outra prova, mais como confirmam das-ditas, que como provas novas.

Posto isto, pode mostrar brevemente, que aquella tal cauza, deve ter muitas propriedades singulares: deve ser livre, omniciente, omnipotente &c. o que tudo se-inferre, de ser a primeira cauza, e nam ser feita por alguma outra. Isto, basta ao Filozofio: o restante, estudarã na Teologia.

Tenho exposto em breve a V. P. o que é Fizica, e o modo com que se-deve estudar, e ordenar um curso de Fizica. Digo poreim agora, antes que pase adiante, que este estudo, que parece cansado, pode-se fazer com muita facilidade, avendo metodo. Ponho por-maxima fundamental, que em dois anos pode o estudante, ver toda a Filozofia, do-modo que digo. No-primeiro ano, pode o estudante, ainda que seja perguisozo, estudar Geometria, Aritmetica, e ter alguma ideia de Algebra. Nam cuide V. P. que peso muito: conheço rapazes, que em dois mezes estudaram os Elementos de Euclides: e intendo, que em quatro mezes pode sabelos muito bem, quem nam fizer outra coiza. A Aritmetica é mais facil, que a Geometria: em um mez, se-pode saber perfeitamente: posto o que, facilmente se-intende a Algebra: porque, alem de ser uma Aritmetica literal, do-que tem de particular, pode-se dar bastante ideia em um, ou dois mezes, para poder intender os livros: porque para sabela perfeitamente, quer-se muito mais tempo.

Mas, para nam amofinar os rapazes, com a especulafam seca da-Matematica; parece-me mais proprio, unir os estudos, como fazem em infinitas partes da-Europa, e principalmente em Italia: e a experiencia mostra, que produz mui bom efeito. No-primeiro ano, que ensinam Logica, todas as menhas explicam uma ora, Matematica. Em um mez, se-acaba a Aritmetica, e nam só as regras principais, mas tambem as particulares: mas nam podendo ser em um mez, seja em dois. Acabada a Aritmetica, entra-se com a Algebra, uma ora cada menha: a qual, nam se-podendo acabar nese ano, continua-se no-seguinte da-Fizica. E de tarde, nese primeiro ano de Logica, a primeira ora é de Geometria.

No-segundo ano, que é de Fizica, pratica-se o mesmo. Pola menha a primeira ora, Algebra: de tarde a primeira ora, Sefoens Conicas, Problemas de Archimedes &c. No-restante do-tempo, digo, da-lisam, explicam a Fizica. Onde, em dois anos, acabam o curso de Filozofia. Mas, quando nam se-pude-se, nos-Estudos Publicos, acabar nestes dois anos, podiam prolongala até a metade do-terceiros ano: e na ultima metade outra meteria.

Nem parefa maravilha, dizer eu a V. P. que, estudando pola menha Aritmetica, ou Algebra, e de tarde Geometria; com tudo isto possa acabar-se a Logica nese ano. porque como a verdadeira Logica nam embarafa os rapazes, com disputas de coizas claras; mas simplesmente as-propoem, e explica bem; daqui vem, que se-percebe melhor com a conversafam de omens dou-

tos que com o estudo. E se o mestre sabe expor os documentos com clareza, e vestilos de algum exemplo sensível; pode ensinar mais Logica, em uma conversasam, do que outros nam fazem, em um ano. Em certa parte de Italia, mepedio uma pessoa grande, que dese alguns documentos de Logica a um seu filho: e lhe-ensináse, de que livros se-podia servir. Na primeira conversasam, que eu tive com o dito filho, adverti logo, que tinha frequentado um estudo publico, em que certos Religiozos tinham-lhe enchido a cabeça, de mil especulaçoens e prejuizos. Neste cazo, para livrar o rapaz de prejuizos, e mostrar ao pai, que dezejava, e sabia servir; sem me-obrigar ao nome de mestre, segui uma estrada de ensinar Logica, que a V. P. parecerá nova, mas para ele foi muito util. O metodo foi este. Aconselhei ao pai, que fechasse todos os livros, e manuscritos, que o rapaz tinha: e nam lhe-deixasse, uma só folha de papel escrito. Comecei pois a conversar com o rapaz, e em cada conversasam fui-lhe dando liçoens, tanto mais eficazes, quanto eram sensiveis: pois nas mesmas conversasçoens que tinhamos, e respostas que ele dava, lhe-mostrava eu evidentemente, o artificio da-verdadeira Logica. Com esta circumstancia de mais, que aprendia no-mesmo tempo, a formar juizo critico; em toda a materia: pois eu nam deixava passar proposasam, ainda das-suas mesmas, sem que lhe-progunta-se o motivo, e chegasse com ele a descobrir, a verdadeira origem do-raciocinio. Conversava-mos duas, e trez tardes na semana, segundo se-oferecia. Tive eu cuidado, de comesar por-divizoens gerais, e facis de se-intenderem: despois, passei às mais particulares. E ordenava desorte as minhas conversasçoens, que a seguinte entroncá-se com a antecedente: e com esta occasiam pedia-lhe conta, do-que lhe-tinha explicado antes. A conversasam nam era sempre em caza, mas muitas vezes passando polo campo. Desta sorte passando trez mezes, sabia o rapaz mais Logica, do que o mestre que primeiro lhe-ensinára. No-fim dos-trez mezes aconselhei, que comprasse uma Logica moderna bem feita: e a-lesse segundo as reflexoens que tinhamos feito: e notáse as particularidades, que eu nam pudera dizer na conversasam. Deste modo saio bom Logico, em breve tempo. Ele me-confesou ingenuamente, que ao principio, formára mau conceito do-meu metodo: mas com andar do-tempo, ele mesmo se-maravilhou, do-progreso que tinha feito. Esquecia-me dizer, que quando eu o-deixava, escrevia a lisam que eu lhe-dava: o que lhe-aconselhei, cazo mais que nam tivesse memoria.

Com semelhante metodo, ensinei a uma Senhora Logica: e a-introduzi na Fizica. e, o que mais é, ensinei-lhe Latim, por-um metodo totalmente novo, que talvez algum dia explicarei a V. P. Agora digo somente, que nam estudou por-Gramatica alguma: pois somente tinha as liçoens, que eu lhe-ditava, e ela escrevia. Desorte que com a pena na mam, soube nam só Gramatica, mas boa Latiniidade: e oje nas Belas letras, e Filozofia pode-se ouvir. V. P. perdoe a digressam, que foi necessaria para mostrar, que eu nam pedia coizas que excedesem, as forças de um rapaz: principalmente quando tem cuidado,

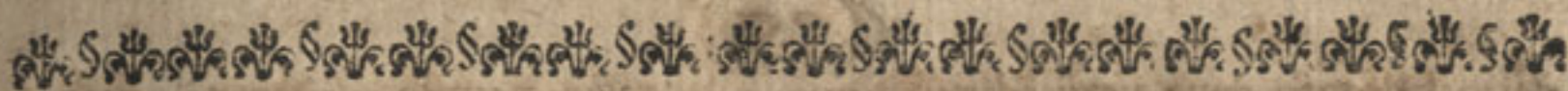
do, de o-instruir com metodo. Unde torno a repetir, que quem nam tem estudado Aritmetica, deve estudala no-primeiro ano, e Algebra: e de tarde, Geometria, e Sefoens Conicas: posta a qual coiza, a metade do-dito ano, basta para a Logica. Muito mais, porque os preceitos dela, executam-se na Fizica, nas conversafcoens particulares, e em todos os discursos: e assim tem o estudante ocaziam, de os-trazer à memoria mil vezes. E isto mesmo, é estudar Logica.

Segue-se a Fizica: a qual, a quem tem estudado o que digo, é facilissima, e nam custa trabalho. Porque quando entra na Fizica, com o estudo do-Calculo, e Geometria, entende mais Fizica em um dia, do que outros em uma mez. e vendo a applicafam da-Matematica Simplez aos fenomenos da-Fizica; entende a Matematica sem trabalho, porque ve o fim para que serve; e a Fizica com gosto, porque chega a reconhecer, as verdadeiras cauzas das-coizas naturais. Alem disto, nas ferias dele meio tempo, pode ler alguma istoria, das-obiervafcoens exatas que se-tem feito na Fizica; ou a istoria da-Filozofia Natural, que vale o mesmo. Seria muito util, que o estudante, assim como vai lendo as materias, foie tambem lendo as experiencias; consagrando cada dia, uma ora a esta leitura, seguindo a ordem das-mesmas materias. Nam é crível, quanto este metodo facilite a precêsam da-Fizica: porque, sabendo o que na verdade pasa na-natureza, as consequencias que dali se-tiram, e o modo de as-explicar, mediante os principios da-Matematica, (em que consiste a Fizica) naturalmente se-offerecem, e entram no-juizo. Alem disto, este estudo é a primeira parte da-Fizica: e assim pareceme, que nam se-deve separar dela. Contudo, nam condenarei, quem, estudando por-um bom curso de Filozofia experimental, nam ler logo a istoria das-experiencias; mas quizer rezervalá para as ferias, ou coiza semelhante.

Isto é, o que se-me-offerece dizer por-carta. Reconhefo, que seria necessario, apontar muitas rezolufoens particulares, em materia de Fizica; para dezenganar o estudante, que nem tudo o que pasa, com o nome de Filozofia moderna, se-deve admetir. Mas isto, seria fazer um tratado; e nam dar uma idea, como V. P. pedia. Creio porem, que tenho dito o que basta, para um omem se-regular. Quem asenta, em nam admetir ipotezes, mas somente o que se-prova claramente: e foge de toda a sorte de livros de Peripateticos: e le as experiencias sem paixam: e sabe consultar as obras das-Academias, e seus membros, em que as coizas se-expoem bem: Alem disto, quem le por-Newton, Musschenbroek, S. Gravelande, De Martino, Keill, e outros Filozofos semelhantes; este omem, ainda que se-encontre com um Fabri, ou Tosca, ou Saguens ou Cordemou, ou Regis &c. e outros modernos ipoteticos; saberá neles deixar o que deve: escolher o melhor: emendar algumas coizas: e finalmente, separar o branco do-negro. Mas a melhor, e mais importante advertencia é esta: que o verdadeiro

deiro Filozofa deve persuadir-se, que nós neste mundo, sabemos pouquissimas coizas com certeza: e das-cauzas dos-efeitos naturais, sabemos ainda menos: e que é melhor: saber pouco com certeza, que acumular conjecturas, e nam concluir nada. Progunta-meá V. P. para que deixo a segunda parte do-terceiro ano vazia? eu o-direi em outra carta: que agora nam tenho tempo. Guarde Deus a V: P. &c.





CARTA UNDECIMA.

SUMARIO.

Mostra-se, que a *Etica* pertence legitimamente ao *Filozofa*. que é necessaria, ao *Jurisconsulto*, e *Teologo Moral*. que é util, para todos os empregos da-vida. que é necessaria, aos que ám-de ocupar alguns empregos. Apontam-se os defeitos que se-acham nos-*Juristas*, e *Teologos*, por-falta da-*Etica*. Particular necessidade que tem dela os *Nobres*, para formarem conceito do-*Vicio*, e *Virtude*, e fazerem as suas obrigaçoens. Prejuizos de muitos *Nobres*, nesta materia: e modo de os-emendar. Dá-se verdadeira ideia, do-que é *Etica*, e suas partes. Aponta-se um modo breve de a estudar, com facilidade, e utilidade.

PROMETI a V.P. no-correio pasado apontar, em que se-devia empregar, a segunda parte do-ultimo ano de *Filozofia*: e a isto satisfalo agora. Digo pois, que se-deve empregar, na *Etica*: a qual, sendo disposta como deve ser, pode-se estudar soffrivelmente, nos-ditos seis mezes. Mas, para evitar confuzoens, explicarei primeiro o que digo. Nam intendo por-*Etica*, aquella infinita especulafam, que nam estabrece maxima alguma util, para a vida civil, ou religiam; mas que pasa o seu tempo, em disputar mil questoens curiozas, e superficialmente toca as necessarias: e, em lugar de mostrar ao *Omern* as suas obrigaçoens, é cauza de perder tempo, com coizas ridiculas, e metafizicas sumamente desnecessarias. O que intendo por-*Etica* é, aquella parte da-*Filozofia*, que mostra aos *Omens*, a verdadeira felicidade: e regula as açoens, para a-conseguir. *Cicero* (1) dá a *Socrates* o louvor, de ser o primeiro que reduzise as maximas do-direito natural, a corpo de doutrina. Seu dicipulo *Platam*, e *Aristoteles*, escrevèram nesta materia bem, em quanto à sustancia. *Cicero* tambem o-fez famozamente, nos-livros de *Officiis* &c. e mais alguns. Os que a estes se-seguíram, tratáram pouco da-*Etica*: menos alguns *Jurisconsultos* insignes da-*Antiguidade*, que muito bem se-servíram dela. Os mais modernos, cuidáram pouco nisto. Somente no-fim do-*Seculo XVI*. é que comesáram a reconhecer a necessidade dela, para regular o juizo do-*Omern*, e facilitar a precèsam de muitas ciencias. No-seculo pasado, comesáram alguns, a escrever bem nesta materia. Contudo, muitos tratáram-na com tal especulafam, que com razam se-pode dizer, que é mais *Logica*, que *Etica*: defeito que condenam muito, os omens de melhor doutrina. Somente no-prezente seculo, é que se-comesou a discorrer bem nisto.

G ii

E

(1) *A Socrate omnis, quae est de Cicer. Tuscul. Quasi. 1. 3. n. 8. vita & moribus, Philosophia manavit.*

É certamente (como adverte bem o doutíssimo Muratori) os que tratam a Ética, com tanta especulação, não intendem que coisa é Ética, nem para que serve. A Ética, rigorosamente falando, deve servir de instrução aos homens, em duas coisas principalmente. Primeiro, deve ensinar, em que consiste a suprema felicidade do Homem. depois, explicar as virtudes, e o modo de as conseguir. E isto, não se faz com especulações; e futilidades: mas com boas doutrinas, e sólidas; expostas com clareza e facilidade. Sem dúvida é coisa vergonhosa, que o Filozofista conheça, como deve regular o juízo, para discorrer bem; saiba como pode alcançar o conhecimento da natureza; e somente ignore o fim, para que foi criado, e qual é aquela felicidade, que ele procura, e à que todos aspiram. Este homem não pode fazer coisa alguma boa. Quem não sabe, para onde vai, nem que estrada seguir; torçozamente cairá, em infinitos precipícios. Pelo contrario, quem sabe o fim para onde deve ir, naturalmente descobre a estrada, que o conduza para o dito fim: e reconhece as obrigações, de quem quer encaminhar-se para ele.

Persuadem-se muitos, que a Ética somente pertence aos Teólogos, a que chamam Moralistas, ou Casuistas: e com esta opinião, separam-na da Filozofia. Acharam, que S. Tomaz na segunda parte da sua Suma, trata da Ética; e, sem mais exame, entenderam, que se devia tratar bem no meio da Teologia. Achei muitos desta opinião em Portugal, ainda dos que se chamavam mestres. Mas semelhantes homens, julgam muito mal nesta matéria, assim como em muitas outras: e o menos mau que tem é, não entenderem o que dizem. Consistindo a Ética na coleção de preceitos, que a luz de uma boa razão mostra, serem necessários ao Homem, para fazer as coisas honestas, e também úteis à sociedade civil; pertence legitimamente ao Filozofista. Além disso, os antigos Filozofos, que nos deram os primeiros principios desta ciência, não eram Teólogos, nem Cristãos, mas Etnicos. A questão do Sumo bem, foi sempre disputada, pelas melhores penas da Antiguidade. Basta ler, os livros *de Finibus bonorum, & malorum, de Marco Cicero*; para ver com que empenho era tratada pelos Antigos. Academicos, Estoicos, Peripateticos, Epicureos todos trabalharam sobre este ponto. A questão dos diversos *Offícios* ou obrigações do Homem, também se disputou muito bem. Panecio Grego, e Cicero Latino escreveram muito bem sobre ela. Os Estoicos, tirando algumas futilidades de Logica, quasi nada mais faziam, que empregar-se na Ética, e por ela regular as suas ações: cuja seta foi famosa na Antiguidade, pela inteireza da sua vida. Pois ainda que errassem no estabelecer, qual fosse o Sumo bem; contudo, as ações externas da vida, regulavam-nas com tal inteireza, como se o tivessem acertado. De que nos suministram bons exemplos, os dois Catoens, Seneca Filozofista, Epicteto, Marco Aurelio Antonio, e outros. De sorte que sendo a vida dos mais ilustres Filozofos da Antiguidade, um perpetuo exercicio de Filozofia; e sendo as suas escolas, aquellas em que se davam, belissimos preceitos para a vida; loucamente separam estes Peripateticos a Ética, da Filozofia: e pouco

con-

conformemente aos seus principios, pois o seu Aristoteles escreveu muito disto.

Mas a principal razam, porque a conselho ao principiante, estudar a Etica é, porque como vejo, que a maior parte destes moços, paçam da-Filozofia, a estudar Jurisprudencia, ou Moral; em todos estes cazos acho, que é sumamente necessaria ao estudante, para formar verdadeira ideia dos-estudos: porque ela é a Logica da-Teologia Moral, e Jurisprudencia. Isto nam intendem muitos, dos-que estudam uma e outra destas facultades: mas esta é a verdade. Sendo a Etica deduzida da-boua razam, excita nos-Omens, os principios do-direito natural: dos-quais se-tiram as decizoens, dos-cazos particulares. A falta desta erudisam é cauza, que tanta gente erre nesta materia: porque poem infinita distancia, entre cada-uma destas leis. Mas a verdade é, que a Lei Divina, a Natural, a das-Gentes, são a mesma lei: toda a diversidade está, no-modo da-publicasam. A Divina, foi publicada pola boca de Deus: a Natural, é a mesma lei Divina proposta aos Omens, pola facultade que a alma tem, de conhecer o bem: a das-Gentes, é a mesma lei Natural, posta em execuçam por-Povos inteiros. Alem disto, a lei Civil, e Eccliazistica, polo que respeita a onestidade das-afcoens humanas, é em tudo conforme a boua razam. Este é o motivo, porque Povos tam diferentes, de lingua, de paiz, de costumes, abrasaram o Direito Romano: por-ser uma Filozofia Moral, reconhecida justa, pola maior parte dos-Omens. Onde, disse co n razam Cicero (1), que estimava mais as leis das-XII. Taboas, que todas as bibliotecas dos-Filozofos. O certo é, que elas foram, e são estimadas, nam por-outro principio, senam por-serem racionaveis. e lei, que nam é deduzida da-boua razam, nam merece o nome de lei. A lei Eccliazistica. ja se sabe, que se-conforma em parte, com a Escritura, e Tradisam, e em parte, com a Civil: onde fica superfluo provar, que é racionavel.

Esta é a conformidade das-leis entre si: a qual mostra bem, a dependencia que tem da-Etica. Mas, falando especialmente da-Etica a respeito da-Teologia Moral; é certo, que convem ambas em algumas coizas: porem diferem em outras. A Etica, e a Moral, tratam ambas do-Sumo bem, e das-infermidades do-animo: Diferem porem, porque a Teologia, tira as suas conclusoens das-verdades reveladas: a Etica da-razam. A Filozofia, mostra a verdadeira felicidade, mas nam sugere meios bastantes, para a-conseguir: porque somente considera o Omem, com as forças da-natureza corruta: nem chega a conhecer, a verdadeira origem das-infermidades do-animo: nem ensina outra coiza mais, doque conformar-se com a lei Natural. A Teologia porem, reconhece a verdadeira origem da-natureza corruta: aponta os meios sobrenaturais, quero dizer, tirados da-revelasam, para emendar as infermidades do-animo: e nam só ensina, conformar-se com a lei Natural, mas tambem com a

Pozzi-

(1) *Fremant omnes licet, dicam legum fontes, & capita viderit; & quod sentio. Bibliothecas mehercule omnium Philosophorum, unus mihi videtur XII. Tabularum libellus, si quis* *legum fontes, & capita viderit; & auctoritatis pondere, & utilitatis ubertate superare. Cicero. de Orat. lib. I. n. 44.*

Positiva Universal: desforteque ensina alguns *Officios*, que o Filozofos ignora. Desta sorte serve muito a Etica ao Teologo: porque lhe-prepara a estrada: confirma as suas conclusões, com a autoridade dos-Filozofos: e dispõe o Homem, para receber a religião.

Asentando nisto, fica bem claro, quam util, e quam necessario é, o estudo da-Etica, para os que têm-de exercitar certas faculdades. Um homem, que tem na cabeça, os principios da-*Jurisprudencia Universal*, a que chamam, *Direito Natural*; e tambem se-pode chamar, *Direito das-Gentes*; nam só entende as coizas bem, mas julga diferentemente que outros, que nas ocaziões vam consultar os livros. Observei muitas vezes, que os ignorantes da-*Jurisprudencia*, julgaram de repente alguns cazos muito melhor, doque estes chamados *Juriscultos*, que praticavam grande aparato de leis, para os-decedir. Nam que as leis nam decidam bem o ponto: mas porque muitas vezes, nam sendo caso uzual, a regra do-direito Natural, apresenta-se mais de presa ao juizo, doque a lei que faz ao caso. Com esta reflexam, aconselhei a alguns amigos, que nam tinham noticia destas coizas, que, para suprir em certo modo esta falta, procurassem ter na memoria, as regras do-Direito: porque sendo extraidas do-corpo do-Direito todo, nos-cazos repentinos, quem as-posue, e entende bem, julga melhor qualquer caso, doque os que afetam exquisita erudiciam. E esta razam abraça igualmente a Lei, que a Teologia. Mas especialmente a Etica serve ao Teologo, porque lhe-prepara a estrada: confirmando as suas conclusões, com a autoridade dos-Filozofos, e com os principios da-boua razam.

Da-falta deste principio nasce, aquelle embaraço, que V. P. verá muitas vezes, em Teologos, e Juristas. Quando propoem um caso, a algum destes, se o-nam-tem lido, nam sabem dizer duas palavras. Sendo que nam examinam, os principios da-lei, nam se-podem servir, do-proprio raciocinio, e criterio: e só se-servem da-memoria: a qual, nam sendo sempre fiel, ou talvez nam tendo o homem ouvido a tal especie; fica mudo, ou diz um despropozito. Este defeito acha-se em ambos: mas principalmente nos-Moralistas. Estes, comumente nam dam razam do-que dizem: mas apontam somente, os autores *Cazuietas* de onde o-receberam: os quais nem menos asinam razam, mas fundam-se em outros antecedentes. E assim, copiando-se uns a outros, multiplicam-se os livros sem necessidade, nem utilidade. Poso segurar a V. P. que lendo Plutarco nos-seus livros de Moral, Cicero nos-de *Officiis*, Seneca, e outros, observei varias vezes, que escreviam melhor, que os Teologos de profissam. naqueles verá V. P. principios de uma boua razam: nestes nem sombra. Ora sendo o Teologo, e Jurista, juizes de profissam, cuido que sam obrigados a conhecer, quais sam as fontes, de-que a Lei tira as deciziões, dos-cazos particulares.

Alem diso, esta noticia é necessaria, a qualquer homem particular, ainda que nam aja de seguir, alguma daquelas profissoens. Mandam-se os moços às escolas, para estudarem Filozofia. Se preguntais aos pais, o motivo, dizem que

que é, para civilizarem o juizo, e aloens, e saberem falar, e poderem ser utis á sociedade umana. Ora eu intendo, que, para conseguirem este fim, nam só devem estudar Logica, e Fizica, mas, muito principalmente, a Etica: a qual é util, em todos os empregos da-vida. Um omem nam só uza da-Etica com os outros; mas com a sua familia, e consigo melmo. Os dez Mandamentos, que ensinam os principios de toda a Etica, nem se-podem intender bem, sem esta explicafam. Deque concludo, que em todas as aloens é necessario, aquele conhecimento.

Ainda para o trato civil, é mui util, e necessario. Todos os omens gostam de julgar, das-aloens dos-outros, ou sejam fuditos, ou Soberanos. nam á conversafam em que nam entre, um bocado deste negocio. Mas as tais censuras comumente sam erradas, porque quem as-faz, nam tem o fundamento necessario. Nam á coiza mais ridicula que ver, nam digo eu alfaiates, e sapateiros &c. mas Clerigos, Frades, omens de letras, de nacimiento, de empregos, estarem falando tardes inteiras, em coizas pertencentes ao direito Natural, ou das-Gentes, ou Politica; sem saberem, os primeiros elementos destas coizas. Dizem mil parvoices: publicam leis mui destemperadas: condenam umas sem motivo: louvam outras por-ignorancia: finalmente dizem coizas indignas de omens, que vestem camiza lavada. O pior é, que sam pertinazes nas suas teimas: e, quando decidem a materia, nam admitem apelasam, nem agravo: como varias vezes observei, com suma confuzam minha. Cuido, que o remedio disto é, beber em tenra idade, a doutrina necessaria: porque se nam fizer, que vomitem sentenças, ao menos impedirá, que digam despropozitos. Onde, a consideralo bem, a Etica em toda a sua extensam, é emprego de todas as profissoens, e de toda a gente civil.

Alem disto, a Etica é necessaria, para formar verdadeiro conceito das-coizas, e saber dar-lhe aquela estimafam, que cada uma merece. saber distinguir a Virtude, do-Vicio; reprovando este, e estimando aquela. Ninguem pode duvidar, que omem, que nam sabe distinguir estas coizas, nam é omem: muito menos, é omem civil: e tambem ninguem pode duvidar, que, sem Etica, nam se-conhece isto. Desta falta resulta um grande dano, em todas as republicas: porque nam sabendo os omens, qual é a Virtude, para a-seguirem, e estimarem; nem promovem estas com o exemplo, nem reprimem os vicios. Daqui tambem nace, que se-estimam coizas, de que nam se-deve fazer cazo: e nam se-dá à Virtude, o preso que se-deve: ou se-chama Virtude, áquilo que o-nam-é. defeito mui comum das-pessoas nobres, e grandes. Estes Senhores, preocupados com a sua nobreza, chamam a esta, virtude: e, por-legitima consequencia, tiram, que tudo o mais é viciozo, e desprezivel. Em todos os seculos do-mundo acham-se estes prejuizos: mas nos-seculos da-ignorancia, quero dizer, despoisque os Barbaros destruíram o Imperio Romano: ou, para falar com mais precisam, desde o seculo X. até os tempos do-Concilio de Trento, teve mais vigor esta preocupafam. Nestes dois ultimos seculos, alguma
coiza

coiza tem o mundo aberto os olhos : porque finalmente omens mui doutos crevèram , e faláram muito sobre isto. Mas estes termoens sam como os das-Misoens : em que os viloens choram , gritam muito , esbofeteiam-se , em quanto ouvem o Pregador : despois , continuam como de antes.

Nace este prejuizo , como digo a V. P. , deque o Grande ignora , que a origem de toda a nobreza , é a Virtude (1). Esta nobreza , aindaque adventicia , pode-se-lhe chamar *natural* : os empregos , sam a nobreza *civil* : os filhos destes , tem nobreza *hereditaria* , que é o infimo grao da-nobreza. Os Omens nacèram todos livres , e todos sam igualmente nobres. O direito das-Gentes introduzio , com as divizoens , as Republicas , e Monarchias : mostrando a experiència , que , nam se-obedecendo a alguem , confundia-se toda a sociedade humana : e mostrando tambem a boa razam , que , no estado em que a natureza humana se-acha , nam se-pode conservar , sem obedecer a alguem. O emprego foi cauza , que se-estimasse aqueles primeiros reinantes , porque dependiam todos deles. Com o tempo , passou com titulo de erança , o que tinha sido eleição : Mas muitas Republicas , e talvez as mais famozas , conserváram o governo eletivo. Estes Principes buscáram entre os cidadãos , os melhores , e mais virtuosos omens , paraque lhe-assistissem , e de quem se-servissem na guerra , e na paz. Estes foram mais considerados , que os outros cidadãos : e este é o principio de toda a nobreza. Os filhos herdavam dos-pais as virtudes , e , conseguintemente , a estimavam : porque , na verdade , os pais tinham cuidado , de os-instruir como deviam. Este costume considerou-se por-obrigação . e com o tempo foi o mesmo , consideralos filhos de nobres , que julgalos crdeiros , das suas virtudes , e estimalos por-este motivo (2). Talvez entrou aqui , a condescendencia de alguns Principes , que , nam podendo premiar os pais , premiáram os filhos : para animar os outros , a seguir a Virtude , vendo que a decendencia , era remunerada. Abuzáram os Nobres desta benignidade : e pertendèram , que fosse divida do-nascimento , o que só era premio da-virtude. Pertendèram ,

(1) --- *Quis generosum dixerit hunc , qui
Indignus genere , & praclaro nomine tantum
Insignis ?* Juvenalis Satyria VIII.

Et ibidem :

*Tota licet veteres exornent undique cera
Atria , nobilitas sola est atque unica virtus.*

*Non facit nobilem , Atrium plenum nostrum est. Animus facit nobilem : cui
fumosis imaginibus. Nemo in nostram ex quacumque conditione , supra condi-
gloriam vixit : nec quod ante nos fuit , tionem licet assurgere. Seneca &c.*

(2) *Portes creantur fortibus , & bonis
Est in juvenis , est in equis patrum
Virtus &c.* Horatius.

dèram, que a onra ou estimafam foie tributo. Sem advertirem, que sendo a estimafam, e onra, uma asã exterior, com que eu exprimo o conceito que tenho, da-excelencia, ou virtude de outro; nam pofo fazelo a um, que nam tem excellencia sobre os outros; ou de quem nam se-deve formar este conceito.

Mas, por-pouco que refletifem sobre isto, conheceriam estes Senhores, que manifestamente se-ingauavam. O ser filho de um omem illustre, nam he o mesmo que ser illustre. Poderã o abuzo introduzir, que tenha entre o Povo, a mesma estimafam do-pai: mas assimcomo este costume nam faz, que ele tenha em si mesmo, excellentes virtudes; assim tambem nam faz, que seja verdadeiramente nobre. Confiste pois toda a nobreza deste omem, em se-dizer, que é filho de um omem nobre, e que se-trata com mais fausto, que os outros. averã outros que tenham tanto, e mais dinheiro: mas porque nam estam naquela opiniam, nam sam nobres. O que, examinado bem, quer dizer, que a dita nobreza, é uma pura opiniam do-Povo. Dispa V.P. dos seus vestidos este Grande: separe as carruagens e criados: e nam poderã distinguilo, do-omem mais ordinario do-Povo. Onde, sem fausto, tem perdido toda a nobreza. E se neste estado, o-transfere a outro paiz distante, nam só nam é nobre, mas é positivamente vil. Mas nam o-intendem assim muitos Grandes: pois estam tam persuadidos, que a excellencia, é propriedade da-sua natureza; que, com esta opiniam, colocam-se na primeira esfera dos-nobres: na segunda, poem os que tem cargos: na terceira, os que sam insignes pola virtude. Mas tudo é polo contrario. Os omens insignes, é que sam os verdadeiros nobres. esta nobreza é natural: de que ninguem os-pode despojar. Respondeo com galantaria uma pessoa a outro, que lhe proguntava, como distinguiria um nobre, de quem o-nam-era; deste modo: *Dispilos ambos nus, e ouviolos falar.* dando a intender, que os accidentes do-vestido, e tratamento inganam muito, e impedem formar, verdadeiro conceito da-Virtude. Em segundo lugar entram, os que tem cargos na Republica. Aos magistrados, e semelhantes, que se-dam, ou devem dar, a omens capazes, é devido todo o respeito. Na ultima, e infima classe, ficam aqueles, que nem pola virtude, nem polo emprego merecem estimafam: mas só a-tem pola acendencia.

Temos outra casta de Nobres, ainda mais presumidos, que nem menos admitem, duas segundas clases de nobreza. tudo o que nam sam eles, desprezam. só para eles valem os titulos. Quando vem subir algum omem na Republica, a cargos grandes, logo vam buscar, o seu nacimiento umilde: e, nam podendo negar-lhe a estimafam polo emprego, cuidam muito em deslustraló, nas conversas particulares. Estes, ou sam mais ignorantes, ou mais maliciosos. Deviam estes advertir, que os titulos sam a coiza mais accidental, que á no-mundo. porque no-estado em que estam muitos Reinos, e Republicas da-Europa, melhor direi, de todo o mundo polido, samente os cargos, e o dinheiro, é que se-reputa nobreza: pois com o dinheiro ou se-consegue a estimafam, ou o cargo. Alem diso os titulos nem em todas as partes correm, polo

mesmo preso : pois um titulo de Portugal , transplantando 'em Franca , ou Italia &c. vale pouco , se ele nam tem , com que lhe-de preso. Nam assim os cargos , e o dinheiro : que sempre conseguem a mesma estimasam. Um Inviado , ou Embaixador &c. seja quemquer que for , sempre consegue estimasam , em toda a parte : e um omeni rico. Mas nam succede assim com outros Senhores. e en vi alguns , de antiquissimas familias , que , achando-se em paizes distantes , faziam bem miseravel , e vergonhoza figura. * * Alem diso , se a nobreza de um titular ou fidalgo nace , da-vontade do-Principe , que quer , que aquele omeni seja onrado , isto é , seja fidalgo ; o mesmo Principe , que dá o titulo , ou nobreza a um , pode dala a cemmil : e consequentemente todos ficam igualmente nobres. Nam assim a nobreza , que consiste na virtude : pois nem o Principe ma-pode dar , nem tirar. A mesma lei confirma isto : pois degrada os omens da-nobreza , em certos casos (1): de que as istorias nos-dam mil exemplos. O que mostra evidentemente , que esta chamada nobreza hereditaria , ou jus à estimasam dos-omens , é coiza que se-pode dar , e tirar : E consequentemente , ninguem se-deve desvanecer , porque a-tem : nem deiprezar outro , porque a-conseguio mais tarde.

E na verdade seria coiza digna de rizo , se nós oje despreza-femos , tantos Imperadores , tantos Reis , Generais &c. tantos Pontifices , Cardiais , &c. porque tiveram nacimiento umilde : sendo certo , que neles on as virtudes , que os levantaram àqueles cargos , ou os mesmos cargos , lhe-conciliaram a estimasam. Vespaziano nam era nobre : nem Tito , ou Domiciano , ou Pertinax , ou Macrino , ou Masimino , ou Felipe , e outros semelhantes : antes muitos destes eram filhos , de pais umildes. Mas todos eram Cezares , e Senhores do-mundo : e muitos deles , como os dois primeiros , e o quarto , eram nobres pelas suas virtudes. O mesmo posso dizer , de muitas pessoas grandes do-mundo. Onde quem nam reconhece isto , ou é muito ignorante , ou louco.

Certamente se eu examino as antigas Republicas , acho-as nisso , muito mais advertidas , que as nosas. Em todos os Reinos do-mundo civil , acho singularmente estimada a virtude , ou nobreza natural ; mas quanto à nobreza civil , vejo no-Oriente que consistio sempre , ou no-dinheiro , ou na vontade do-Principe , que fez nobre , quem lhe-pareceo , sem olhar para acendencia , ou coiza semelhante. Afirios , Persianos , Egicios praticaram sempre o mesmo. Jozé era um pobre omeni , e escravo : mas *Rameses Miamum* , ou o Paraó da-quele tempo , nam reparou nisso , para o-levantar ao lugar de Vice-Rei do-Egito : olhou somente para a sua capacidade , e utilidade que podia resultar ao Reino. Ainda despois de ver , a umildade da-sua familia , e a profisam , a que os Egicios tinham aborrecimento ; nam lhe-rebaixou nada , da-estimassam que tinha. E o que mais é de admirar , que succedese isto no-Egito : aonde , pela maior parte , os empregos ou grandes , ou pequenos , eram hereditarios nas familias , e nam passavam de umas para outras diferentes. Isto chama-se conhecer

(1) *Veja-se a Ordenasam de Portugal no l. 5. tit. 92.*

cer verdadeiramente, o merecimento dos-omens. *Aman* era *Amalecita* de vii nascimento: mas nada d'isto bastou, para nam fazer a segunda figura, no-Rei. *Mardocheo* polo contrario, era um omem de ordinario emprego, na familia de *Ajuero*: mas nem menos isto impedio, que o dito Rei o-onrãse tam distintamente, com aquele celebre pregam, (que devia abrir os olhos aos Grandes, e persuadir-lhe, que a sua nobreza nada mais é, que a vontade do-Principe) = *Assim se-deve onrar, quem El-Rei quizer onrar* =. Nam aponto exemplos da-istoria Profana, porque sam menos notos.

Na Grecia, é coiza bem nota, que os cargos quazi sempre se-conferiam a omens, por-si illustres; e que só estes foram reputados nobres. *Aristides*, *Tenistocles*, *Pericles*, *Trafibulo*, *Epaninondas*, *Eumenes*, e muitos outros grandes omens, que occuparam os primeiros empregos; só foram estimados polas suas virtudes. Mas sobre tudo a istoria Romana suministra estes exemplos. Nunca floreceo mais esta famoza Republica, senam despoisque se-abrio a porta para o consulado, e outros cargos, nam só a toda a Cidade, mas tambem a todo o imperio Romano. Concorreram de todas as partes omens grandes, com amira de subirem, às primeiras dignidades do-Imperio. o merecimento servio-lhe de escada, para as-conseguirem. Aham-se mais Generais famosos, Consules, Oradores entre as familias plebeias, que entre as patricias. a virtude e merecimento servia-lhe de nobreza. E aindaque os patricios muitas vezes julgafem diferentemente; o Povo, e os omens grandes, sentenciaram comumente, polo merecimento. E é muito de notar, que ainda quando a plebe, esporiada polas sediciozas arengas dos-seus Tribunos, obteve com tanto furor do-Senado, poder tirar de entre os Plebeos, os Tribunos Militares; que eram os unicos, que governavam a Republica naquele tempo: quando chegou a eleisam, cedeo das-suas pertensoens, em obzequio do-merecimento. Os Patricios, para conseguirem o seu fim, introduziram entre os Candidatos, alguns Patricios de notorio merecimento: e a plebe, venerando neles a virtude, cedeo dos-seus empenhos, só para eleger os Patricios. E nam obstante as muitas repressoens dos-mesmos magistrados plebeos; continuou muito tempo, em eleger Patricios, quando lhe-propuzeram omens de merecimento. Assim se-estimava naquele tempo a Virtude! Ainda a mesma disposiçam da-Republica no-estimar os nobres, me-agrada muito. Avia Censores, cujo emprego era; examinar as aloens, e rendas dos-nobres, e plebeos. Um Senador, ou Cavaleiro que o-desmerecia, por-algum titulo; era degradado do-seu posto, e nobreza. Muitas vezes a pobreza, quando nam era acompanhada da-virtude, servia de motivo. nam assim a solida virtude, aindaque sem renda: esta sempre conseguia o premio e renda: e muitas vezes do-erario publico dotaram as familias, de omens illustres pobres. Desta sorte entre aqueles graves Senadores, nem o cargo, sem proporcionada renda, conseguia estimasam; nem ambos, sem a virtude, se-podiam reputar nobreza.

Mas como muitos nam intendem isto, por-isto vemos tantos nobres cheios

de prejuizos , como afima dizia , fobre a fua nobreza : que nos-querem inculcar, por-uma coiza diferente da-opiniã do-Povo : querendo batizar a virtude , como apendiz da-natureza. De que vem , que V. P. terá muitas vezes ouvido dizer , que o *Sangue puxa : que cadaum procede como quem é : que um filho de tal pai , nam podia obrar de outra forte.* palavras que ou fe-devem tomar em diferente fentido , ou nam fignificam coiza alguma : e que eles testemunhas proguntados , nam fãbem explicar. Pois fe acazo nam querem dizer , que é propriedade do-Nobre, fazer boas afoens; nam fei que poſãm fignificar. Que pois nam feja propriedade , parece-me que fe-segue claramente do-que afima difemos : e ficaria ainda mais claro , fe quizeſem fazer a experiencia , em um filho de um Grande , que acaba de nacer. Se conduzirem eſta crianſa a um paiz incognito , e for criada por-viloens ; á-de fer vilam , e nam principe : e em tudo fe-parecerá com quem a-criou : de que ja fe-tem feito varias experiencias no-mundo. Eſta opiniã nace nos-omens da-ignorancia. Se o Nobre ſoubefe , que coiza é Virtude , e como fe-adquire ; conheceria , que o nacimiento nam tem , influxo algum nela. Se um moſo nam tem talento para intender bem , docilidade para receber os documentos , e boa educaſam ; feja quemquer que for , rariffima vez obrará bem : viſtoque ainda muitos que a-tiveram , obrãram muito mal , porque neles a malicia defazia , quanto produzia a educaſam. Caio Caligola Imperador era de uma caza illuſtriſſima : tinha ſido bem educado : dera na mocidade indicios de boa indole : contudo , ſaio um tirano. Nero era de outra familia illuſtre , e por-adosã da-meſma familia. Quem teve melhor educaſam-que ele? Um Filozofõ tam grande como Seneca , inſtruio-o deſde rapaz : um Politico tam grande como Afranio Burro , dirigio-o nos-primeiros anos. Deu ao principio moſtras de virtudes : e nam ouve coiza mais bela , que o primeiro quinquennio do-feu governo : mas pouco deſpois foi Nero. Que Imperador Romano ouve , que tiueſe as virtudes , e doutrina de Marco Aurelio? quem inſtruio melhor ſeu filho Comodo? e que filho ſaio mais deſemelhante ao pai? Nam cito mais exemplos : ſendo que para os ignorantes , ou baſtam eſtes , ou ſãm ſuperfluos : os inteligentes ſãbem mui bem , que o ſangue do-pai poderã comunicar ao filho , alguma enfermidade ereditaria , como Gota , Eſcorbuto , Gallico , Epilepfia &c. mas de nenhũm modo lhe-comunica nem vicios , nem virtudes. Eſtes omens confundem as coizas , e os termos. Quando ſe-diz , *Que um omem procede como quem é* &c. quer dizer , que conhecendo , que é filho ou decendente de um omem illuſtre , polas ſuas afoens e virtudes ; tem obrigãſam , de imitar os ſeus antepãſados , e exceder os inferiores tanto nas-afoens , quanto os-excede no-tratamento. Onde , neſte ſentido , procede como quem é , porque tem obrigãſam , de proceder afim. procede como filho de tal pai , porque ſe-ſupoem , que um pai virtuozo , educa bem os ſeus filhos , e lhe-inſpira aqueles documentos eroicos , que ſãm neceſãrios para a vida. Eſte conhecimento é , que deu ocaziã àqueles proverbios : dos-quais põrem abuzãram os omens , intendendo outra coiza diferente.

Ora é certo que, se considerarem bem estes Senhores, todas estas coizas: se reconhecessem que o Nobre, (falo sempre da-nobreza creditaria) em nada se-distingue do-Plebeo mais, que no-tratamento: se advertissem que este titulo, o qual supoem a virtude, traz consigo a obrigasam de a-posuir, e exceder os plebeos nas virtudes: Sem duvida, que formariam mui diferente conceito do-mundo: e ou procurariam a virtude com empenho; ou nam desprezariam os que a-posuem; e muitos se-envergonhariam de si mesmos. Nam veriamos aquelas ridiculas afetaçoens, que fazem nauzea aos omens que tem visto mundo; e em que muitos colocam toda a sua nobreza: digo, nam tratar, nam conversar com toda a gente, nam frequentar os doutos, nam ter correspondencias literarias &c. Muitos para fingirem uma nobreza mui elevada, até iam descortezes. nam comprimentam quem os-sauda: nam respondem aquem lhe-escreve: ou se o-fazem, é de uma maneira mais injurioza, que civil. Em uma palavra, sam como os Farizeos, que até tinham medo, de tocar com o vestido um Judeo, que nam fosse da mesma feita, persuadindo-se, que ficavam impuros. Estes defeitos achei em varias partes da-Europa, mais ou menos: mas principalmente *** e sobre tudo em Portugal. O que attribui, a que estes Senhores Portuguezes tem menos pratica, das-Naçoens do-mundo, que os Estrangeiros: difficultozamente saiem do-seu Reino, e sua caza: e assim, ignoram como se-vive, nas outras partes do-mundo civil. o que ja adverti a V. P. em alguma das-noças conversaçoens. Verdade é, que algum Senhor achei neste Reino, diferente dos-outros: mas eu falo do-comum, que se-regula polas opinioens que aponte: as quais como digo, nacam da-ignorancia da-Istoria, e do-trato do-mundo.

Estas duas coizas sam, as que emendam estes defeitos. Nam quero buscar exemplos na Grecia: pois é certo, que nam ouve regiam, em que se-fizeie mais estimasam da-Virtude, sem excetuar as cortes dos-Principes, e Monarcas. Todos sabem, que estimasam tiveram, na corte de um Rei tam rico como Creso, os famosos Filozofos da-Grecia. que cazo, e uzo fazia aquele grande general, e politico Pericles, das-lisçoens de Anaxagoras. com quanta diligencia concorriam os nobres de Atenas, a caza do-Filozofos Socrates. com quanto respeito recebeo Dion a pessoa de Platam, em uma corte tam depravada como a de Dionizio. que bom gosto de literatura inspirou Aristoteles, em seu dicipulo Alexandre Magno: e como o-estimou seu pai Felipe, e com que atensam lhe-escreveo. Finalmente é noto que Pitagoras, e seus dicipulos foram muito estimados, polos Principes daquela parte de Italia, a que chamáram Magna Grecia. Nomiar a Grecia é o mesmo, que nomiar o exemplar de toda a virtude, e bem gosto em artes, e ciencias. Nam quero sair da-Republica Romana, que conheceo mais tarde, todas estas virtudes.

Nam á duvida, que qualquer Senador Romano, ou pessoa consular, tinha outro tratamento e estimasam, tam diferente dos-Grandes desta era, como o dia da-noite. O luxo e magnificencia da-maior parte daqueles Senhores era tam grande,

grande, que igualava o de muitos Reis. Contudo a Iftoria nos-fuminiſtra mil exemplos, da-afabilidade, e doſura daqueles grandes omens, e eſtimavam que faziam da-Virtude. Luculo aquele inſigne Filozofó, grande general, e riquiſſimo Romano, ſeguindo o exemplo de Cipiam, o ſegundo Africano, (eſte nas ſuas expediçoens militares, ſempre fora acompanhado por-dois omens doutos, Polibio, e Panecio) teve ſempre no-ſeu campo, o Filozofó Antioco: e diz a iſtoria, que dezejou, e procurou com todo o empenho, a amizade do-Filozofó. Que carater amavel de um tam grande omem! Gneo Pompeo, aquele grande omem, que arruinou imperios imenſos: que era omnipotente na Republica: tornando a Roma vencedor de tantas gentes, depropozito entrou na Ilha de Rhodes, só para ver o Filozofó Poſidonio. e chegando à porta, ordenou ao litor, que era uma das-guardas conſulares, que nam batèſe com o baſtam, ſegundo o coſtume. Onde, exclama Plinio (1), aquele Pompeo, a quem o Oriente, e Ocidente abaixou a cabeça, ele meſmo reſpeita e ſe-abaixa, à caza de um Filozofó, só para o-ouvir! Caio Cezar, a quele Ditador, que dominava tantos Reis; nam só eſtimava os omens doutos, mas nunca deixou de conreſponder-ſe com eles, e com os amigos; ou reſponder a quem lhe-eſcrevia, ainda peſoas ordinariſſimas.

Tambem Otaviano Auguſto, entre os cuidados de todo o imperio Romano, tinha oras de deſcanſo, em que ſe-empregava na converſaſam dos-literatos daquele tempo: e nam só converſava com eles, mas os-amava, e eſtimava. é notó que falo de Virgilio, e de Oracio: aos quais tratou nam só como letrados, mas como amigos. Auguſto tornando do-Oriente, quiz reſtaurar-ſe do-grande trabalho das-ſuas jornadas, ouvindo a leitura, das-Georgicas de Virgilio. O Poeta lia cada dia um livro: e diz a iſtoria, que Auguſto, quando lhe-parecia que eſtava cansado, ordenava a Mecenas que o-ſocorreſe, lendo por-ele. Que bondade de Principe! Um omem ſenhor do-mundo uzar tanta familiaridade com um Poeta, que eſtima a ſua faude, como a coiza mais precioza! O meſmo Auguſto, occupado na guerra contra os Biſcainhos, ſabendo que o ſeu amigo, compunha a Eneide, eſcreveo-lhe repetidas cartas; pedindo-lhe, que lha-manda-ſe para a-ler. Virgilio deſculpou-ſe ſempre, com a imperfeição da obra: dizendo-lhe, que ainda nam eſtava completa, para lha-moſtrar (2). Auguſto nam ſe-ofendeo deſta reſpoſta: e contentou-ſe de a-ouvir ler, quando chegou a Roma, em companhia de ſua irman Otavia. Com Oracio teve o meſmo Auguſto igual amizade. Mecenas, aquele grande omem, que só ſe-aproveitava da-amizade de Auguſto, para utilidade dos-omens doutos, introduzio-o na Corte: eſtimou tanto o Poeta, que no-ſeu teſtamento o-recomendou a Auguſto, como a ſimeſmo. Auguſto, em obzequio deſta recommendaſam, ſelo ſeu

(1) Pompeius conſeſſo Mitridatico bello, intraturus Poſſidonii, ſapientia profeſſione clari, domum, fores percuti de more a liſtore vetuit: & faſces li-

torios janua ſubmiſit is, cui ſe Oriens Occidenſque ſubmiſerat. Plin. l. 7. c. 30.

(2) Macrobian. l. 1. c. ult.

seu secretario: e assim o escreveu a Mecenas: prometendo-lhe, que passaria da sua meza, para a meza imperial (1). Oracio regeitou esta onra, e desculpou-se com as suas molestias: do que nam se ofendeo Augusto. Antes pouco depois lhe escreveu, dizendo-lhe, que bem o dezejava na sua meza, se as suas enfermidades lho permitissem (2). Quem poder ler isto, sem ficar vivamente penetrado da bondade, e afabilidade de um tal Principe, que entre as adulações da purpura, sabe tomar o gosto à amizade, como faria um particular? Quem nam admira, na liberdade com que Oracio responde, a lhaneza daquele commercio, e a differença daqueles costumes aos modernos? Um secretario de gabinete, à meza de um Principe! um Poeta, que recusa esta onra! um Principe senhor do mundo, que nam recebe isto por injuria! que lhe conserva o mesmo amor: que o comprimenta por cartas: que nam cesa de explicar-lhe o dezejo que tem, da sua companhia!

A mesma liberdade das cartas me recreia. O tratamento sempre é o mesmo: o titulo do emprego é que distingue a pessoa, com quem se fala. Eles escreviam assim: *Oracio a Augusto Imperador. Augusto Imperador a Virgilio, ou Mecenas, ou Oracio &c. Marco Cicero Proconsul saudá Apio Pulchro Imperador. Cesar Imperador, a Cicero Imperador.* ou com confiança, *Cicero a Peto, Cicero a Atico, Cicero a Tiro.* Que nobre simplicidade é esta! quanto mais estimavel é este modo de escrever, do que aquela ridicula affectação, que as secretarias modernas tem introduzido, de falar por terceiras pessoas: ou com mil expressões que nada significam; e para conseguir as quais, tanta gente perde a paciencia, e o juizo. Chega isto a tal extremo, que, ainda escrevendo em Latim, se escandalizam alguns; se os nam racham com *Excelencias, e Senhorias*: ou se quem escreve se põem em primeiro lugar: ao que chamam injuria. Sem advertirem, que assim se deve escrever na dita lingua: como admiravelmente nota o douto Luiz Vives, repreendendo estes reparadores. Pois sendo certo que a primeira coiza, que ocorre a quem le a carta, é a pessoa que a escreve; e comumente a primeira coiza que se-le, é o nome de quem a escreve, para saber quem é: que deza tenham ou impropriedade é, que quem a escreve se nomeie (o que fizeram muitos doutos nos dois seculos passados, escrevendo a grandes Principes) em primeiro lugar? Verdadeiramente estes que reparam nisto, e cifram toda a sua nobreza, nestes tratamentos; sam almas pequenas, e vis, que se enchem com poucas coizas: as almas illustres e grandes, nam reparam nestas ridicularias. Quam diferentemente os Antigos, ainda escrevendo a Reis,

(1) *Veniet igitur ab ista parasitica mensa, ad hanc regiam.*

(2) *Sume tibi aliquid juris apud me, id usus mihi tecum esse volui, si per validitatem tuam fieri possit. Suet. in vita enim, & non temere feceris; quoniam Virg.*

e Imperadores ! (1) *Platam a Dinizio. Aristoteles a El-Rei Alexandre. C. Plinio Secundo fauda o seu Tito Vespaziano. C. Plinio Cecilio fauda Trajano Imperador.* E é muito de notar, que ainda no-V. século Ausonio, pondo o nome de Paolino antes do-seu, deculpa-se com o verso (2). E se Marcial em alguma parte, fez o contrario a Domiciano, ninguém duvida, que a maior parte, ou quazi todas as inscricoes, nam sam suas. Nam falo no-Imperador Marco Aurelio: o qual nam se-envergonhava de ir às escolas publicas, ouvir as licoens de um celebre Filozofó. Deixo por-brevidade mil outros exemplos. E, concluindo ao noso cazo, que proporsam, progunto, acha V. P. entre os Grandes da-nosa era, e os exemplos que aponto? eu certamente nenhuma. sam formigas à vista de montes. Contudo iso vemos, que aqueles faziam, o que estes desprezam fazer. De que eu concludo, que aqueles intendiam as coizas como deve ser, e estes nam.

Perdoará V. P. esta digressam que fiz, sobre os costumes dos-nosos antepafados, ou dos-abitantes daquela parte da Europa, em que eu nací: porque falando da-Republica Romana, nam posso menos que ficar penetrado, dos-belos exemplos de virtude, que nela encontro. a admirasam me-transporta, e conduz fóra de mim: como creio que fasa a todo o omem, que sabe pezar as coizas. Tudo era grande entre os Romanos. As mefmas reliquias das-súas fabricas, a que eu chamo cinzas da-antiga Roma, mostram, o bom gosto, e a grandeza daqueles Senhores. Eles naceram para dar leis ao mundo: e ainda oje as-dam em toda a materia: mas sobre tudo na Jurisprudencia Natural, e Civil: a qual só se-a-prende bem, observando aqueles antigos exemplares, que foram a admirasam de todo o mundo. Por-iso naqueles paizes estrangeiros, em que se-lem muito os livros da-Antiguidade, acham-se algumas virtudes civis, que sam ignoradas em Portugal. Devemos porem fazer justisa, a muitos Principes modernos, que sabem estimar a virtude, e uzar grande cortezia e afabilidade, ainda tratando com os subditos. E, para nam sair dos-Estrangeiros em que falo, podia citar a V. P. mil exemplos, que nam tem resposta. Os Francezes exceedem muito nisto. E eu li a belissima resposta que deo o Duque de Orleans Regente do-Reino, à Universidade de Pariz, que lhe-fazia um cumprimento; que ieguro nam ter visto, coiza mais cortez. A mefma Rainha Izabel de Inglaterra, a que alguns chamam imperioza, e politica, deu mostras de infinita afabilidade. Quando o Baudio Profesor de umanidades, lhe-fez um cumprimento Latino, por-parte dos-seus companheiros; ela lhe-deo uma resposta Latina, que nam

(1) *C. Plinius Secundus T. Vespasiano suo Sal.
C. Plinius Cecilius Traiano Imperatori.*

(2) *Paulino Ausonius. metrum sic suavit, ut esses.
Tu prior: & nomen praegrederere meum. Epist. 20.*

nam se-pode conceber nem mais cortez, nem juntamente mais grandioza (1). Estes exemplos, e outros que encontra, quem palseia polo mundo, persuadem muito aos senhores Grandes. Onde é o motivo porque dizia a V. P. que o sair fóra do-Reino, seria coiza mui util, para aquistar estas virtudes. Em falta disto, nam acho melhor meio que a Etica, ornada de exemplos civis tirados da-Istoria. Um moço educado desta sorte, principalmente por-um omem, que saiba propor-lhe, e dilatar-lhe os exemplos; nam pode menos que fazer, um grande progresso em toda a materia, a que despois disto se-aplicar. Como intende as coizas polos seus principios julga diferentemente as ditas: e assim será util em todos os seus empregos. Torno a repetir, que na Etica se-devem instruir os rapazes. porque ou dela passem á Teologia, ou às Leis, em ambas as partes é necessáriissima: ou figam a milicia, ou hqnem governando a caza, em todos estes empregos é util, e necessaria a Etica.

Quero porem repetir neste particular uma advertencia, que cuido fiz ja no-principio da-nolã correspondencia; vem a ser, que eu falo com V. P. como se falase com um principiante. O estilo didatico permite-me estes descuidos: e a minha repetida protesta deve desculpalos, no-animo de V. P. o que seja dito uma vez, para sempre. Conheço que V. P. concorda comigo neste ponto: mas tambem prezumo, que, tendo tido apaciencia de me-ouvir até aqui, quererá tambem ouvir, qual é o melhor metodo de aprender isto com facilidade. o que eu farei brevemente.

Digo pois, que a Etica em toda a sua extensam, ou a Filozofia Moral naturalmente se-divide, em duas partes principais. uma, trata do-sumo bem, e é modo de o-conseguir; e a esta comumente chamam Etica: outra, expõem as diversas obrigaçoens do-Omem, a que os Estoicos chamavam *Oficios*, que é o mesmo que dizer, indica o que deve fazer o Omem, que se-quer regular pola boa razam. Estas asçoens ou sam oneftas, isto é, conformes á lei da-razam: ou sam utis samente: de que nace outra nova divizam, desta segunda parte. A Filozofia que considera, as asçoens oneftas, chama-se *Jurisprudencia Natural*, ou *Universal*: que é aquela que aponta, as obrigaçoens do-Omem com Deus, consigo, e com os outros. v. g. de um Pai com um Filho: Marido com a Mulher: Amo com Criados: Rei com Subditos: e Nasam com outra Nasam. Em cadauma destas coizas aponta a *Jurisprudencia Natural*, que coiza deve fazer, ou nam fazer, o Omem, para se-conformar com a reta razam: e promover a sua

TOM. II.

I

feli-

(1) *Ego bene animadverto, ex tua perdocta oratione, quod vestra dominatio me non satis novit. alloqui non attribuisset mihi tam immodicas laudes; quibus me potius onerasti, quam honorasti. Equidem eas in me non agnosco: sed accipio a te amanter, tanquam ab homine amico, & benevolo. Amor tibi di-*

stavit, tam bona verba. ubi autem amor dominatur, ibi judicium non potest esse rectum. Interim gratias tibi habeo, quam possum maximas, propter tuum talem erga me affectum. & obnixè te rogatum cupio, ut velis in ea voluntate constanter perseverare. Vide Orationes Bau-dii.

felicidade, e de todos os outros omens. A parte da-Filozofia Moral que confidera, as afoens utis, chama-se *Prudencia Civil, ou Politica*. Esta trata das afoens utis a Cidade, e Reinos: no-que se-compreende, dirigir as afoens utis a uma familia, a que chamamos *Economia*. Esta é a divizam.

Porem para formar um omem verdadeira idea da-Etica, deve primeiro formar conceito disto, a que chamamos, *Omem*, em quanto aos costumes. Deve pois trazer à memoria, que o Omem, composto do corpo, e alma, é uma criatura infeliz; fugeita a mil mizerias, e enfermidades do-corpo, e do-animo. Porque os conhecimentos do-Omem sam muito limitados, e expostos a mil erros; de que a experiencia nos-dá mil exemplos; que pode confirmar com o que leo na Logica, e Fizica: e porque as propensoens do-animo, a que chamam afetos da-vontade, padecem os mesmos inconvenientes, e nam abraçam o que podem, e devem: o que cada omem pode provar, com o que experimenta em si. Confidere tambem, que os costumes do-Omem, ou aquela propensam que nos-move a obrar mais desta, que daquela forte, depende em muito, do-temperamento do-corpo; e as vezes de algumas coizas exteriores. O Omem, como sam as onras &c. o que a experiencia nos-confirma, com mil exemplos. Confidere alem disto brevemente, que de todas estas enfermidades tanto do-corpo, como do-animo, é cauza, a vontade do-mesmo Omem. De-que se-conclue, que deve o Omem, em quanto pode, procurar o remedio, a todas estas enfermidades. cujo remedio deve ser, a *suma felicidade*, ou pose de um *sumo bem*, se este é posivel: o que por-agora nam provo, mas supponho.

Tendo estes prolegomenos, deve o estudante, para poder examinar se o-á, e qual é este ultimo fim e sumo bem, deve, digo, ver brevemente, quais foram as opinioens dos-antigos Filozofos, sobre este ultimo fim: ou para conhecer os erros de todas elas: ou para escolher entre elas, a mais verosimel, refutando as outras todas. Establecido isto, segue-se examinar, se se-pode conseguir nesta vida, uma tal bemaventurança natural. Despois notar brevemente, (porque pertence à Teologia) qual é a bemaventurança sobrenatural do-Omem, e os seus dotes.

Daqui pasará a examinar, porque meios se-alcança ese fim. E como os meios sam samente, os atos humanos, deve saber, que coiza é ato humano, e suas variedades: despois, qual seja a liberdade dos-atos humanos. E aqui tem lugar, servir-se das-verdades da-Escritura, e algumas expresoens de PP. que nos-ensinam como devemos falar: visto estudar Filozofia Cristian, nam Estaiica. Nam deve porem nesta materia embaralar-se o estudante, com as disputas da-Escola, sobre o modo com que a ciencia divina, e tambem o auxilio divino, nam impede a nosa liberdade. Neste lugar basta abraçar, a opiniam mais provavel; rezervando para a Teologia, a disputa. Onde basta saber, o que a Igreja definiu nesta materia, contra Pelagio de uma parte; e contra Lutero, Calvino, e Jansenio da-outra. Despois, tendo entendido que coiza é, ignorancia, medo, concupiscencia; trez coizas que se-opoem à liberdade dos-atos; deve-se

se examinar, que coiza seja bondade, e malicia dos-atos humanos, e como se distinguem.

É sendo que abundade, ou malicia deles depende da-Lei, deve intender, que coiza é Lei, e qual é a origem dela. Advertirá pois, que todas as leis tem, o mesmo principio. v. g. Lei Natural, é a mesma Divina: com a diversidade, que áquela conhece-se pola luz da-razam: esta foi publicada, e escrita por Deus: a lei das-Gentes, é a mesma Natural, em quanto olha para as afoens externas. A razam disto, é manifesta: porque a mesma Jurisprudencia natural que ensina, a conformar as afoens com a lei Natural, tem dois fins: o primeiro, subordinado à Etica, paraque os omens que amam a Deus; tenham regra certa de regular as afoens. o outro fim, a que chamam segundo, é, promover a externa felicidade de todos os omens: para o que basta a asám externa: nam obstanteque para se-obrar bem, deva unir-se uma com a outra. Onde, se olhamos para cada omem só, o fim da-lei Natural consiste, na asám interna, e externa. se olhamos para a mesma, como applicavel a todas as Gentes, a que chamamos *Jus Gentium*; só se-olha; para a asám externa, que é o fim immediato que Deus teve, quando criou a natureza humana. O que mostra, que lei Natural, e das-Gentes, é a mesma lei: a primeira, applicada a cada omem: a segunda, a todos. O que é necessario intender bem, para se-livrar de alguns prejuizos, e mal fundadas opinioens, que se-acham nesta materia.

Segue-se saber, qual seja a lei divina pozitiva Universal, e Particular: qual a humana tanto Civil, como Canonica: isto istoricamente. Finalmente deve advertir, quais sam as propriedades da-Lei, *publicasam, interpretafam, revogafam &c.* o que é muito necessario, para os ditames civis. É aqui entra por-coroa saber, qual é aquela particular prudencia co-intendimento, que nos-ensina, a conformar as afoens com a Lei, a que chamam *Conciencia*: e suas divizoens: e como se-deve regular o-Omem, por-ela. Compreende isto, a longa disputa das-probabilidades, que certamente nam é propria deste lugar. Onde parece-me, que bastará ao estudante saber, o que neste particular é condemnado, e o que é tolerado: intendendo a razam natural disto, que comumente se-ensina: que se-reduz a isto. Que ninguem deve obrar, contra a conciencia verdadeira, ou seja certa, ou provavel. Que a opinioem mais provavel se-deve preferir, à menos provavel. Que a mais segura deve preferir-se, à provavel, se esta tem mais fracos fundamentos. Que contra a conciencia duvidosa, nam se-deve obrar coiza alguma. Que de dois males morais, nenhum se-deve eleger. Que os escrupulos sem fundamento, se-devem desprezar. Que quando o Omem tem conciencia erronea invencivelmente, deve obrar conforme ela. Como tambem se é vencivel, em materia indifferente. Sendo portem materia proibida, ou mandada, nam pede obrar, sem primeiro examinar, a conciencia. Isto, é o que basta saber por-agora: o mais, reserva-se para outro tempo.

Da conformidade das-açoens com a Lei, nasce no-Omem aquilo, aque chamam *Virtude*: como tambem dos-muitos pecados se-gera o costume, a que chamamos *Vicio*. Deve pois aqui intender, qual é a ideia de *Virtude*. Que esta se-divide em quatro especies, a que chamam *Cardiais*, ou *Fundamentais*; porque delas nascem todas as outras. E deve saber, como obram as *Virtudes*. Esta doutrina, tendo recebido os principios da-Fizica que sugerimos, facilmente se-percebe: e bem se-compreende, que nam á mais que uma virtude, que é a *Prudencia*: a qual, segundo diversas applicaçoens, tem diversos nomes. Onde deve formar, verdadeiro conceito das-coizas, sem fazer cazo, do-que dizem muitas *Éticas* neste particular. E daqui, por-contraria razan, conhecerá, que coiza é *Vicio*.

A segunda parte da-*Ética* divide-se, comò disemos, em duas partes. A primeira, é a que trata, dos-varios officios ou obrigaçoens do-Omem: da-qual agora discorreremos. Deve pois o estudante saber, quais sam as obrigaçoens, que a lei Natural mostra, devo uzar com Deus, e comigo em quanto ao corpo. Deípois, os officios que um omem tem, com outro omem, ou uma Nam com outra: tanto os *absolutos*, como lhe-chamam os Juristas, e de que nasce perfeita obrigaçam; como os *ipoteticos* &c. Seguem-se as obrigaçoens dos Cazados: dos-Pais, e Filhos: Amos, e Criados: Principes, e Suditos. Finalmente, para compreender tudo bem, deve saber os meios, por-que os Omens se-movem a observar as leis: a saber a Pena divina, e umana: a Guerra, com as suas antecedencias, e consequencias: Patos de guerra, e de paz &c. Esta materia nam é tam difuza, como muitos crem: pois pode-se compendiar muito bem; e com facilidade se-pode tomar ideia, de todas estas obrigaçoens: porque o que agora se-procura, nam é uma longa istoria; mas a razam primaria, de todas estas obrigaçoens.

Parece-me, que nisto se-compreende, o que basta ao estudante. A outra parte da-*Ética*, aque chamam *Jurisprudencia Civil*, ou *Politica*; e que ensina o modo, de regular as açoens dos-omens particulares, em quanto sam membros da-sociedade civil; nam julgo ser tam necessaria, ao estudante de Filozofia; que nam quer ser, ministro de-Estado, nem ter empregos publicos. Onde por- agora samente explicaria, a primeira parte da-*Ética*, e a *Jurisprudencia Natural*, que é necessaria a todo o omem. Porem quando o estudante quize se, seguir a Lei, &c. neste cazo obriga-loia, a que a-estudáse, e completáse o estudo da-*Ética*, antes de entrar na Lei. A razam disto é, porque a *Jurisprudencia Civil*, tam necessaria a todos os que tem empregos publicos, nam se-pode separar da-*Ética*, sem cair em infinitos erros: porque omem, que nam des-pe primeiro, por-meio da-*Ética*, os vicios do-animo; todas as açoens deste omem, nam sam officios, mas vicios e maldades. A *Politica* sem *Ética*, é arte de enganar: pois só é bom cidadan, o que é omem bom. Onde quem quer seguir aqueles empregos, deve unir a prudencia, com os principios da-*Ética*. Mas disto falarei a seu tempo: que neste lugar nam é necessario.

Sei que alguns, que abraçam uma divizão nam dessemelhante da que infinição, executam-na muito mal: pois enchem a Ética de disputas, futilidades, divizoens impertinentes, com o pretexto de seguir em tudo Aristoteles. &c. Outros, introduzem longuissimas disputas, mais proprias de Teólogos, e Juristas, do que de Filozofos. Mas no-nosso caso deve-se fugir um, e outro extremo. As coisas que são incontrôverfias, ou claras, devem-se expor brevemente: e naquelas que são disputadas, pode-se dar a razão clara do que se diz; e talvez responder aos argumentos contrarios, sem declinar para o sofisma. Este é o motivo, porque a Ética dezagrada a muitos: porque devendo tratar-se historicamente, visto que a maior parte assim se deve expor; eles enchem-na de tais arengas, que nem menos um homem feito os pode entender. Dificultosamente se acha uma Ética, feita pelo modo que digo. Os que escreveram bem nesta materia, são Grocio (1), e o Baram de Puffendorf (2): Porque aindaque antes de Grocio, o famoso Bacon de Verulamio dese os principios, e ensinase a estrada nesta materia; nam deu porem um sistema inteiro, com bom metodo, como o Grocio: e melhor que este, Puffendorf. Mas estes são autores difuzos, e somente proprios para os mestres, e ambos erjes; aindaque comumente os leiam todos. O Muratori escreveu uma Ética em Italiano: mas também é difuzo, e em varias partes nam agrada a muitos, pois declina muito para sermão. Alguns Alemães v.g. Heinecio, Vitriario &c. tem escrito bem nesta materia, principalmente nestes ultimos tempos: mas nem a todos agradam. Certo amigo noio o *** tem composto uma, que me parece proporcionada ao intento. a qual seria util que se-impresse: e é Latina. No-entanto, pode-se ler Puffendorf: e quem nam tiver outra, pode ler o compendio de Purcozio: aindaque na minha estimam, e também de homens doutos, nam valha nada, porque disputa muito. Se o mestre visse, que o estudante nam podia acabála toda, bastaria que lhe-explicasse as principais partes: e lhe-encarregasse, que antes que se-aplicasse a outro estudo, a-lesse e considerasse bem. Por-isto digo, que para estes principios, deve-se buscar nam livro grande, mas compendio, e claro: e em Portugal, onde ainda nam se-introduzio este estillo, é necessario uma Ética particular: e nam servem todos os livros, que em outras partes agradam.

Mas também devo advertir a V. P. que neste particular tanto cuidado se deve ter, em buscar uma Ética boa, como em fugir, de todas as que são más: achando-se muitas nocivas, e outras impias, ou pouco menos. Na classe das nocivas, ponho a Ética do-Conde Tezauro: pois por-querer seguir muito Aristoteles, fez uma obra descarnada, cheia de muitas divizoens, e poucas doutrinas boas: o que quero se-intenda também, de outras semelhantes a esta. Entre as impias, a primeiras é a de Machiavelo: porque nam dizendo ele senam aquilo, que se-pratica todos os dias nas cortes, e outras partes; facilmente inspi-

(1) *De Jure Belli & Pacis. 4. volum. 2.*

(2) *De Officio Hominis & Civis. 16. = de Jure Natura & Gentium 16.*

inspira o veneno dos-seus principios, apadrinhado pelo uzo comum. Ponho em segundo lugar, a de Spinoza Olandez, que é impia por-outro principio. tira a liberdade ao Homem: e confunde o Homem com Deus: e tudo isto debaixo de bellissimas expressões, que podem enganar qualquer. Ponho em 3. lugar Thomaz Hobbes Inglez. Este homem foi um grande Filozofa, e Geometra: e também em materia de *prudencia Civil* escreveo mui bem, nos-seus trez livros intitulados: *Elementa Philosophica de Cive*, aonde trata do-direito Natural, e das Gentes. mas entre eles introduzio mil ipotezes falsas, e temerarias, e é um verdadeiro Epicureo, Locke outro Inglez famoso, tratou também do-direito Natural &c. com a sua costumada penetrafam, e profundidade: mas á muita gente a quem nam agrada por-certas razoes: polo menos, nam fez um corpo inteiro de doutrina. Cuido, que polos mesmos principios, nam agrada o Barbeirac. O certo é, que estes autores tem muita coiza boa, e também muita má. onde nam servem, senam para homens feitos, e bem fundados nos-principios da-religiam Catolica: que os-podem ler sem perigo, e deles tirar o que é util. Digo isto a V. P. porque como creio nam terá toda a noticia, destes livros estrangeiros, nam succeda enganar-se; aconselhando a alguma dos-seus amigos, ou dicipulos, a leitura destes, e semelhantes autores; que frequentemente se acham citados com grande louvor, por-alguns, que nam explicam, nem distinguem isto bem.

Tenho dito a V. P. o que me-ocorre, sobre o modo de completar o estudo filozofico. A alguns dezagradará este metodo, porque nam costumam aprovar, senam o que eles praticaram; sem examinarem, se foi bem, ou mal feito. Com estes nam disputo: nem para estes escrevo. Escrevo sim para V. P.: que sei nam me-condenará, sem primeiro ouvir, e examinar, as minhas razoes. Mas nem menos amo tanto a minha opiniam, que me persuada, que nam se-pode dispor tudo, de outra maneira: bem que a minha se-conforme, com a de muitos homens doutos. Antes sou tam docil nisto, que pode admitir, diversidade de pareceres, que eu mesmo confesso, que se o estudante quizer empregar todo o ano terceiro, com a Fizica; nam o-condenarei: contantoque, antes de estudar alguma das-proposicoes apontadas, estude a Etica, que sam os primeiros elementos. Porém devendo dizer a V. P. o meu parecer, disse como se-podia ordenar, um curso de Filozofia completo, e util nam só para regular o juizo, mas também as acoens da-vida: coiza que ou o homem fique em caza, ou siga alguma faculdade, sempre é necessaria. Alem diso, dei a ideia, de seguir um curso muito mais util, no-mesmo, e ainda menor tempo, doque comumente empregam em coizas desnecessarias. Se pois falamos das-Universidades, em que se-determinam 4. anos para a Filozofia, com muita mais facilidade, se-pode fazer este estudo no 4. ano. Aindaque eu intendo, que nessas mesmas Universidades bastavam os trez anos: e nos-estudos particulares podia encurtar-se o tempo. E quando se-executase este metodo como digo; facilmente se-conheceria, quam diferente utilidade se-tirava da-Filozofia, doque até aqui se-tem tirado. Deus guarde a V. P. muitos anos &c.